

Rauana Batalha Albuquerque Mendes

Veredas Poéticas de



Juvenal Antunes



Edufac

Edufac 2018

DIREITOS EXCLUSIVOS PARA ESTA EDIÇÃO:

Editora da Universidade Federal do Acre (Edufac),

Campus Rio Branco, BR 364, Km 4,

Distrito Industrial — Rio Branco-AC, CEP 69920-900

68. 3901 2568 — e-mail: edufac.ufac@gmail.com

Editora Afiliada:

Feito Depósito Legal



Associação Brasileira
das Editoras Universitárias

Rauana Batalha Albuquerque Mendes

Veredas poéticas de



Juvenal Antunes



Edufac
2018



Edufac

VEREDAS POÉTICAS DE
JUVENAL ANTUNES
ISBN 978-85-8236-073-6
Copyright © Edufac 2018, Rauana
Batalha Albuquerque Mendes
Editora da Universidade Federal do
Acre - Edufac
Rod. BR 364, km 04 • Distrito
Industrial
69920-900 • Rio Branco • Acre

Diretor

José Ivan da Silva Ramos

Coordenadora Comercial

Ormifran Pessoa Cavalcante

Editora de Publicações

Jocília Oliveira da Silva

Design Editorial

Leonésio Ponce

Capa

Leonésio Ponce

Revisão de texto

a autora

CONSELHO EDITORIAL

Presidente

José Ivan da Silva Ramos

Vice-Presidente

José Porfiro da Silva

Membros

Carromberth Carioca Fernandes

Délcio Dias Marques

Esperidião Fecury Pinheiro de Lima

Humberto Sanches Chocair

José Sávio da Costa Maia

Leandra Bordignon

Lucas Araújo Carvalho

Manoel Limeira de Lima Júnior

Almeida,

Maria Aldecy Rodrigues de Lima

Rafael Marques Gonçalves

Rodrigo Medeiros de Souza

Rozilaine Redi Lago

Selmo Azevedo Apontes

Sérgio Roberto Gomes de Souza

Silvane da Cruz Chaves

Simone de Souza Lima

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

M528v Mendes, Rauana Batalha Albuquerque
Veredas poéticas de Juvenal Antunes / Rauana Batalha
Albuquerque Mendes. – Rio Branco: Edufac, 2018.
235 p.

ISBN: 978-85-8236-073-6

1. Poesia brasileira. 2. Escritores brasileiros. 3. Literatura. I. Título.

CDD 22. ed. B869

Biblioteca Maria do Socorro de O. Cordeiro – CRB 11/667

Resgate de um poeta

Olinda Batista Assmar

Juvenal Antunes (Ceará-Mirim, Rio Grande do Norte) é mais um desses inúmeros escritores brasileiros que, mesmo tendo publicado seu primeiro livro em um grande centro cultural do país, acaba relegado a um plano inferior, não tendo mérito reconhecido na vida literária nacional. Vários são os motivos prováveis desse anonimato durante todo o século XX. Um dos mais fortes deve-se ao espaço onde aconteceu sua produção – a região norte do país. Esta de escassa vida cultural e com pouco trânsito nos maiores centros, não conseguiu projetá-lo nacionalmente. Além disso deve-se ao preconceito existente em relação à cultura nortista e mais especificamente ao isolamento em que vivia o Acre, terra que o poeta escolheu para viver na sua vida adulta.

Embora seu nome fosse conhecido no Acre e consagrado outrora como “o príncipe dos poetas acreanos”, homenageado com nome a escola pública, esculpido em bronze, no segundo distrito de Rio Branco e lembrado, mais recentemente em minissérie da Globo – Amazônia: de Galvez a Chico Mendes, o estudo de seus poemas, ou de grande parte deles, só ocorreu a partir de pesquisas nos jornais feitas por alunos de graduação da Ufac, integrantes do projeto Amazônia: os vários olhares, coordenado por mim e pela aluna de mestrado Rauana Albuquerque, também da Ufac, esse trabalho, que aprofundou sua leitura dos poemas previamente realizados na graduação, foi desenvolvido no século XXI. Antes, porém, a prof.^a Laélia já se dedicara a obter algumas informações e publicar alguns comentários sobre a poesia juveniana. Em 2004, foram coletados e analisados todos os poemas encontrados nos jornais de Sena Madureira, do início do século XX, por Carla Pereira e Rauana Albuquerque, alunas da graduação em letras e bolsistas de iniciação científica, mais tarde, em 2011, a autora desse livro

apresentou sua dissertação de mestrado na Ufac sobre a poesia de Juvenal Antunes.

Mesmo com essa incursão na produção poética do escritor, o poeta continuou conhecido no Acre, mas pouco divulgado na região norte. No Rio Grande do Norte, notadamente em Ceará-Mirim, sua terra natal, por ocasião do centenário da cidade em 2002 sua sobrinha-neta, Lúcia Helena Ferreira, publicou alguns dos poemas originais e mais alguns livros Acreanas e Cismas, junto com notas biográficas. Observa-se que o conhecimento sobre o poeta não atravessou as fronteiras do Acre e nem da sua terra de origem, mesmo tendo seu primeiro livro, Acreanas, editado e publicado em 1922, pela Tipografia e Editora O Norte, no Rio de Janeiro (Laélia, 1922. p. 111). Vale ressaltar que a produção poética do autor centra-se em poemas líricos, filosóficos e satíricos, permeando o estilo clássico e moderno e não trata apenas de temática regional, mas cuida de temas universais.

Os poemas líricos tematizam o amor e a musa inspiradora é Laura. Essa temática amorosa é variada percorrendo da felicidade à separação e sofrimento. As etapa final deságua em reflexões sobre o amor e a vida, mais próximos da veia irreverente do poeta. Aliás os poemas satíricos e humorísticos são os que mais agradam. A maior parte desses poemas circulou nos jornais do Acre, notadamente na Folha do Acre, em Rio Branco e nos de Sena Madureira por todo o período do Acre território, como ocorre com os demais poetas que encontravam nesse meio de comunicação a única via de publicarem sua produção poética e literária.

São poemas do início do século XX e compõem, além de outras as primeiras manifestações literárias do Acre. A exemplo de Olavo Bilac, Juvenal Antunes voltou-se também para o sentimento cívico ao louvar e elogiar ou homenagear vultos da história nacional, como Rui Barbosa, esquecendo-se da terra e do homem que o acolheu como filho.

Esmeraldo Siqueira citado por Laélia (p. 115), fala de um livro O Poeta Inolvidável em que destaca o caráter irreverente e boêmio de Juvenal Antunes.

No estudo das cartas (2017, p. 59), as cartas-horóscopo do poeta são chamadas cartas-poema, mais humorísticos e jocosos que satíricos que “visam homenagear brincando com alguém de seu convívio” (p. 60). Esses poemas mostram o desagrado às máscaras sociais por isso unem humor, sátira e ironia para criticar as instituições e convenções sociais.

É a obra desse poeta que a autora, professora Rauana Albuquerque, tomou para si como tema de sua dissertação de mestrado, da qual tive o prazer de ser orientadora e membro de sua banca examinadora em 2011, na Universidade Federal do Acre.

Louve-se em seu trabalho não apenas o olhar abrangente, a penetração crítica ou lógica expositiva, mas sobretudo a decisão de tomar como tema um poeta cuja obra poética estava espalhada pelos jornais do Acre. Com seu estudo e a antologia organizada dos poemas estará contribuindo com a cultura do Acre ao oferecer a outros estudiosos um material precioso do início do século XX, um resgate consistente de nossa poesia do Acre Território.

Nota Preliminar

Este livro é uma adaptação de uma pesquisa acadêmica – dissertação de mestrado – por mim defendida na Ufac em 2011, que nasceu da vontade de continuidade do estudo empreendido sobre a obra do poeta, ocorrido em 2004, quando era aluna de graduação e bolsista de investigação científica, e da necessidade de oferecer ao Acre um trabalho mais completo e organizado da obra do poeta Juvenal Antunes, pioneiro da publicação de livros de poesia no Acre. Com esse trabalho esperava eu fazer tributo a esse poeta que muito colaborou para a construção da cultura acreana. A essas justificativas juntesse a curiosidade pela figura do poeta retratado na televisão. Portanto não faltaram motivações para o desenvolvimento do presente estudo.

Os poemas que constituíram o corpus deste trabalho, grande parte foram coletados dos jornais do Acre já que somente foi encontrado o livro Acreanas (1922), de autoria de Juvenal Antunes. Também busquei informações contextuais em obras de críticos da literatura brasileira e historiadores regionais especialmente do nordeste ou do próprio Rio Grande do Norte, terra de nascimento do poeta a fim de permitir situar melhor os poemas no espaço e no tempo e tentar revelar suas opções formais, de conteúdo e imagéticas. São esses contextos que iluminam e até explicam muitos dos seus poemas.

Logo, em vez de encontrar uma obra de temática regional, deparei-me com um conjunto de poemas que cantam o amor, a saudade, o bem querer, as coisas miúdas do dia-a-dia e os prazeres contagiante da terra natal, enquanto nos seus versos sobre o Acre, sua terra natal por opção, o autor demonstra certa preocupação com a exploração do homem nos seringais na época da crise da borracha. Outra faceta da obra do poeta evidencia a sua face irreverente por meio de poemas

humorísticos e satíricos, mais consoante o seu modo de ser, de pensar e de agir.

Por meio desse estudo, são dados os primeiros passos para a divulgação e aprofundamento do conhecimento de obras poéticas acreanas, que certamente se juntarão a outros estudos já realizados ampliando os estudos críticos sobre essa produção.

Neste momento, após seis anos muitas seriam as modificações que se poderia fazer no trabalho, mas optei por manter a sua forma original que corresponde autenticamente, a uma fase de minha formação profissional. Quiçá pudesse eu continuar aprofundando os estudos sobre a obra desse poeta tão diverso, se não fora minha decisão de privilegiar e dar mais sentido a minha vida pessoal junto à minha família.

Gostaria de registrar gratidão à prof.^a Dr.^a Olinda Batista Assmar, pela orientação exigente, mas amiga durante toda a pesquisa; às queridas professoras Dr.^a Gisela Maria de Lima Braga Penha e Dr.^a Simone de Souza Lima, componentes de nossa banca de defesa, pelas inteligentes indagações e preciosas informações complementares ao trabalho; aos amigos e amigas de curso e da igreja, enfim, a todos os meus familiares, especialmente meus pais e esposo.

Agradecimento ainda maior destino ao Senhor Deus, autor da minha fé.

A título de dedicatória, este trabalho homenageia Lúcia Helena Pereira (*in memoriam*) e à minha doce Amora.

Sumário

| | |
|------------------|----|
| INTRODUÇÃO | 13 |
|------------------|----|

CAPÍTULO 1

| | |
|--|-----------|
| DAS VEREDAS ESPAÇO-TEMPORAIS: CONTEXTOS DA TRILHA DE JUVENAL ANTUNES..... | 21 |
| 1.1. Das origens do poeta a trilhas contextuais..... | 23 |
| 1.2. Amazônia acreana na trilha do poeta | 34 |

CAPÍTULO 2

| | |
|---|-----------|
| TENDÊNCIAS TEMÁTICAS E ESTÉTICAS DA POESIA JUVENALINA..... | 49 |
| 2.1. Percurso humorístico e humor jocoso | 52 |
| 2.2. Poemas satíricos: críticas e resistência | 60 |
| 2.3. A lírica juvenalina..... | 70 |
| 2.4. Tendências estéticas: formas poéticas..... | 79 |

CAPÍTULO 3

| | |
|--|-----------|
| FORÇAS MOTRIZES..... | 91 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 105 |
| REFERÊNCIAS..... | 107 |
| ÍNDICE REMISSIVO DOS POEMAS | 115 |
| POEMAS POR MODALIDADE DE EXPRESSÃO | 121 |

INTRODUÇÃO

A história da poesia se confunde com a história do homem, pois fez parte, desde os primórdios até os tempos hodiernos, de celebrações, ritos, enfim, de momentos vários do cotidiano. A poesia surge antes da escrita e é por esta estabelecida, desenvolvida, modificada e presentificada através dos tempos.

Mas, afinal, o que é poesia? Várias são as concepções, mas escolhemos para nos apoiar a concepção da professora de Literatura Nelly Novaes Coelho (1976, p. 57) por ser ela mais didaticamente compreensível, pois quando afirma que “a poesia é fenômeno criador que transforma em linguagem as emoções, os impulsos ou reações do poeta em face de determinada realidade” demonstra o poder que a linguagem tem na construção da poesia. É bom que se diga que linguagem aqui não se confunde com língua, expressão estritamente verbal, mas expressa por meio de códigos gráficos, com fala sonora ou silenciosa, comunicação que pode emocionar, causar prazer ou despertar outros sentimentos, bons ou ruins, alegres ou tristes.

Para ela ainda, o poema é a expressão verbal, a forma que “aprisiona” esse estado de espírito do poeta. O estruturalista Cohen (1974), analisando os pormenores da *estrutura da linguagem poética*, observa que no poema ocorrem *desvios*: estéticos, na comparação entre prosa e poesia; individuais, no que diz respeito ao estilo de cada poeta; e, codificados, no tocante ao uso da versificação.

Ainda no que se refere aos *desvios* da linguagem poética, Cortez e Rodrigues (2009, *apud* BONNICI & ZOLIN, p. 63), ressaltam que “ensinam os manuais que ler poesia é destrinçar os estratos do poema, o *semântico*, o *sonoro*, o *lexical*, o *sintático* e o *gráfico* (ou visual)”. Dito de outro modo, os *desvios* da linguagem poética citados por esses estudiosos dão conta do que difere o texto poético, em sentido restrito – o poema, da prosa, mais calcada na *norma*. Isto quer dizer que a mensagem poética, por assim dizer, não é dada a ler denotativamente e

obedecendo às mesmas regras lingüísticas que o texto em prosa. Na construção de um poema, seu feitor opta por palavras, pode distribuí-las em versos, com diversas possibilidades de combinação rítmica e em uma disposição gráfica que também contribua como recurso imagético e/ou lingüístico, artifícios que tornam a escritura poética incomum. Sendo assim, ler poesia é saber identificar os sentidos e entrelaçamentos estabelecidos por cada uma dessas escolhas que o poeta, artífice da linguagem, faz quando constrói o poema.

Cabe-nos também lembrar que, na tentativa de encaixe da poesia em uma determinada tradição literária ou estilo de época, ou mesmo na de romper com os padrões vigentes, a produção poética pode sofrer variações, predileções a uma determinada temática como a exaltação da natureza ou da mulher (idealizada como pura, bela e loura), uma das mais recorrentes no Romantismo; a uma fôrma poética, como o soneto de versos decassílabos ou alexandrinos, no Parnasianismo; ou a neologismos e expressões coloquiais como as encontradas nos poemas modernistas; ou mesmo dispor o poema graficamente em formatos (de palavras, de imagens) como o fizera Paulo Leminski e outros concretistas brasileiros, já na metade do século XX. O prazer da leitura de um poema pode ser suscitado pelas imagens, som e intelecção que provocam no leitor.

Já o poeta e crítico literário Gilberto Mendonça Teles (2005) destaca que a poesia tem funções e uma delas é a de por à mostra, por meio do trabalho artístico com as palavras, do ritmo e do recurso imagético, as coisas simples e pequenas que vão passando despercebidas aos nossos olhos no tumulto do cotidiano. Em outras palavras, a poesia consegue absorver ou captar e, ao mesmo tempo, dar sentido às coisas mais simples da vida, tocando de uma maneira estranha e prazerosa o que nos é comum. Sua concepção é moderna, no que concerne ao objeto poético.

Ressaltamos, também, que a poesia é memória, pois “sob forma abstrata, ela preserva do desaparecimento definitivo o pouco que conquistamos” (LYRA, 1986, p. 84). O responsável por esse resgate é o poeta. Entendemos que ele é quem dá significado diferenciado, deixa vislumbrar sua mundividência, seus sentimentos, seus passos dados ou possíveis em tempos e espaços determinados, além de suas impressões e expressões. Também concebemo-lo como “antena da raça”¹, porque é emissor e receptor dentro do poema, ele fala por si e por outros, é simultaneamente individual e plural.

Um desses seres sensíveis e que escolheu percorrer as trilhas da poesia foi Juvenal Antunes de Oliveira, poeta nascido no Rio Grande do Norte, mas que viveu boa parte de seus dias no Acre. O nome do poeta é conhecido no Estado do Acre, pois já foi consagrado, outrora, como “o príncipe dos poetas acreanos”, homenageado nomeando escola pública, retratado na minissérie televisiva *Amazônia: de Galvez a Chico Mendes*, além de ser esculpido em bronze, frente a um memorial, no segundo distrito de Rio Branco – AC.

No entanto, a poesia juvenalina constitui-se objeto pouco estudado, pois raros são os trabalhos publicados de que se tem notícia sobre o autor e sua obra e estes não têm a abrangência que se pretende dar a este estudo, pois constatamos que não há nenhuma publicação organizada em forma de antologia comentada, com o objetivo de divulgar e fazer conhecida a obra do autor bem como fazer tributo por esse viés poético que colabora com a construção da cultura no Acre. Os trabalhos se resumem no comentário de alguns poemas esparsos.

Nesse sentido, apontamos o pioneiro estudo crítico-biográfico do intelectual potiguar Esmeraldo Siqueira (2008)², que reúne alguns poemas, cartas e informações biográficas, no intuito de destacar a importância do *boêmio inolvidável* no

¹ Definição de Ezra Pound *apud* PAIXÃO, Fernando. **O que é poesia**. São Paulo: Brasiliense, 1991.

² A edição a que tivemos acesso, datada de 2008, trata-se de uma reedição publicada pela EDUFRRN, da obra que foi publicada em 1968.

panorama literário do Rio Grande do Norte. Já a professora acreana, Laélia Silva (1998), ressalta a contribuição do poeta pela publicação do primeiro livro de poesias do Acre, *Acreanas*, em 1922, e sintetiza o conteúdo do livro, além de mostrar algumas poesias publicadas nos jornais acreanos.

Em comemoração ao centenário de Ceará-Mirim – RN, berço de Juvenal Antunes, sua sobrinha-neta Lúcia Helena Pereira (2002) reúne vários poemas originais do tio-avô, que estavam em poder da família e outros coletados nas obras *Acreanas* e *Cismas*³, os publica junto a algumas notas biográficas. Mais tarde, em 2008, ela publica 10 artigos com mais poemas e curiosidades no site da Biblioteca da Floresta de Rio Branco, no Acre. Nesse entremeio, em 2004, foram documentados e analisados literariamente todos os poemas de Juvenal Antunes publicados nos jornais de Sena Madureira – AC, no início do século XX, por Carla Pereira e Rauana Albuquerque, então bolsistas de Iniciação Científica do Projeto: *Amazônia: os vários olhares*, coordenado pela Prof^a. Dr^a Olinda Batista Assmar, da Universidade Federal do Acre – UFAC.

Nesse sentido, a nossa pesquisa, intitulada **Veredas Poéticas de Juvenal Antunes** pretende contribuir com o estudo da poesia de Juvenal Antunes, reunindo todos os poemas de sua autoria que conseguimos encontrar e analisando suas principais tendências temáticas e estéticas, bem como procurando descobrir as forças motrizes que o impulsionaram a se expressar de tal maneira em dado momento histórico e literário no Brasil, e, conseqüentemente, também no Acre.

Acreditamos que a importância maior de nosso trabalho dá-se pela tentativa de trazer ao conhecimento do público a produção poética completa do escritor. A divisão de todos esses poemas em agrupamentos temáticos discutidos e embasados teoricamente também é outra contribuição, bem como a

³ Infelizmente, não tivemos acesso a obra *Cismas*, pois já não existe mais nenhum exemplar; a última cópia foi extraviada da família, conforme conversa com Lúcia Helena Pereira.

análise das principais escolhas e recursos adotados por Juvenal em seu fazer literário poético. No tocante aos estudos literários, acreditamos que esse trabalho pode ser mais uma referência de estudo de poesia “acreana”. Ressaltando, porém, que não está fechado o estudo sobre a poesia de Juvenal Antunes; temos aqui, provavelmente, um ponto de partida, um esboço sintético de apresentação do autor e seu perfil literário.

Particularmente, para esta pesquisadora, a experiência do primeiro contato (mais aprofundado) com a poesia, na Iniciação Científica, junto à curiosidade pela figura do poeta retratado na televisão, foram as maiores motivações para a presente pesquisa, que foi árdua e gradativamente tomando forma durante o curso de *Mestrado: Linguagem e Identidade*, com as contribuições e desconstruções feitas a partir das disciplinas cursadas, mini-cursos, palestras e orientações.

Este estudo consiste, fundamentalmente, em uma pesquisa bibliográfica. A constituição do *corpus* consiste nos poemas recolhidos nos trabalhos publicados, já citados, de Siqueira (2008), Silva (1998), Pereira (2002; 2008), Pereira & Albuquerque (2004), além de outros – muitos inéditos – coletados por nós nos jornais *A Capital*, *Acre*, *Folha do Acre* e *Jornal Oficial*. Foram imprescindíveis, para a execução do trabalho, as leituras teóricas e de apoio – como as críticas e históricas – que serviram de base para a análise e contextualização do material da pesquisa.

Para melhor entendimento das *Veredas poéticas de Juvenal Antunes*, o primeiro capítulo, **Das veredas espaço-temporais: contextos da trilha de Juvenal Antunes**, possui um esboço biográfico do poeta, além de principais informações crítico-teóricas e históricas sobre as origens do poeta: o Nordeste brasileiro, o Estado do Rio Grande do Norte, a pequena cidade de Ceará-Mirim. Para o esboço biográfico, contamos com as mesmas fontes utilizadas para endossar o *corpus*, além de Gurgel (2001). No tocante aos apontamentos crítico-teóricos, contamos com Albuquerque Júnior (2001) e os históricos, feitos

por Lima (1976), Nadai & Neves (1997), além de consultas a sites potiguaras particulares (de credibilidade) e do governo do estado do Rio Grande do Norte.

No mesmo capítulo, encontra-se, também, uma pequena discussão crítico-teórica sobre a região de destino de Juvenal e onde viveria a maior parte de seus anos, a região Amazônica, baseada em Gondim (1994), além das contribuições de Martinello (2004), Ranzi (2008) e Souza (2005), para a contextualização do estado do Acre e as cidades de Sena Madureira e Rio Branco, lugares onde Juvenal morou e produziu grande parte de sua poesia.

O segundo capítulo, **Tendências temáticas e estéticas da poesia juvenalina**, consiste na reunião dos poemas, leitura compreensiva e interpretativa para levantamento das principais tendências temáticas, estéticas e modalidades de expressão. Nesse momento, fazemos a apresentação dos poemas, divididos e classificados, em três grupos, a partir das modalidades de expressão: satírico, humorístico e lírico. Para a criação destes três agrupamentos levamos em conta a natureza dos textos poéticos e os apontamentos feitos por Aguiar e Silva (2000) a despeito da problemática dos gêneros literários e suas transformações ao longo do tempo.

Para a apresentação dos agrupamentos dos poemas satíricos e, também, dos humorísticos, tomamos as contribuições do autor Henri Bergson (1980) como parâmetro teórico acerca do riso e sua gradação e que foram importantes, pois percorrem do humor jocoso à ironia fina e sarcástica. De Wladimir Propp (1992), a ampliação da teoria da gradação do riso, com maior destaque ao riso de *zombaria*, isto é, o da sátira. De Mikhail Bakhtin (2008), nos apropriamos dos estudos sobre a ligação entre a comicidade e o popular. De Wandercy Carvalho (2008), a compreensão das sátiras latina e menipéia e dos professores Miguel Wisnik (1973) e João Adolfo Hansen (1989), mais profundidade acerca da sátira por meio dos poemas de Gregório de Matos. Já de Alfredo Bosi, (2000), foi-nos importante o

conceito de *poesia resistência*, posto que nos permitiu fazer uma reflexão do aspecto da resistência e do inconformismo ao caos estabelecido, nas críticas veementes dos poemas satíricos. Nádia Souki (1995) e Carignatto (2010) contribuíram com o pensamento de Hannah Arendt acerca de temas abordados pela sátira juvenalina, como a alienação do trabalho humano, principalmente na modernidade, a *banalidade do mal*, dentre outros.

Neste capítulo, ainda contamos com as contribuições de Salete Cara (1989), Laélia Silva (1998) e Antônio Cândido (2006) para compreender e analisar o lirismo em suas variadas manifestações: das juras amorosas à desilusão com a vida.

No terceiro e último capítulo, pretendemos refletir acerca das **Forças motrizes**, numa tentativa de compreensão das escolhas temáticas e estéticas, analisando as influências e diálogos que a poesia juvenalina estabelece dentro do panorama literário nacional do início do século XX, ou seja, no chamado Pré-modernismo que acolhe tanto o *conservadorismo quanto a renovação*. Para tal, contamos com os preciosos estudos de Massaud Moisés (1994) acerca da literatura portuguesa, bem como as reflexões específicas de Bosi (1973; 2003) quanto ao Pré-modernismo e também no amplo percurso da literatura brasileira. Já do professor Gilberto Mendonça Teles (1973), extraímos a influência de Camões na poesia brasileira, fora outros autores já citados em outros capítulos e que aqui reaparecerão.

Com esta investigação, um recorte da produção poética do/no Acre, tem-se a expectativa de conseguir desvelar traços da poesia de Juvenal Antunes e contribuir, ou talvez, reforçar a inserção e divulgação do autor no panorama literário local, regional e, conseqüentemente, nacional.

CAPÍTULO



1

DAS VEREDAS ESPAÇO-TEMPORAIS: CONTEXTOS DA TRILHA DE JUVENAL ANTUNES

1.1. Das origens do poeta a trilhas contextuais

Juvenal Antunes de Oliveira nasceu no engenho Oiteiro, no município de Ceará-Mirim em 29 de abril de 1883, filho do coronel José Antunes de Oliveira e Joana Soares de Oliveira e neto do Barão de Ceará-Mirim, o Coronel Manoel Varela do Nascimento, o primeiro potiguar a ser agraciado com o título de barão por decreto imperial (1874), devido sua contribuição à instrução pública municipal.

Embora sempre zombado pela aparência considerada feia, Juvenal Antunes revelou inteligência precoce no conhecimento das letras e em seguida partiu com o irmão Ezequiel para estudar em Recife – PE, no colégio Parthenon, onde conseguiu elogios do diretor, o qual dizia que Juvenal era a “águia” do estabelecimento.

Retornando de Recife, para a cidade de Natal, fez o curso secundário no Colégio Atheneu, onde também foi considerado aluno brilhante. Após o curso, matriculou-se na Faculdade de Direito de Recife, colando grau em Direito, aos 19 anos de idade, no dia 15 de dezembro de 1902. Siqueira (2008, p. 18) ilustra a situação de Juvenal a essa época como “tímido e religioso no começo, o estudo e a experiência da vida fizeram-no perder a fé, tornando-o livre pensador até a morte”.

Já formado quis tentar a vida na capital potiguar, no entanto, o Dr. Pinto de Abreu, Diretor da Instrução Pública do Rio Grande do Norte conseguiu, junto ao então governador Alberto Maranhão, uma Promotoria para Juvenal Antunes no município de Açu – RN, onde se demorou pouco tempo, pois considerava que a monotonia do lugar e a presença constante de morcegos estavam a “sugar-lhe o restinho do juízo”. Posteriormente, foi nomeado secretário do Dr. Calistrato Carrilho, na Saúde Pública do Estado.

Nessa época o poeta já havia escrito e publicado vários poemas, tanto que em 1909 lançou em Natal seu primeiro volume, intitulado *Cismas*, prefaciado pelo amigo Henrique

Castriciano. Juvenal também fundou um jornal lítero-político com os amigos Galdino Lima e Honório Carrilho, denominado *A Capital*.

Conforme Pereira (2008), “alheio às hipocrisias sociais, Juvenal levava a sua vidinha de boêmio e poeta”. A vida desregrada e os “seus escritos em linguagem liberal” causaram preocupação no irmão Ezequiel Antunes – homem recatado, médico militar que em 1909, transferido para servir ao exército em Belém do Pará, levou Juvenal Antunes com ele. No entanto, mal chegando à capital paraense, Juvenal segue para o município acreano de Sena Madureira – AC, onde exerceu a Promotoria Pública interina. Em 1914, foi transferido para Rio Branco. No entanto, o professor potiguar Gurgel (2001) ratifica que a presença do escritor potiguar no Acre não se associa com a idéia de *eldorado*, difundida no período do ciclo da borracha.

Em 1922, o poeta lança o primeiro livro de poesias escrito no Acre, intitulado *Acreanas*, obra cujo reconhecimento veio no título dado pela Academia Acreana de Letras: “príncipe dos poetas acreanos”. Como morador do Hotel Madrid, no 2º distrito de Rio Branco, era a atração do local, pois vivia versejando, paquerando, fazendo piadas, bebendo e fumando, enfim, na boemia e na vida de solteiro.

O itinerário de Juvenal Antunes, suas escolhas nas idas e vindas dentro dos estados do Rio Grande do Norte e do Acre, dá nuances da sua personalidade. Em Açu – RN, por exemplo, o poeta sentiu-se prisioneiro da monotonia, ao passo que logo quis partir dali. Já no Acre, mais especificamente em Rio Branco, para onde decidiu vir sozinho, ele sentiu-se bem pela agitação cultural e boêmia da terra àquela época em que a borracha amazônica financiava toda sorte de luxos aos seringalistas, profissionais liberais e servidores públicos como o nosso bacharel. Acreditamos que nesse lugar o poeta encontrou o ambiente propício para seu perfil irreverente, baseado numa vida mais desregrada e avessa ao conservadorismo, uma

impressão que a nova região (a Amazônia) causava a muitos que aqui chegavam.

Juvenal passou a vida solteiro, mas conservou até a morte o amor por sua musa inspiradora: Laura. Segundo Pereira (idem), o poeta conheceu Laura – já casada – no dia 8 de dezembro de 1907, na abertura da festa de Nossa Senhora da Conceição, Padroeira de Ceará – Mirim, quando trabalhava na Promotoria de Açú. O casal sempre se encontrava às escondidas quando o poeta viajava de férias para a cidade natal. O poeta faleceu em Manaus quando regressava à sua terra no dia de seu aniversário, 29 de abril em 1941, pronunciando em suas últimas palavras o nome de Laura.

Conforme acabamos de apontar no item anterior, Juvenal Antunes faz uma opção pela irreverência, pelos prazeres de uma vida desregrada, caracteres que se revelam quando lemos acerca das razões do seu “sofrimento” ou de sua saudade no poema *Fado do Ceará-Mirim*, abaixo transcrito.

FADO DO CEARÁ-MIRIM

Sofro demais, se estou longe
Do Ceará-Mirim querido,
Do meu berço sem igual.
Pareço tristonho monge

Numa cela encarcerado,
Esquecido e abandonado.
Viver lá é ser cigarra,
É passar a noite em farra,

No poker se divertir...
Beber uísque e água de coco
E deixar que o tempo louco
Vá fugindo a bem fugir.

No circo, se Dona Dina
Aparece tão divina
No trapézio a trabalhar,
Sinto no peito uma chama.

Infeliz de quem não ama
E lá não pode morar.
Na igreja, o terço de maio
A alma me traz num desmaio

De tantas belezas ver...
Não sei como escolher:
Se as santas que estão nos nichos
Ou a mulher em seus caprichos.

O título do poema iniciado pelo termo *fado*, conforme os dicionários Michaelis (2010) e Luft (2009), pode ser considerado um estilo de canção popular portuguesa, ou mesmo, “dança de roda e canção, de música terna e dolente, de origem brasileira” que, popularizado em Portugal, tornou-se apenas canto, quase canção. Numa outra acepção (mas também relacionada à música) trata-se do destino, sorte, fadário, algo destinado irrevogavelmente a cumprir-se na vida de uma pessoa.

Acreditamos que, por esses sentidos todos, o poeta Juvenal Antunes tenha intitulado seu poema *fado do Ceará-Mirim*, para cantar solenemente as dores e delícias que o destino lhe preparou. Nesse *fado*, o poeta nos dá mostras dos sentimentos quando distante do seu “berço sem igual”, do seu lugar incomum: o “Ceará-Mirim querido”. Essa distância o faz sofrer e sentir um sentimento de solidão profunda, como se estivesse exilado na sua própria terra e se compara com um “tristonho monge”, isto é, como alguém que se afastou de tudo e todos, preferiu o recolhimento com um propósito espiritual, mas que para o poeta se assemelha a um ser preso e isolado, triste porque “esquecido e abandonado”. Nessa primeira sextilha, estão ressaltadas as imagens da dor e da tristeza longe do seu lugar de origem.

Essa imagem de “exilado sentimental” do poeta, chegando a comparar-se (em sua estadia no Acre) a um religioso que prefere à reclusão é recorrente em diversos poemas, tais como no poema *Outrora*, na terceira estrofe, quando exclama à musa: “Laura, hoje eu sou um mísero exilado/ Que, para alheias terras

exportado,/ Há de morrer em breve de saudade!"; no poema *Elogio da solidão*, nas três primeiras estrofes: "Aqui, nesta erma e grata solidão,/ Vem descansar, em paz, meu coração./ É bom viver assim, longe do mundo,/ Encastelado num desdém profundo. /Cortando o vôo altivo ao pensamento, /Como um frade, nas grades do convento."; no poema *Elogio da velhice*, quando afirma "A minha musa tão brejeira e álaçre, /Que me acompanha neste exílio do Acre, [...]"; no poema *Anjo Custódio*: "Longe, sem pai nem mãe,/ Vivo por essas terras exilado; [...]"; e, num de seus últimos escritos, a marchinha *Vou pular com o pé na cova*, de 1940: "Saiba esse Acre amado,/ Terra do meu coração/ Da minha eterna louvação/ E encantador exílio, [...]".

Tais sentimentos semelham-se aos encontrados nos poemas *Canção do Exílio*, de Gonçalves Dias, no qual também encontramos comparações entre o "lá" e o "cá", e o poema *No lar* de Casimiro de Abreu, no qual o poeta também rememora os prazeres encontrados no "lar querido". Ressaltamos que no terceiro e último capítulo será abordado com maiores detalhes a ideia da saudade e do exílio presentes na poesia juvenalina.

Mas, voltando ao poema em questão, entendemos também que essa saudade do poeta do seu lugar de origem tem motivo na sua filosofia de vida liberal e mais desregrada, pautada nos prazeres mundanos ou carnavais que "lá", em Ceará-Mirim, ele tinha. Em um segundo momento, iniciado na segunda estrofe, também distribuída em sextilhas¹ com rimas emparelhadas, o poeta, dá sinais de sua distância e saudosismo quando enuncia comparativamente que "viver lá" é prazeroso, "é ser cigarra", posto que o inseto de "cantoria" estridente é também ícone de alegria e despreocupação da vida – conforme a conotação que lhe deu a famosa fábula de Esopo em que a preguiçosa cigarra protagoniza (e rivaliza) ao lado da trabalhadora formiga para ressaltar como lição de moral a importância do trabalho.

¹ Acreditamos que o uso das sextilhas no *Fado de Ceará-Mirim* remete à influência da literatura popular nordestina que, consoante Câmara Cascudo (1972), tinha nas sextilhas, quadras e décimas, a preferência popular para a distribuição dos versos rimados e com motivos nacionais, políticos ou mesmo locais.

Dentre tantos prazeres vivenciados, são destacados gozos boêmios representados na farra noturna regada a uísque e jogo de pôquer, deleites acessíveis apenas à classe social abastada, além da água de coco, bebida que lembra “a sombra e água fresca” das cidades praianas, para onde as pessoas vão e lá não têm preocupação com hora ou tempo fugaz, “tempo louco”, que a nada se prende, mas que determina o ritmo da vida humana.

Na terceira e quarta estrofe, tradições populares de Ceará-Mirim, como os eventos circenses e “o terço de maio”, são citadas como encantos da cidade que deixam o poeta extasiado “de tantas belezas ver” e também sem noção de escolha entre a mulher real “em seus caprichos” e a ideal, estátua sagrada “em seus nichos”. É interessante notar que o poeta enfatiza a imagem da infelicidade de alguém por dois motivos: não amar e “lá (Ceará-Mirim) não pode(r) morar”.

Esse poema, que virou canção popular entre os seus conterrâneos, nos ilustra um pouco a respeito do poeta como um verdadeiro “filho do Nordeste”, um sujeito apegado às suas origens, às alegrias comuns a todos, como as celebrações religiosas e civis mais populares, mas pertencente a uma classe social abastada, gozando prazeres que só o dinheiro pode proporcionar, como festas luxuosas com bebidas e jogos caros. No *fado de Ceará-Mirim* de Juvenal Antunes, encontramos dois ícones emblemáticos na imagem construída da região Nordeste: a saudade e a tradição.

O professor Albuquerque Júnior (2001, p. 139) afirma que a região Nordeste, como hoje é concebida, surge no final da primeira década do século XX, “substituindo a antiga divisão regional do país entre Norte e Sul, (e) foi fundada na saudade e na tradição”, isto é, a região foi fundada a partir da produção e reprodução de discursos e práticas discursivas que a caracterizaram como algo homogêneo, permeado de tradições inventadas, geralmente baseadas no patriarcalismo e na oligarquia dos produtores de açúcar ou algodão, lugar povoado de mitos, do sagrado, enfim, um espaço que parece

estar sempre no passado, numa conjuntura social e econômica natural para todos: senhores de engenho, igreja, povo.

Ainda para Albuquerque Júnior (idem), o termo Nordeste passa a ser usado, inicialmente, designando a área abrangida pela atuação da Inspetoria Federal de Obras Contra as Secas (IFOCS), em 1919. Mas o país volta sua atenção para o problema existente e que marca a região com a seca de 1877, quando por esse principal motivo, ocorre grande êxodo de migrantes para a região Amazônica a fim de trabalhar na produção de borracha.

Outrossim, o Nordeste nasce do fechamento de um espaço relegado aos que não podem aspirar ao domínio do espaço nacional. Assim, são realizadas, a partir do fim do século XIX e início do XX, várias conferências agrícolas e eleitos líderes para que haja representantes regionais no Congresso Nacional. Esses líderes vão ajudar na construção imagético-discursiva desse Nordeste ímpar que precisa ser olhado pelo Brasil com mais atenção, em função da seca.

Em outras palavras, a região é gestada em práticas que vão cartografar esse espaço, como o combate às secas, o combate aos messianismos que surgem, o cangaço, os conchavos políticos que os poderosos fazem para a manutenção do *status quo*, de seus privilégios, dentre outros. Ao longo do século XX, artistas e intelectuais, como Câmara Cascudo e Ariano Suassuna, contribuem para o reconhecimento e fortalecimento dessa identidade regional. Gilberto Freyre, por exemplo, singulariza o Nordeste pela influência holandesa no século XVII.

Enfim, para Albuquerque Júnior (ibidem) todo um aparato institui o Nordeste como um espaço feito para ser vivido sempre do mesmo jeito: cheio de lirismo e saudade de tradições de uma ordem considerada natural, principalmente para os nordestinos que se aventuraram profissionalmente em outros estados brasileiros, a exemplo do bacharel Juvenal Antunes de Oliveira.

Um dos estados inseridos na região Nordeste e estado de origem de Juvenal é o Rio Grande do Norte, que se encontra

no chamado Polígono das secas. O estado é marcado pela insígnia das assolacões provocadas pela falta de chuvas, mas também, no interior, pela produção açucareira, que conforme Lima (1976) foi quem deu poder e abastança financeira para o surgimento da primeira aristocracia rural: os senhores de engenho, classe donde provém o nosso poeta.

De acordo com a historiografia oficial, a produção e exportação de açúcar brasileiro remontam aos tempos de colônia. Segundo Lima (1976, p. 25), “o açúcar é o primeiro produto de ramo industrial que circulou entre nós, não somente do ponto de vista cronológico, como também pela expansão que adquiriu no passado”, tamanha foi a sua importância quando passou a ser considerado artigo básico no mercado interno e externo.

A plantação de cana e a fabricação do açúcar no Brasil colonial representam o intento português de se produzir um artigo para o mercado internacional, algo que formasse também uma base necessária para a valorização das terras americanas “descobertas” por Portugal. Os lusitanos, experientes nessa monocultura em suas ilhas (nos Açores e Cabo Verde) desde o século XV, encontraram no Nordeste o ambiente propício ou o *habitat* para a implantação do açúcar. Já a comercialização do artigo era feito pelos holandeses desde 1472.

Para Nadai e Neves (1997, p. 61), portugueses e mercadores flamengos associados contribuíram para o êxito do desenvolvimento da produção açucareira no Brasil. Tanto que a expansão do comércio do açúcar, e a intensificação da disputa europeia pela conquista e colonização do Nordeste atraem para a região franceses, espanhóis, holandeses e portugueses. A produção ganha destaque a partir de 1560 e calcula-se que, por conta disso, em 1610 já houvesse 250 engenhos em toda a colônia.

Com a união Ibérica, entre Portugal e Espanha, em 1580, inicia-se a pecuária com vistas ao mercado interno e a penetração regional pelo interior nordestino e a expulsão dos

franceses que, para manter seu tráfico abundante de pau-brasil, mantinham clima amistoso com os índios nativos do litoral brasileiro.

É nesse ambiente de ataques e invasões que ocorre a conquista do Rio Grande do Norte, onde em 1598, os lusitanos iniciaram a construção do Forte dos Reis Magos, na atual Natal. Mas somente um ano após, com a pacificação junto aos índios potiguaras, realizado por Jerônimo de Albuquerque, é que a povoação ali se fortalece. “Assim, no final do século XVI, a capitania do Rio Grande era o ponto mais extremo da colonização portuguesa ao norte” (NADAI & NEVES, 1997, p. 85).

Com a distribuição das capitanias hereditárias a região, é doada em 1535 a João de Barros pelo Rei Dom João III de Portugal, teve poucos engenhos. Não obstante, sua areia solta foi considerada boa para pastos e gado que abasteceu as principais zonas açucareiras da Bahia e Pernambuco com carne fresca, carne-seca, carne-do-ceará e de couro. Posteriormente, os holandeses, muito interessados no açúcar brasileiro, fazem aliança com Portugal e reiniciam o comércio luso-holandês. Com o fim da trégua, em 1622, os holandeses decidem pela conquista da região produtora do artigo, isto é, do nordeste brasileiro. Em contrapartida, a coroa lusitana cria uma companhia de comércio chamada **Companhia das Índias Ocidentais**, competindo com os flamengos.

Primeiro houve a tentativa de ocupação da Bahia, depois em 1630, houve a tentativa de conquista de Pernambuco. A Companhia conseguiu facilmente a conquista do Recife e Olinda. Porém, as resistências no interior, onde se concentravam os engenhos de açúcar, foram grandes. Os holandeses conseguiram aliados locais, como Domingos Fernandes Calabar que ajudou a estender a conquista holandesa até a Paraíba e o Rio Grande do Norte.

Entre 1637 e 1644, há relatos de um período de paz nas terras conquistadas com a administração do Conde João

Maurício de Nassau. No entanto, com o fim da união ibérica e o fortalecimento de Portugal, a Companhia das Índias Ocidentais passa a cobrar preços abusivos aos proprietários de terras e engenhos, algo não pactuado por Nassau, o qual retorna à Holanda. A expulsão paulatina dos holandeses pelos colonos começa com o apoio “secreto” dos portugueses. Mas o apoio maior de Portugal aos luso-brasileiros do interior acontece em 1653. Um ano depois, os holandeses se rendem. Os efeitos diplomáticos e reconhecimento acontecem apenas em 1661.

Conforme informações do site oficial do governo potiguar, em 1701, após ser dirigido pelo governo da Bahia, o Rio Grande do Norte passou ao controle da Capitania de Pernambuco. Já em 1817, a capitania aderiu à Revolução Pernambucana, instalando-se na cidade de Natal uma junta do Governo Provisório. A rebelião fracassa e a capitania adere ao Império, tornando-se província em 1822. Em 1889, com a Proclamação da República, transformou-se em Estado.

Neste contexto o tão decantado berço do poeta Juvenal Antunes, inicialmente, um local povoado pelos índios Potiguares que viviam às margens do rio Pequeno, hoje rio Ceará Mirim. Gurgel (2010) confirma e especifica que “no século XVII, quando os portugueses chegaram oficialmente ao Vale do Ceará-Mirim, os índios Potiguares, chefiados por Felipe Camarão, o índio Poti, já habitavam a localidade de Guajiru, às margens do Rio Pequeno”. Os nativos comercializavam o pau-brasil com os franceses e os espanhóis, recebendo em troca especiarias e, por último, com os portugueses, seus colonizadores.

A presença e influência dos padres jesuítas junto aos nativos incomodavam os colonizadores, que se beneficiaram com a Carta Régia do Marquês de Pombal quando proibiu a participação dos jesuítas na administração e ensino aos colonizados.

Após a saída dos padres jesuítas, os índios findaram negociando suas terras com os colonizadores portugueses, os quais utilizaram o trabalho escravo dos negros vindos da África para o plantio da cana de açúcar e formação dos engenhos, que vieram a comandar a economia e a história do vale do Ceará-Mirim.

Assim dava-se início ao período da aristocracia rural dos senhores de engenho, homens que se tornaram poderosos e eram cômicos de sua influência econômica. O ápice da produção canavieira aconteceu no final do século XIX, momento em que o vale prosperava e crescia, e os produtores de açúcar ostentavam seu luxo estampado na construção de seus casarões, bailes e festas pomposas, além de carruagens forradas de seda.

A riqueza construída nessa época é evocada nos hábitos e costumes contados pelo poeta Juvenal Antunes de Oliveira, nascido no engenho Oiteiro (1883), no poema que decanta seu amor pelo seu “Ceará-Mirim querido”. Como filho do coronel José Antunes de Oliveira e neto do Barão de Ceará-Mirim, o Coronel Manoel Varela do Nascimento, o poeta cita no poema *Fado do Ceará-Mirim* da sua saudade das festividades regadas a uísque, água de coco e jogos de pôquer, por exemplo.

O município de Ceará-Mirim foi criado oficialmente no dia 3 de setembro de 1759, através de alvará, e instalado em 3 de maio de 1760, na antiga aldeia de Guajiru, tendo por sede a vila de Extremoz. Em 18 de agosto de 1885, a sede foi transferida para a povoação de Boca da Mata e passou a chamar-se vila do Ceará-Mirim. A transferência para vila de Ceará-Mirim foi suspensa através da Lei nº 345, de 4 de setembro de 1856. Após dois anos, foi novamente confirmada pela Lei nº 370, de 30 de julho de 1858. Em 9 de junho de 1882, um ano antes do nascimento de Juvenal, através da Lei nº 837, Ceará-Mirim foi elevada à cidade.

Esta vila do Ceará-Mirim, mais tarde elevada à condição de município, será o objeto do poema *Fado do Ceará-Mirim*, tão bem decantado pela pena irreverente de Juvenal Antunes.

1.2. **Amazônia acreana na trilha do poeta**

Se no poema *Fado do Ceará-Mirim* encontramos um Juvenal Antunes saudoso da vida boêmia e dos prazeres contagiantes de sua terra natal, no poema *O Acre*, encontramos-lo sisudo, preocupado com a exploração do homem nos seringais, em plena crise da borracha; crise essa que também refletirá na sua classe profissional, tão bem recebida na região Amazônica, mas que ficará por algum tempo “sem questões” e deixará outros “com dívidas!”.

O ACRE

Terra gigantea e nova, opulenta e feraz,
Que a miséria e ambição povoaram de repente
Como virgem pudica, amorosa e inocente,
Entregaste o teu seio ao nordestino audaz.

Aqui corria outrora, em imensas caudais,
O rio do dinheiro, em tumultuosa enchente;
E era belo de ver como esta heróica gente
Disputava o bastão de quem gastava mais.

Das espigas, porém, como no Egito, plenas,
O septênio passou; e, hoje, num triste drama,
Vemos, representando o seu papel, apenas,

Seringueiros, que a fome encova as faces lívidas,
A borracha a dois mil e pouco o Kilograma,
Bacharéis sem questões e coronéis com dívidas!

A visão do poeta nordestino já na Amazônia, mais especificamente no Acre, dá origem ao poema com o mesmo nome: *O ACRE*. A grandeza dessa terra é representada na grafia do título com letras maiúsculas e no primeiro verso – “terra gigantea e nova”, imensidão praticamente desconhecida e fértil: inexplorada. A terra recebe também o visitante “nordestino”

como “virgem pudica, amorosa e inocente” e a ele se entrega. Interessante notarmos que a visão que Juvenal tem das terras da Amazônia acreana se assemelha (ou é influenciada) pelo pensamento de dois outros autores famosos nacionalmente: Euclides da Cunha e Alberto Rangel.

Em *À margem da história*, de 1909, Euclides (2003, p. 17, 25), ao postular que “a Amazônia selvagem sempre teve o dom de impressionar a civilização distante”, disserta sobre a terra que, para ele, é *sem história*, pois “a Amazônia é a terra mais nova do mundo” (p.17). Em *Inferno Verde* (1908), de autoria de Alberto Rangel (1920, p. 3, 9, 10, 12) e prefaciado por Euclides, defrontamo-nos com o espanto que a “realidade portentosa” dessa “terra ainda misteriosa” e “realmente, a última página, ainda a escrever-se, do Gênesis” causa. Reiteradamente o autor do prefácio afirma essa *virgindade* da Amazônia ao descrever que sim, “é a terra moça, a terra infante, a terra em ser, a terra que ainda está crescendo...”, que também é “terra farta”. No entanto, Euclides enfatiza a desconstrução do mito do *Eldorado* por meio da denúncia de Rangel da difícil realidade enfrentada pelos seringueiros e exploradores no início do século XX.

Usando a metáfora do rio que corre em “enorme caudal”, descrição euclidiana do Rio Amazonas, o nosso poeta escreve que no Acre, o dinheiro era farto, jorrava como enchente, e louva a brava gente que disputava quem mais gastava. No entanto, uma imagem negativa presenciada pelo poeta surge já no segundo verso da primeira estrofe: o da “ambição” e da “miséria” que vão povoar o lugar: o próspero *eldorado* de onde ele fala, “aqui, corria outrora em imensas caudais, /o rio do dinheiro”, transforma-se “hoje, num triste drama”, pois assim como surgiu a pobreza no Egito após alguns anos de fartura, imagem utilizada pelo poeta lembrando a narrativa bíblica encontrada no Gênesis, o Acre dá lugar ao infortúnio, isto é, à crise da produção gumífera na Amazônia acreana, ocorrida por volta de 1912.

Nos dois últimos tercetos do soneto², o poeta descreve personagens representando essa cena dramática: seringueiros assolados pela fome; o quilo da borracha desvalorizado; além de “bacharéis sem questões e coronéis com dívidas”. Embora Gurgel (2001) afirme que a presença do poeta no então recém criado Território do Acre não se vincule com a idéia de *eldorado*, disseminada principalmente no Nordeste no período do ciclo da borracha, ou melhor, do chamado Primeiro Surto, em fins do século XIX e início do século XX, notamos a forte influência do discurso de outrem no poeta que reproduz esse ambiente como uma espécie de Éden perdido, um paraíso imenso e opulento.

Além disso, também nos deparamos com a concepção do homem nordestino como um sujeito “forte”, um lutador, conforme já apregoava o influente escritor Euclides da Cunha, no início do século XX. E essa Amazônia que ele, o poeta ceará-mirinese Juvenal Antunes de Oliveira pinta é uma Amazônia que pode ter sido inventada, na opinião da professora Neide Gondim (1994).

Assim como Albuquerque Júnior (2001) aponta o Nordeste como o vemos hoje como uma invenção, para a estudiosa amazonense há indícios de que a Amazônia e o homem americano não foram descobertos ou construídos, mas

² Interessante notarmos a preferência do poeta ao utilizar o soneto para falar do Acre, em contraste com a escolha do uso das sextilhas para a exaltação do lugar querido, o município de Ceará-Mirim. Acreditamos que a opção estética dessa forma advenha da influência parnasiana, vigente no Brasil até o início do século XX, que num retorno aos clássicos, elegeu esse molde como pedra de toque para a distribuição perfeita de um conjunto de sentimentos em apenas catorze versos, um desafio para quem produzia esses poemas: intelectuais das áreas do Direito, Letras, Jornalismo, Medicina, dentre outros que tinham o interesse e gosto pela Literatura como um bem cultural, algo muito bem visto, cultivado e reconhecido pelas elites, daí o fato de a poesia parnasiana ser apontada, algumas vezes, como academicista. Outro fator preponderante é o de que “[...] num soneto tradicional, o poeta objetiva traduzir todo um mundo de imagens e de idéias, que lhe povoam o espírito, numa conclusão final, num remate, o “fecho de ouro”. Noutras palavras, na tradição literária, o “bom” poeta escolhe esse esquema para expressar “um máximo de sensibilidade e inteligência num mínimo de palavras” (MOISÉS, 1993, p. 278-279).

inventados; invenção essa que “se dá a partir da construção da Índia, fabricada pela historiografia greco-romana, pelo relato dos peregrinos, missionários, viajantes e comerciantes” (GONDIM, 1994, p. 09), além da inclusão da mitologia indiana de natureza variada que “delicia e apavora os homens medievais”.

Conforme Gondim (1994), as primeiras viagens rumo ao Novo Mundo vieram acompanhadas por um imaginário medieval que influenciou o relatório dos primeiros cronistas viajantes, expedicionários, religiosos, ou seja, a visão do homem europeu. Esses relatos maravilhosos influenciaram grandemente filósofos, pensadores e cientistas, romances e poesias de sujeitos que mesmo sem nunca terem pisado nessas terras deduziram e repassaram todo um modo de conceber a Amazônia e seus nativos.

Ela ainda nos dá conta de que essa Amazônia inventada e real, para muitos, até aos dias de hoje, é uma mistura de paraíso infernal, uma terra misteriosa que ainda faz brilhar os olhos de quem sonha com ela. Já o homem índio, ou em termos continentais, americano, ou mais especificamente, o homem amazônico foi estigmatizado pelo olhar estrangeiro, principalmente europeu, que o marcou como indolente, ocioso, preguiçoso inato, monstruoso, idiota, mais próximo da condição de animal selvagem do que da condição humana, um ser degradado, verdadeiro estorvo para a civilização e progresso que os estrangeiros almejavam em novas terras.

É nesse mesmo bojo que a Amazônia acreana se insere, dá-se a conhecer, é percorrida, mapeada, ocupada e disputada em meados do século XIX passando para o XX. O diferencial dessa parte sul-ocidental amazônica é que esta e os discursos em torno dela se instauram sob os signos da liberdade em um imenso verde “desconhecido”, sem leis, e da ilusão de riqueza rápida na terra abundante de *Hevea brasiliensis*, isto é, da árvore nativa denominada seringueira, produtora de borracha de qualidade, coisa que embalou muitos sonhos antes das implantações em

seringais de cultivo racional no oriente, o que culminou na baixa do preço e da produção de borracha no Acre.

A título de informação, existem várias versões para a origem do nome Acre. A mais aceita é que este surgiu de *Uwakuru* e foi transcrita por exploradores como “Aquiri”, que significa “rio dos jacarés” na língua nativa dos índios Apurinãs, os habitantes originais da região banhada pelo rio que empresta o nome ao estado.

Juvenal Antunes canta esse Acre incomodado pela crise da borracha, em que os seringueiros têm as faces encovadas pela fome, a borracha “a dois mil e pouco o quilograma”, os bacharéis, como advogados não têm questões causas a defender, enquanto os coronéis estão afundados em dívidas.

As notícias de muitos viajantes dos séculos XV, XVI e XVII a respeito da borracha impulsionaram gradativamente o interesse da Europa pelo produto produzido a partir de um líquido branco, extraído da seringueira. Muitos foram os cientistas que aqui penetraram, financiados por indústrias inglesas e francesas, a exemplo do astrônomo francês Charles Marie de La Condamine, membro da Academia de Ciências de Paris, que em 1743, conforme denuncia Souza (2005), “invadiu” a região amazônica e a estudou minuciosamente.

Já em 1864, outro estudioso estrangeiro, o geógrafo inglês William Chandless, da *Royal Geographical Society*, termina de abrir as veias do Acre, por meio da exploração dos rios Juruá e Purus, para as investidas do capital industrial-monopolista internacional, ávidos pela borracha acreana.

Sabe-se que foi a partir do final do século XIX que o capital industrial internacional encontra na Amazônia, inclusive a acreana, seu ótimo alvo de investimentos. A corrida para o Acre deu-se com o *boom* da borracha ou o chamado Primeiro Surto da Borracha da Amazônia, “numa época de industrialização em alta escala nos Estados Unidos e nos países europeus como a Inglaterra, por exemplo” (SOUZA, 2005, p. 77).

Apesar da descoberta do processo de vulcanização em 1839, pelo americano Charles Goodyear, Martinello (2004) assinala que, na verdade, foi a invenção do pneumático em 1888 por Dunlop e o aparecimento do automóvel, em 1895, juntamente com a massificação da bicicleta como veículo de transporte, “os responsáveis pelo verdadeiro surto da borracha nos mercados mundiais, assumindo o papel de matéria-prima cada vez mais importante e de procura em mais rápida expansão na indústria” (idem, p. 33).

Os primeiros migrantes a enfrentar os desafios da floresta acreana e seus nativos, falantes dos troncos lingüísticos Pano e Aruak, foram nordestinos, na maioria cearenses e vindos em grande leva em 1877, assolados pela grande seca que houve. Entretanto, desde 1850 até 1913 é grande o fluxo desses migrantes que também vinham aspirando a sensação de liberdade que a Amazônia dava, como que terra sem leis, além da ilusão de enriquecimento rápido, devido a intensa propaganda de seringalistas do Pará e do Amazonas em Fortaleza, Recife e Natal. Conforme o historiador Souza (2005), na formação dos primeiros seringais e das vilas que despontaram em cidades participaram também vários imigrantes, tais como sírios, libaneses e turcos que também vieram fazer negócios na nova região promissora.

Segundo Prado (*apud* MARTINELLO, 2004), com os seringais iniciados e mão-de-obra garantida, a contribuição acreana realmente vultosa para a produção nacional de borracha deu-se em 1903, com mais de 2000 toneladas. Em 1907, o Acre contribuiu com mais de 11.000 toneladas, chegando ao primeiro lugar entre as regiões produtoras do Brasil. Com o aumento da produção até 1911, parecia que a riqueza da região seria inesgotável.

No entanto, a prosperidade e semi-monopólio tinham seus dias contados. Isso tudo porque estrangeiros ávidos por novas fontes de matérias primas, destacando-se os ingleses, tornaram-se pioneiros na coleta e aclimatação das sementes

da *Hevea brasiliensis*, introduzindo o plantio racional em suas colônias asiáticas, notadamente na Malásia.

Para Osiris da Silva (*apud* MARTINELLO, *idem*, p. 57): “Henry Wickham foi o encarregado da secreta e delicada tarefa de roubar-nos as sementes da árvore de ouro”, em 1876, o que alguns anos mais tarde colocou em xeque a produção brasileira e, conseqüentemente, amazônica de borracha. Mais precisamente o ano de 1912 registrou o clímax e, ao mesmo tempo, o fim da hegemonia brasileira como principal fornecedora do produto ao mercado mundial, devido ao sistema arcaico de extração e aos interesses alheios que em nada beneficiavam a região Amazônica.

À esta época, com a baixa no preço do quilo da borracha, registra o poeta Juvenal Antunes que no palco acreano representam uma cena dramática os trabalhadores da floresta, os seringueiros, magros e famintos; os coronéis “de barranco”, ostentadores do luxo, totalmente endividados e, os bacharéis, como ele, sem casos a resolver. Não obstante a quebra que houve nos seringais amazônicos, bem como nos acreanos, ainda assim a produção de borracha não ficou totalmente escassa, tendo seu segundo ciclo de importância no período da Segunda Guerra Mundial (1939-1945).

O Acre veio a ser anexado ao território brasileiro em 1903, depois de muitas tensões e conflitos de interesses entre o Estado do Amazonas, a Bolívia, o Peru e o Brasil. Desde o século XV o Acre figurava nos mapas bolivianos. Souza (2005, p. 150) ratifica que em 1867,

por intermédio dos limites traçados pelo Tratado de Ayacucho [de 1867], a região acreana ficava dentro do território pertencente à Bolívia. No entanto, o princípio do *UTI POSSIDETIS*, ou seja, “a terra pertence a quem a ocupa” estava contido no artigo 11 do referido Tratado, colocado pelos diplomatas brasileiros, que já sabiam da ocupação do Acre por brasileiros.

Por esse motivo se iniciam os enfrentamentos: porque embora o Acre fosse área boliviana, na realidade, brasileiros, seringalistas e seringueiros é que viviam da borracha nessas terras. A Bolívia não querendo perder parte de seu patrimônio começou a se mobilizar com vistas ao reconhecimento do Acre como boliviano, o que culminou em várias tentativas de acordo para que a demarcação do Acre fosse feita e legalizada tão logo se soube da ocupação por brasileiros.

Por pressão do coronel boliviano José Manuel Pando junto ao governo brasileiro, em 1895, formou-se uma comissão de brasileiros e bolivianos chefiada pelo Coronel Thaumaturgo de Azevedo e José Manuel Pando para traçar os limites entre os dois países. Foi assim que em 1898 foram traçados os limites de cada país com a linha demarcatória Cunha Gomes, reconhecendo o Acre como território incontestavelmente boliviano, já que o Acre ficava ao sul da linha; o que ficasse ao norte da Cunha Gomes pertenceria ao Brasil.

Houve muito protesto por parte dos brasileiros, principalmente dos amazonenses, que temiam perder grande parte da borracha produzida na região e apelavam para o princípio do UTI POSSIDETIS, o qual assegurava direito de posse aos brasileiros pela ocupação do lugar. Para legitimar seu poder frente aos rivais, a Bolívia monta representação no Acre, em Puerto Alonso. O clima, porém, não era nada amigável entre seringalistas brasileiros e bolivianos, o que acarretou várias rebeliões lideradas pelos ocupantes do Acre.

Para os bolivianos, a estratégia considerada viável para livrar-se da situação de conflito era arrendar o Acre para os Estados Unidos, intento que se tentou desmentir, mas que foi denunciado pelo jornalista espanhol Luis Galvez Rodrigues de Arias, residente em Manaus. Sua denúncia rendeu-lhe todo o apoio e financiamento do Governo do Amazonas, Ramalho Júnior, para partir para o Acre com homens, armas e alimentos, proclamando em 14 de julho de 1899 o Estado Independente

do Acre. Entretanto, o governo brasileiro intervém e finaliza o governo de Galvez em 15 de fevereiro de 1900.

Depois de mais uma insurreição frustrada contra bolivianos, denominada “Expedição dos poetas” por ser formada por professores, poetas, médicos e advogados, a Bolívia tenta arrumar sua administração no Acre e acata a sugestão de seu embaixador na Inglaterra, Félix Aramayo, que muito preocupado sugere arrendar a região. Na versão de Martinello (2004, p. 43), “a exacerbação do conflito ocorreu, mais uma vez por obra e graça do capital monopolista, quando a Bolívia pretendeu entregar a zona litigiosa do Acre para o *Bolivian Syndicate*, uma entidade de cartel”, constituída pela empresa americana *United States Rubber Company* e por alguns capitalistas ingleses.

Agora, o Peru demonstrava seu total interesse na região por causa da extração do caucho, na região do Purus. Já o Brasil se sentia prejudicado por não ter mais direito a grande parte da riqueza saída do Acre e sentia suas fronteiras ameaçadas pelas grandes potências. Em decorrência disso, o Brasil negociou com os Estados Unidos para que o contrato fosse desfeito com a Bolívia, pagando o Brasil a indenização.

Mesmo após a rescisão do contrato, os bolivianos permaneciam na região acreana, fato que levou o governo do Amazonas, juntamente com seringalistas do Acre, a convidar o senhor José Plácido de Castro, gaúcho, agrimensor, ex-militar e conhecedor de muitas táticas de guerra para liderar um exército de seringueiros contra os bolivianos. Plácido ganha total apoio de seu grupo para enfrentar os inimigos.

Depois de vários entraves e muitas vidas perdidas, finalmente o governo brasileiro aumentou seu interesse pela região e enviou o Ministro das Relações Exteriores, o Barão do Rio Branco, para fazer um acordo com o país vizinho. O primeiro acordo de paz foi assinado em 21 de março de 1903 em La Paz, na Bolívia. Passado o período de paz, o Barão convenceu a Bolívia a vender o Acre para o Brasil através do Tratado de

Petrópolis, assinado em Petrópolis no dia 17 de novembro de 1903 ao custo de dois milhões de libras esterlinas, mais a promessa da construção da estrada de ferro Madeira-Mamoré e da liberdade de trânsito da Bolívia pelos rios acreanos.

Conforme sintetiza Martinello (2004, p. 43),

A vitoriosa “Revolução acreana”, comandada em sua derradeira etapa pelo gaúcho Plácido de Castro, coadjuvado pelos seringalistas e seringueiros que haviam invadido a região, viria a ter um desfecho feliz com o Tratado de Petrópolis (1903), celebrado entre os dois países com evidentes vantagens para o Brasil, que anexaria a seu território mais 245 mil km² de terras férteis e ricas em seringueiras.

O Acre é elevado à categoria de Estado em 15 de junho de 1962, por meio da Lei nº 4.070, assinada pelo então Presidente brasileiro João Goulart. A autoria do projeto foi de José Guiomard dos Santos em 1957.

Esta é uma versão da história do Acre, versão mais próxima da historiografia oficial do lugar escolhido por Juvenal Antunes de Oliveira para exercitar sua formação em bacharel de Direito e sua pena de poeta multiforme.

A primeira organização política e administrativa do Acre deu-se em 1904, com a divisão do território em três departamentos: Alto Acre, com sede em Rio Branco; Alto Purus, sede em Sena Madureira e Alto Juruá, com sede em Cruzeiro do Sul, com prefeitos nomeados pelo Presidente do Brasil. Em 1912, é criado o departamento do Alto Tarauacá, com sede na Vila Seabra (hoje Tarauacá). Até o ano de 1912, o Acre possuía cinco municípios: Purus (hoje Sena Madureira), Rio Branco, Xapuri, Juruá (Cruzeiro do Sul) e Tarauacá (Vila Seabra). A partir de 1938, 1962 e 1992 são criados mais alguns municípios, conforme Souza (idem).

A primeira capital do território do Acre foi a cidade de Sena Madureira, localizada a 140 km de Rio Branco, tendo como seu fundador e primeiro prefeito o General Siqueira de Menezes.

Sua posição geográfica favorável foi o que contribuiu para que o Governo Federal a transformasse na capital do Acre.

A partir daí, logo todo um sistema administrativo foi organizado: Tribunal de Apelação, seção da Justiça Federal, Correios e Telégrafos, Delegacia de Agricultura e Comissões como a da Defesa da Borracha. A cidade obteve grande desenvolvimento por ser a única no Acre a possuir bondes e repartições federais.

Em 1912 a situação muda: com a tentativa (frustrada) de tornar o Acre autônomo do Brasil, o Governo intervém na região e retira sua condição de capital. Por volta de 1917, o declínio econômico e a perda da condição de capital fizeram com que o município permanecesse apenas como a Prefeitura do Departamento, pois suas repartições foram desativas ou transferidas para Rio Branco, a mais nova capital, conforme Ranzi (2008).

Após uma nova configuração do mapa do Acre, em 1997, o então estado (desde 1962), passa a ser dividido em duas micro-regiões: Juruá e Purus. A que nos interessa ressaltar, no momento, é a região do Purus, formada por Rio Branco, Assis Brasil, Manuel Urbano, Sena Madureira, Brasiléia, Xapuri, Plácido de Castro, Senador Guiomard (Quinari), Bujari, Porto Acre, Acrelândia, Capixaba, Eptaciolândia e Santa Rosa do Purus.

As cidades de Rio Branco e Sena Madureira foram espaços pontuais no itinerário biográfico e poético de Juvenal Antunes, que viveu por estas bandas de 1909 a 1941. Conforme já exposto, até meados de 1917, no município de Sena Madureira, enquanto capital acreana, houve uma grande efervescência econômica e social.

Nesse sentido, ressaltamos que a vida dos moradores da “Princesinha do Purus” no início do século XX, assim como os demais municípios acreanos – alguns até aos dias de

hoje – era comandada pelo rio³, canal de comunicação por correspondências escritas ou telegrafadas e portal de entrada e saída de borracha, alimentos e demais artigos e produtos – do açúcar à louça da casa, momento esse em que “era belo de ver como esta heróica gente/ disputava o bastão de quem gastava mais”, como asseverou nosso poeta Juvenal Antunes.

No tocante aos aspectos artísticos e culturais, as pesquisas de Barbosa (1999) e Pereira & Albuquerque (2004)⁴ confirmam que os cidadãos senamadureirenses tinham como locais de encontro e lazer um bosque, a Praça 25 de Setembro, clubes com jogos e alimentação, como o Café Pascoal e o Teatro Cecy; lugares esses onde se podia assistir às bandas e orquestras filarmônicas como a “Carlos Gomes”, “Guanabara” e “2ª Cia. de Infantaria”, além das peças teatrais de comédia e drama encenadas pelos dois grupos locais “João Caetano” e “Arthur Azevedo”.

Existiam, ainda, empresas cinematográficas locais como a “Guiomard Cinema” e a “Trianon Cinema”, além de outra que vinha expor suas fitas (filmes) por um período temporário, a “Olympia Cinema”, lazer movimentado pela classe abastada da sociedade senamadureirense: comerciantes, seringalistas e autoridades locais.

Já Rio Branco surge a partir da fundação do Seringal Volta da Empresa, pelo seringalista cearense chamado Neutel Maia, em 28 de dezembro de 1882, quando em fins daquele ano, numa pronunciada volta do rio Acre, uma frondosa gameleira chamou a atenção de exploradores (composta da família de Neutel Maia e trabalhadores) que subiam o rio, o que os levou a abrir um seringal ali mesmo, à margem direita do rio Acre, onde ainda existe a famosa gameleira – local em que hoje se

³ Maiores detalhes da importância dos rios na vida dos habitantes da Amazônia acreana podem ser conferidos na obra **O rio comanda a vida**, do paraense Leandro Tocantins.

⁴ Ambos trabalhos de pesquisa sobre a produção artística e cultural de Sena Madureira realizados por bolsistas do Projeto: **Amazônia: os vários olhares**, sob a coordenação da Prof^ª. Dr^ª. Olinda Batista Assmar, da UFAC.

encontra o Segundo Distrito. Ali foi iniciada a construção de barracões, em terras antes ocupadas pelas tribos indígenas Aquiris, Canamaris e Maneteris. Depois, Neutel Maia abriu um outro seringal, à margem esquerda do rio Acre – onde atualmente está instalado o Palácio do Governo do Acre – com o nome de Seringal Empresa.

Após a chamada “Revolução Acreana”, a assinatura do Tratado de Petrópolis, em 17 de novembro de 1903, e a anexação definitiva do Acre ao Brasil, Rio Branco foi elevada à categoria de vila, tornando-se sede do departamento do Alto Acre. Em 18 de agosto de 1904, Cunha Matos chega ao Acre em missão do governo federal para governar, como prefeito, o departamento do Alto Acre, cargo que exerceu apenas um ano. No dia posterior à sua chegada, Cunha Matos estabeleceu a sede provisória de sua prefeitura no povoado criado em torno do seringal Volta da Empresa. A povoação passou a se chamar Vila Rio Branco no dia 22 de agosto de 1904. A “Villa Rio Branco” tornou-se o principal centro urbano de todo o vale do Acre, o mais rico e produtivo do território.

Já em 13 de junho de 1909, o coronel Gabino Besouro, então prefeito do Departamento do Alto Acre, mudou a sede da prefeitura para a outra margem do rio Acre, nas terras do Seringal Empresa, dando o nome de Penápolis, homenagenando o Presidente da época, Afonso Pena. A margem esquerda era mais alta, onde não havia alagações, o que tornou a instalação definitiva.

Um ano depois, o prefeito Leônidas Benício de Melo, assinou uma Resolução criando o município de Empresa, juntando a Vila Rio Branco (no Seringal Volta da Empresa, do lado direito do rio Acre) e a localidade de Penápolis (Seringal Empresa, do lado esquerdo do rio Acre). Já em fevereiro de 1911, o prefeito Deocleciano Coelho de Sousa, adotou novamente o nome do município de Penápolis. Em 1912 é que os dois lados da cidade passam a se chamar definitivamente “Rio Branco”, em homenagem ao Barão de Rio Branco, diplomata

brasileiro responsável pela anexação do território acriano ao Brasil. Apenas em 1920 o município de Rio Branco passa a ser a capital do então Território do Acre.

O historiador Souza (2005) ressalta que no decorrer desses eventos, a rua surgida em torno da Gameleira, à margem direita do rio Acre, era o centro da vida comercial e urbana de Rio Branco. Ali se situavam os bares, cafés e cassinos que movimentavam a vida noturna da cidade, casas aviadoras nacionais e estrangeiras e onde moravam as principais famílias da elite urbana composta por profissionais liberais e pelo funcionalismo público. A rua 17 de novembro tornou-se principal zona comercial, sendo paulatinamente dominada pelos imigrantes sírio-libaneses, ficando conhecida como “Bairro Beirute”. Nessa região da Gameleira ficava o Hotel Madrid, lugar de grande efervescência social e cultural, onde Juvenal Antunes residia e era a atração do local pela irreverência e versos que encantavam quem o conhecia. Esse hotel, servia como ponto de encontro para os amigos dividirem um café, bebidas, confissões ou piadas.

Um importante veículo de informação e manifestações artísticas e culturais nos principais municípios acreanos àquela época, com destaque para Cruzeiro do Sul, Xapuri, Sena Madureira e Rio Branco, eram os jornais. Nos jornais havia de tudo: cotação do preço do quilo da borracha, notícias internacionais – como as das duas grandes guerras mundiais, anúncios publicitários de casas comerciais e produtos, até artigos de opinião, contos, crônicas, cartas e poemas que eram lidos pelos poucos leitores existentes nesses locais.

No Acre, Juvenal Antunes começa a publicar artigos de opinião e poemas nos jornais dessas duas cidades, no período de 1913 a 1929. Em Sena Madureira, no (*O Alto Purus* (1913-1917)). Já em Rio Branco, em 1922, ele torna-se colaborador fiel da *Folha do Acre*, de 1922-1929, mas também publica poemas no *O Acre* (1929), *A Capital* (1921-1922) e *Jornal Oficial* (1926).

CAPÍTULO



2

TENDÊNCIAS TEMÁTICAS E ESTÉTICAS DA POESIA JUVENALINA

Após um passeio pelas veredas contextuais, as ambiências e os principais eventos históricos, que permeiam a produção poética de Juvenal Antunes, cabem-nos, agora, neste segundo capítulo, conhecer um pouco das escolhas recorrentes do poeta, sejam nos temas (tais como a saudade, amor, homenagem, etc.), as modalidades de expressão, como o humor, a sátira ou o lirismo, bem como as formas poéticas mais utilizadas, como a grande recorrência dos sonetos aliada à estética parnasiana, por exemplo.

De início, optamos por agrupar os poemas pelas modalidades de expressão com base na discussão elaborada pelo teórico português Aguiar e Silva (2000, p. 389, 390), acerca das transformações sofridas pelos gêneros literários no decorrer dos séculos e no que é concebido nos dias atuais. Entendemos e consideramos que as modalidades de expressão se aproximam dos *modos literários*, assim defendidos por Frye, Klaus Hempfer ou Gérard Genette, pois:

Representam, por um lado, no nível da forma da expressão, possibilidades ou virtualidades transtemporais da enunciação e do discurso [...] e, por outra parte, no nível da forma do conteúdo, representam configurações semântico-pragmáticas constantes que promanam de atitudes substancialmente invariáveis do homem perante o universo, perante a vida e perante si próprio. Sob esta última perspectiva, é fundamental falar-se, por exemplo, da existência de um *modo mágico*, de um *modo cômico*, de um *modo satírico*, de um *modo elegíaco*, etc.

Como o próprio Aguiar e Silva (*idem*) alerta, os modos, tipos, modalidades ou subgêneros, são uma construção teórica dos gêneros, uma tentativa de descrição e explicação da multiplicidade de obras literárias ou, no nosso caso, de poemas. A partir disso, ressaltamos, por exemplo, que os poemas do gênero satírico e humorístico são analisados separadamente em dois grupos, por entendermos que esses poemas passam por uma *gradação do riso*: em outras palavras, compreendemos

que os poemas humorísticos são mais jocosos que críticos e arditos, assim como Tesouro, que interpreta Aristóteles (*apud* HANSEN, 1989), o qual distingue a comédia da sátira.

Não obstante, ressaltamos que nem por isso compreendemos os gêneros ou modalidades de expressão como grupos fechados, mas assim os utilizamos por adequar didaticamente a natureza dos poemas com esses modos de expressão poética. Dentro das três modalidades é que surgem os temas mais trabalhados pela pena do escritor. E nesse sentido, a verve lírica é a que mais acentuadamente desponta com variedade de temas tratados.

Por último, vimos as principais tendências estéticas dos poemas de Juvenal Antunes, com destaque para as estruturas poemáticas preferidas, mas também outros detalhes pertinentes ao que se concerne à estética do objeto poético.

Começamos, então, a contemplar a verve juvenalina pelos poemas do gênero satírico-humorístico.

2.1. Percurso humorístico e humor jocoso

No manual didático de *teoria literária* do professor Hênio Tavares (1989, p. 136), encontramos a definição do gênero satírico e humorístico como um “gênero (que) varia na combinação dos elementos. O que o distingue é seu conteúdo, que visa ridicularizar ou zombar dos vícios e das pessoas, ou despertar o riso. Daí poder revestir-se de intuítos moralizantes objetivos ou apenas caricaturescos.” Dentro desse gênero são separados os poemas satíricos dos humorísticos. Entendemos e concordamos que isso acontece porque “na essência, no humor reside uma leve zombaria das coisas, dos fatos e dos homens, procurando extrair do ridículo o sentimento risível e, sob certo aspecto, simpático e benevolente” (TAVARES, *idem*, p. 316). Isto é, no humor não há o tônus agressivo da sátira.

Encontramos apoio para essa distinção também no estudo do professor João Adolfo Hansen (1989, p. 281), quando nos apresenta Tesouro, que interpreta Aristóteles, afirmando que “é a *maledicência* que distingue a sátira da comédia, observando-

se uma possibilidade de intercâmbio delas determinada não pela matéria deformada, objeto de canto, mas pelo *modo*". Dito de outro modo, entendemos que, para Tesouro e Aristóteles, uma matéria mordaz, não sendo tratada para agredir, mas para brincar, jogar, constitui numa deformidade sem dor, isto é, desemboca no cômico, no risível; já o contrário, a crítica para atacar, para causar dor, é o objeto da sátira. Sendo assim, passemos a um breve percurso do estudo sobre o que é risível para compreendermos melhor os poemas humorísticos de Juvenal.

Conforme já postulou Rabelais (2003, p. 01): "rir é próprio do homem (2003)". Aristóteles também já o afirmara, na Antiguidade, ao preconizar os estudos sobre o cômico. Dada a sua grande influência, por muito tempo a literatura satírica e humorística foi considerada como o oposto do que é sublime, isto é, como algo inferior, vulgar, para seres inferiores ou menos dignos no meio social.

Tempos depois, menos radical embora não menos importante, surge a contribuição do filósofo francês Henri Bergson¹ (1980). Sua obra, publicada em 1924, reúne o estudo sobre "*o riso suscitado, sobretudo pelo cômico*". Três ensaios deram origem aos três capítulos do livro, que dizem respeito à análise *sobre o cômico em geral*, abordando *a comicidade das formas e dos movimentos*, *a comicidade de situações e comicidade de palavras* e, por último, *a comicidade de caráter*. O autor analisa de que forma o riso pode ser suscitado – de fantoches e outros brinquedos infantis até peças de Molière, um dos mais importantes comediógrafos da França.

Para Bergson, sobretudo a rigidez ou o automatismo, o gesto involuntário, a palavra inconsciente é o que provoca o riso. Este, então, serviria para castigar os costumes, ou seja, "é uma espécie de *gesto social*. Pelo temor que o riso inspira,

¹ A importância da teoria de Bergson na obra **O riso**, ensaio sobre a significação do cômico, dá-se por seu apanhado de exemplos e explicações mais modernas, atribuindo ao riso uma função social. Seu estudo é referência, dentre os estudiosos modernos, para a compreensão do riso ou dos aspectos da comicidade.

reprime as excentricidades”. O riso, feito para humilhar, tem uma função social: é uma espécie de trote social, “sempre um tanto humilhante para quem é objeto dele” (idem, p. 19). Em outras palavras, somente o temor, a ameaça que o riso inspira, pode reverter o caráter ou atitudes libertárias, contrárias ao *status quo* ou ao que é tido como natural e normal.

A discussão sobre o riso e a comicidade se afunila mais ainda com a leitura de um dos famosos estudiosos do Formalismo Russo: Vladimir Propp (1992), em *Comicidade e riso*. Esta é uma obra publicada postumamente, em 1976. Para o autor, “foi necessário levar em conta tudo aquilo que provoca o riso ou o sorriso, tudo o que, ainda que remotamente, se relaciona ao domínio da comicidade” (idem, p. 16). Para isso, o *corpus* baseou-se em exemplos do folclore russo, nas charges de revistas e jornais, na literatura, com destaque para o famoso escritor russo Gógol e o francês Molière, além de fatos cotidianos que lhe vieram à mente.

O livro de Propp divide-se em 27 capítulos agrupados em torno de dois eixos centrais: o riso de zombaria e outros tipos de riso (suscitados por *defeitos* físicos ou morais, jogos de palavras, dentre outros). Notamos que já no primeiro momento, o estudioso russo dialoga e duela com as vozes de diversos filósofos e estudiosos que se debruçaram sobre os aspectos do riso e da comicidade, inclusive Aristóteles e Bergson, seja complementando ou retificando ideias.

Seu primeiro rebate é o de estabelecer que o cômico não é algo inferior, menor ou mesmo vulgar. Para ele, não existe essa ordem hierárquica que remonta aos tempos gregos. O cômico é apenas a oposição do que é sério, sem descartar que existe sim um modo risível de dizer coisas sérias. Mas, o que mais nos interessou nessa obra foi a opção de Propp por começar com o riso de zombaria ou o estudo da *derrisão*, cuja justificativa dá-se tendo em vista que “todo o vasto campo da sátira baseia-se no riso da zombaria. E é exatamente este tipo de riso o que mais se encontra na vida” (idem, p. 28).

Notamos que essa utilização do riso, que se faz em gradações extremas ou sutis, conforme mostrou-nos mais profundamente Propp, é uma das marcas da poesia de um sujeito que se classificou como um poeta “joco-sério”. Em seu fazer poético, Juvenal Antunes, assim como muitos outros escritores e poetas no decorrer dos séculos, muitas vezes, por meio da poesia fez brincadeiras, ditos jocosos com amigos, bem como trouxe à tona seu asco diante das máscaras sociais e do que considerava coercitivo na organização social, por meio do humor, da sátira e da ironia escarnekedora para fazer duras críticas a instituições e convenções da sociedade, tentando até mesmo dessacralizar os ensinamentos morais e cristãos ainda muito vigentes em sua época (início do século XX),

Sendo assim, do que podemos rir ou o que pode ser ridicularizado? Diz Propp (1992, p. 29) que, “em poucas palavras, tanto a vida física quanto a vida moral e intelectual do homem podem tornar-se objeto de riso”. No tocante ao aspecto físico, tanto Bergson (1980) quanto Propp (idem) e Hansen (1989), ressaltam que o corpo humano – ou partes dele – em que se encontrem *defeitos*, ou melhor, algo que destoe do comum, possa surgir como mote para o risível.

Vários poemas juvenalinos ilustram essas concepções. Assim, alguns defeitos físicos são exagerados para que possa surgir a comicidade. Dentre esses exageros, presenciamos a hipérbole, (uma das formas de exagero apresentada por Propp), na descrição feita ao amigo Ferrante, nas quadrinhas abaixo:

“O Ferrante, bom jurista,
Também é exímio professor.
Ele tem muitos talentos,
Mas sua feiúra é cruel!

Ele se ufana, então,
De uma “covinha no queixo”...
Coitado... mal sabe que esse buraco
É mais um dos seus defeitos!”

Nos três primeiros versos da primeira quadrinha são ressaltadas qualidades que não provocam nenhuma reação risível (jocosa) ou provoquem a *derrisão* do sujeito descrito, dado que ele é “bom jurista”, “exímio professor” e possui “muitos talentos”. Mas, no último verso dessa quadra o poeta já anuncia outro momento, o do início da zombaria, quando por meio de uma antítese obtida pelo emprego da conjunção adversativa “Mas”, ele denuncia que “sua feiúra é cruel!”. Na outra quadra, encontramos o exagero hiperbólico quando a proporção de uma “covinha”, isto é, uma característica descrita carinhosamente pelo dono no diminutivo, o que daria sentido positivo de “belo”, afetuoso, é aumentada depreciativamente para um “buraco”, algo “feio” e que, para piorar, esse “é mais um dos seus defeitos!”.

Quase metade dos poemas humorísticos coletados, um total de quinze, tratam de homenagens jocosas a pessoas ilustres da sociedade riobranquense. Os poemas publicados no jornal *Folha do Acre*, veiculado na capital acreana, sob o título de *Carta-horóscopo*, surgem a partir do aparecimento de um vidente e ocultista na cidade, um cidadão que mais tarde se tornou dono de hotel, um professor conhecido como Charley. Juvenal Antunes aproveita o ensejo e brinca de predizer o futuro dos amigos, expondo suas virtudes, vícios e defeitos. Nos poemas, Juvenal traça um breve esboço biográfico dos amigos, tratando da infância, adolescência, o presente e *vaticinando* o futuro. Vejamos o que a sorte trouxe para o Dr. Sebastião de Melo, no poema publicado no jornal em maio de 1929. (*Carta-horóscopo VII*):

Nesse poema humorístico, a *Carta-horóscopo VII*, o poeta brinca com a aparência feia, segundo ele, do amigo Dr. Sebastião de Melo, e com sua profissão de médico. Nas quatro primeiras estrofes, há o anúncio de que a verdade transmitida pelo horóscopo, ao contrário do que o poeta queria, não é de dar inveja. O motivo se encontra no segundo momento, da quinta à décima estrofe: é que a “fealdade” de nascença do amigo só

faz “crescer de intensidade”. Mas, isso não deve ser motivo de preocupação do Dr. Sebastião, pois como pessoa amada e como médico, sabe que ser feio não dói e “terá vida descansada”. Na

CARTA HORÓSCOPO

Doutor Sebastião de Mello:
Era o meu mais forte anhélo
 Dar-lhe uma sorte tão bôa,
 Embora fallasse á tôa,
Que inveja você causasse
ao mundo; porém, em face
 Da responsabilidade
 Que eu tenho, - digo a verdade.
Você, que já nasceu feio,
Assim ficará; e creio
 Que essa sua fealdade,
 Vae crescer de intensidade,
Quando chegar aos quarenta
Niguem tal feiura agüenta.
 Mas, você, bem resignado,
 Porque será sempre amado,
E, médico, sabe bem
Que nunca Matou ninguém
 Ser feio, nem dóe, nem nada,
 Terá vida descansada.
Você, já quase acrobio
Descobrirá um micróbio
 Que o tornará milionário

E, que caso extraordinário!
Hei-de ser eu, felizmente,
O seu primeiro cliente.
 O bacilho qual será?
 O da feiura, aqui está!
E eu com uma só injeção,
Também de sua invenção,
 Ficarei bonito; e novo
 Qual pinto quando sae do ôvo.
Mas, que desgraça! Você
Que tal maravilha vê,
 Toma a Injecção, na certeza
 De que há-de alcançar beleza.
Toma outra, outra mais, mais uma,
E não têm melhora alguma!
 Viverá noventa e sete,
 É o que o horóscopo promete.
O resto do seu futuro
É bom, é feliz. Procuo
 Lêr alguma coisa mais...
 Nada! A morte, a eterna paz!

Juvenal Antunes

décima primeira estrofe inicia-se uma parte vital do vaticínio: o momento em que o sujeito-objeto do poema já “macróbio”, isto é, em idade avançada, faz a descoberta extraordinária do bacilo que acaba com o mal da feiúra, O poeta, primeiro cliente, ficará curado, mas o criador das injeções maravilhosas “não tem melhora alguma!”. Num quarto momento, da vigésima à vigésima segunda, e última estrofe, passa-se à sina da morte, que chegará aos noventa e sete anos do Dr. Sebastião de Mello.

O tema da feiúra, muito recorrente nesses poemas e também na *lírica trovadoresca*, em pinceladas, ou como mote, como no caso mostrado acima, é um dos preferidos na poesia juvenalina. Na vida e na arte, Juvenal apreciava a irreverência, as brincadeiras, por isso, nos poemas satírico-humorísticos, a “fealdade” é recorrente. Em *anatomia da crítica*, Frye (1973, p. 229), nos adverte que a “idéia fixa romanesca que gira em torno da beleza da forma perfeita, em arte ou alhures, é também alvo lógico da sátira”. No entanto, enfatizamos, novamente que, embora haja um cunho satírico nesses poemas, consideramos predominantemente humorísticos, porque na leitura deles observamos que sua natureza é mais voltada ao jogo, à brincadeira, do que à maledicente crítica derrisória, ou seja, de rebaixamento do outro. Assim são as demais tentativas de horóscopo: brincadeiras que também demonstram uma forma de apreço pelos amigos e pelas piadas.

O carnaval, como manifestação cultural popular e “válvula de escape para a alegria de viver” – como disse Propp (1992, p. 169), também serviu de inspiração para os versos da marchinha “Vou pular com o pé na cova”. No poema, Juvenal satiriza o bloco dos “mariquinhas” – dizendo que são inofensivos, o então delegado da cidade – mandando que o acordem - e ainda chama “o Sandoval” de “chato”. Já nos versos do coro ou estribilho, o poeta não só expressa seu desejo de diversão na folia: “pular, frevar e cantar”, “me embriagar”, como também desejos sexuais com garotas de programa de um bordel da cidade: “apertar os peitinhos das meninas/ lá do bordel da Creuza, Creuzinha!”.

Notamos que aqui ocorre o rebaixamento para o plano material e corporal das coisas, o que Bakhtin (2008) denomina de *realismo grotesco*. No significativo estudo intitulado *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*, o teórico russo afirma que na obra rabelaisiana são comuns imagens do corpo em si, da comida, da bebida, das necessidades fisiológicas e da vida sexual, algo também encontrado no poema em tela.

A respeito desse estudo sobre Rabelais e a cultura popular na Idade Média, Propp (1992, p. 169) analisa que, “a licenciosidade e o riso ligados às festas eram um modo de expressar o protesto contra a moral ascética opressiva e a falta de liberdade impostas pela igreja, e contra todo o conjunto da estrutura social da Idade Média feudal”. Obscenidades são também comuns no poeta barroco Gregório de Matos e Guerra, conforme nos mostra o professor Hansen (1989) e Wisnik (1973). No entanto, o uso dessa licenciosidade, para Gregório, é mais cortante e ferina com o propósito principal de satirizar, como forma de castigo ou correção, alguns tipos da cidade ou a própria *Bahia* como um corpo místico, o que não ocorre no poema de Juvenal, pois na leitura do poema constatamos mais acentuadamente os prazeres carnais encontrados nesse evento popular, algo que alegra o perfil irreverente do poeta.

Por último, lembremos o diálogo satírico-humorístico que o nosso poeta faz com o poema do romântico Álvares de Azevedo e preserva o mesmo título do poema de outrem: *A lagartixa*. No poema do poeta adolescente, “a lagartixa ao sol ardente vive”, na dependência do astro-rei. Assim, ele compara sua dependência amorosa da amada como o réptil – lagartixa - depende do sol para viver. Já no poema juvenalino, o poeta, interage com sua musa Laura, e pede que repare a solenidade da lagartixa subindo um muro de cimento, ora como um deputado acenando com a cabeça, ora “a tirar conclusões das tolices do mundo”. O poeta conclui jocosa e ironicamente afirmando que, afinal, percebeu: “Para todos a vida é um pau de sebo”; isto é, a vida é comparada a um elemento simbólico em festas populares e cuja escalada rumo a um prêmio no alto do mastro é escorregadia e, por isso, acessível a poucos.

Em suma, no passeio pelo percurso humorístico da poesia juvenalinas constatamos que apesar do tratamento de outros temas, como o carnaval ou reflexões com animais (*A lagartixa*, *O peru*, *O papagaio*), que desembocam em gracejos, as homenagens jocosas a amigos e pessoas ilustres do Rio Grande

do Norte e do Acre, sejam em quadras ou dísticos, foram a tônica na poesia humorística de nosso poeta. Acreditamos que essa modalidade de expressão, que ocupa o segundo lugar no *ranking* quantitativo de poemas – um total de 40 – tenha sido utilizada para dar vazão à irreverência e alegria do poeta, principalmente para brincar poeticamente com amigos seus e conferindo-lhes seu apreço e consideração em registros escritos.

2.2. Poemas satíricos: críticas e resistência

O satírico aparece em estágios complexos e saturados da vida urbana; momentos em que a consciência do homem culto já se rala com as contradições entre o cotidiano real e os valores que o enleiam (BOSI, 2000, p. 192)

Conforme já notamos, dentre as formas de gradação do riso, neste momento destacamos o riso de *zombaria*, que é mais severo, ou da *sátira* propriamente dita. Carvalho (2008) elucida que, de início, a sátira era apenas uma espécie de poema de pouca extensão, que tratava de assuntos sérios, gracejos ou zombarias, tendo suas origens entre os gregos.

No entanto, o romano Lucílio (148 a 102 a. C.) é considerado como o responsável pelo modo como a sátira é conhecida até os dias de hoje, mesmo que com certas restrições, isto é, como “aquela manifestação literária que focaliza a corrupção dos costumes e o luxo excessivo, além de expor o íntimo do homem para depois atingir as mazelas da sociedade. Para Lucílio, a sátira tem um sentido amplo de provocação, sarcasmo e ironia” (idem, p. 46, 47). Já quanto a estabelecer o gênero satírico coube a um Juvenal, que não o Antunes, um romano que usou a sátira como modo de expressar sua indignação contra os vícios e injustiças que à sua época dominavam Roma.

Ainda conforme Carvalho (ibidem), dentro da Literatura, a sátira pode ser classificada, de acordo com suas características, como menipéia ou como latina. A primeira foi assim nomeada

por Terêncio (116 a 27 a. C.), associando-a a Menippus, filósofo grego da escola dos cínicos, no século III a. C. Esta escola obedecia, exclusivamente, às leis da natureza e desprezava as riquezas, convenções e distorções sociais, bem como as atitudes irracionais dos poderosos para a manutenção de seu poder. Já a latina, que tem como seus maiores representantes Plauto e Terêncio, apresenta como mote a conhecida frase *ridendo castigat mores* (rindo, castigam-se os costumes), isto é, tem na sátira a crítica aos costumes familiares, dentre outros aspectos tratados com maior leveza do que a menipéia e com o objetivo de utilizar o riso como modo de correção.

Já vimos que o gênero satírico é muito propício para por em destaque tipos ou atitudes humanas *inferiores*, denunciando *vícios e defeitos* e, por conta disso, já foi considerado até como um gênero menor, ao contrário da tragédia, por exemplo, considerada nobre e enaltecida por Aristóteles por retratar as qualidades superiores, “heróicas”, do homem ou de um povo. De início, a sátira era feita para a audição popular, do vulgo, depois passa a ser escrita, por isso é considerada como um gênero misto: por comportar também elementos da oralidade. A junção dessas características fez com que a sátira fosse considerada por Aristóteles e a outros estudiosos sucessores como um estilo baixo ou grotesco.

Não obstante, a literatura satírica ganhou grandes proporções atravessando os séculos e os mares. Nas literaturas de língua portuguesa, já na Idade Média, as cantigas de escárnio e de maldizer repercutem motes satíricos com os trovadores, tais como Pêro Garcia Burgalês e João Garcia de Guilhade, conforme Massaud Moisés (1994). Além deles, Tavares (1989, p. 313) ressalta que:

Em Portugal, a sátira desponta nas produções poéticas de figuras marcantes como Agostinho de Macedo, Bocage, Nicolau Tolentino, Guerra Junqueiro. No Brasil, Gregório de Matos, apelidado “Boca do Inferno”, e Emílio de Menezes, chamado por alguns o “último boêmio”, estão entre os vultos mais notáveis.

Destacamos da lista os nomes do brasileiro Gregório de Matos (o “Boca do inferno”), reconhecido por ter “uma verve não igualada em toda a história da sátira brasileira posterior” (BOSI, 1994, p. 41), bem como os dos revolucionários poetas portugueses da chamada Geração de 70, do século XIX, Guerra Junqueiro, além Antero de Quental, referências da tradição literária satírica com quem dialoga o nosso poeta potiguar-acreano Juvenal Antunes, como veremos mais adiante.²

Na atualidade, uma noção moderna (e válida para este trabalho) do que seja a sátira é formulada pelo teórico e crítico literário Northrop Frye (1973), que a define como “ironia militante: suas normas morais são relativamente claras, e aceita critérios de acordo com os quais são medidos o grotesco e o absurdo”(p. 219), ela “requer pelo menos uma fantasia mínima, um conteúdo que o leitor reconhece como grotesco, e pelo menos um padrão moral implícito, sendo o último essencial, numa atitude combativa para a experiência”, por isso, a sátira é “a luta cômica de duas sociedades, uma normal e outra absurda, reflete-se em seu duplo foco de moralidade e fantasia”.

Dito de outro modo, a sátira exige certa fantasia ligada ao que pode ser considerado como absurdidade ou grotesco, algo estranho que possa ser risível e ao mesmo tempo chocante, como o “humor negro”, por exemplo, e também algum valor moral que o leitor identifique como um padrão. A sátira pode conter graça ou humor, no entanto, Frye (idem, p. 220) ressalta que “o ataque, sem humor, ou pura denúncia, forma um dos limites da sátira”.

No poema *Elogio da Preguiça* podemos encontrar versos engraçados que tocam em pontos polêmicos, como quando o autor bendiz a preguiça, chega a desejar que a nutrição se faça pelo vento (para não ter o trabalho de ter de ingerir o alimento, claro!), e até utiliza o vocativo “Ó Laura!” e a acusação no presente – “Tu te queixas”, para explicar algo ocorrido no

² Continuaremos adiante a discutir mais densamente sobre as influências literárias e o diálogo que o poeta estabelece com diversos escritores.

passado – “ontem” – e pedir que a amada, futuramente – “não faças” –, não o acuse injustamente por faltar a um encontro, pois, afinal, não foi por medo do marido dela que ele perdeu o compromisso, mas por simples e pura preguiça:

Ó Laura! Tu te queixas que eu, farsista³,
Ontem faltei à hora da entrevista,

E que ingrato, volúvel e traidor,
Troquei o teu amor por outro amor,

Ou, que receando a fúria marital,
Não quis pular o muro do quintal,

Que me não faças mais essa injustiça!
Se, ontem, não te fui ver, foi por preguiça.

No entanto, nada engraçados são outros versos do *Elogio à Preguiça*, versos esses que são pura denúncia, crítica mordaz e ridicularização ao trabalho humano, algo tão enaltecido no decorrer dos séculos e nas diversas sociedades. O poeta reconhece, assim como Bosi (2000, p. 226) que, “nem todo trabalho torna o homem mais homem. Os regimes feudais e capitalistas foram e são responsáveis por pesadas cargas de tarefas que alienam, enervam, embrutecem”.

Essa *condição humana* foi muito bem analisada por Hannah Arendt (*apud* CARIGNATO, 2010) que sistematizou esse condicionamento interno e externo em três aspectos: labor, trabalho e ação. Detendo-nos ao segundo aspecto, Arendt deixa claro que o trabalho é resultado de um processo cultural, pois consiste numa atividade artificial de criação de objetos que se interpõem entre o homem e o mundo natural e entre ele e os outros homens. Para a escritora, o advento da Era Moderna passou a valorizar o trabalho (produção, criação de artefatos) em extremo. A partir daí, do sistema capitalista tão forte nas sociedades ocidentais, o homem passa a ser mais

³ “1. Impostor; embusteiro; farsante; 2. Burlesco; gracejador; zombeteiro”. In: LUFT, Celso Pedro. **Minidicionário Luft**. São Paulo: Ática, 2009.

instrumento utilitário, trabalhando como animal em busca da sobrevivência, do que animal político, dotado de razão, liberdade para a ação e a palavra, pública. Em poucas palavras, Arendt aponta a alienação do homem moderno em relação ao mundo e o desaparecimento, muitas vezes, de seu senso comum.

A ironia é um dos instrumentos lingüísticos mais utilizados para fazer críticas a essa triste situação que afronta a dignidade humana. A ironia é uma herança retórica que consiste em se afirmar uma idéia que na verdade quer dizer o contrário, como, por exemplo, no uso das Escrituras Sagradas para ratificar que a preguiça tem aprovação divina: “Não te preocupes com o dia de amanhã”. Nesse sentido, Barbosa (1996)⁴ explica que a ironia consegue desnudar o ridículo das pessoas, das convenções sociais, da hipocrisia, da opressão individual e social. Eis o motivo do uso desse recurso lingüístico nos poemas: afirmar o rompimento com convenções sociais do sagrado, a exemplo da Bíblia, do trabalho, do casamento, dentre outros.

Mas, voltando ao poema *Elogio à preguiça*, para o poeta, o trabalho não enobrece o homem; pelo contrário, o escraviza e o mata, pois serve para fins nocivos, isto é, para instalar destruição e caos por meio das guerras. Nem as leis e acordos contêm os canhões, o fogo, o “matadouro” humano.

Todo trabalho humano em que se encerra?
Em, na paz, preparar a luta, a guerra.

Dos tratados, e leis, e ordenações,
Zomba a jurisprudência dos canhões.

Juristas, que queimais vossas pestanas!
Tudo o que legislais dá em pantanas.

⁴ Em estudo sobre Monteiro Lobato, analisando a construção do humor e sua ironia fina. Ver: BARBOSA, Alaor. *O ficcionismo de Monteiro Lobato*. São Paulo: Brasiliense, 1996.

Plantas a terra, lavrador? Trabalhas
Para atizar o fogo das batalhas.

Cresce o teu filho; é belo, é loiro.
Mais uma rês votada ao matadouro!

Nesse trecho, observamos que o poeta vai construindo a sua ideia ao objetivo ou finalidade do trabalho humano, por meio de perguntas que têm como resposta o contraponto entre a justiça, existente apenas como instituição, exercida por “juristas” apoiados em acordos feitos em papéis, como “tratados, leis e ordenações”, como um plano ideal e a vontade humana, concreta, que dispara canhões, queima plantações, mata pessoas como gado que vai ao matadouro. O uso das metáforas é também fundamental para suscitar as imagens do fogo e do sangue que o alimenta nas guerras.

A indignação e o conflito que se instauram no poema são tantos que, por meio da condição “se”, a realidade é assim tão dura, “se” os homens são tão cruéis, como chacais, - metáfora utilizada para designar a selvageria animal, isto é, irracional -, melhor que o fogo causado por eles aumente à proporção de uma “colossal fogueira” e ocorra a total destruição humana. Eis aí uma imagem metafórica muito forte e impactante, como foi a da Primeira Guerra, ocorrida no período em que foi feito o poema (início do século XX, pois o poema foi publicado em 1922).

Pois, se assim é, se os homens são chacais
Se preferem a guerra à doce paz,

Que arda depressa a colossal fogueira
E morra, assada, a humanidade inteira!

A temática recorrente da preguiça na poética de Juvenal Antunes é algo que perpassa os limites da sátira, isto é, mesmo que ela não seja mote, como neste elogio, o poeta toca nesse ponto em versos líricos também. Entendemos, no entanto, que a escolha desse tema coadune com a própria inclinação do

poeta marcado pela irreverência juntamente com influências literárias que o perpassaram, como por exemplo, a de Paul Lafagne (*apud* HERNANDEZ, 2010) que, em 1880, publicara *O Direito à Preguiça*, denunciando que o dogma do trabalho era um malefício ao ser humano, principalmente na época moderna. Ele pontua que “a nossa época é, dizem, o século do trabalho; de fato, é o século da dor, da miséria e da corrupção”.

Em outros poemas, as críticas e censura aos vícios e defeitos humanos continuam. As injustiças e disparidades o incomodavam não apenas na sociedade da qual fazia parte, por isso alça sua voz enquanto cidadão do mundo. É o que podemos conferir no *Elogio à ignorância*. Galileu, Sócrates e Jesus Cristo são apresentados como sábios ilustres que se defrontaram com a morte por conta dos doutores da lei. Também Calino, um dos mais antigos poetas líricos, compositor de versos relativos a guerras, é confrontado com Rui Barbosa, político brasileiro influente e admirado por sua diplomacia.

A partir da leitura desse poema nos perguntamos: então, do que serve ou no que desemboca a sabedoria humana? A resposta é desalentadora e ilustrada com a Alemanha, berço de famosos filósofos e escritores.

Terra de sábios, vede essa Alemanha!
N’um mar de sangue a Europa inteira banha.

Congo, Bolívia, Haiti, Calábria, China,
Existe aí igual carnificina?”

Ser jumento ou condor em nada influi:
É a razão de Calino contra Ruy.

Nas bibliotecas, livros aos milhões...
Contra os mesmos, as balas dos canhões!

Nesses versos, vemos a contraposição da intelectualidade, isto é, da racionalidade humana à irracionalidade das guerras; é como se o que durante séculos se tentou construir, todo o conhecimento humano, patrimônio universal, e conquistas

ruíssem e se reduzissem a nada ao estouro dos canhões imperialistas. Entendemos, assim, que a Alemanha é evocada por ter sido um desses países ávidos pela disputa dos domínios coloniais e dos mercados mundiais, já em meados do século XIX entrando no XX. Toda essa competição pela expansão imperialista ocasionou a Primeira Guerra Mundial, ocorrida entre os anos de 1914 a 1918, poucos anos antes da publicação do livro *Acreanas*, em 1922.

Outro fator interessante é a citação de países ou regiões de todos os continentes que faziam parte da rota da expansão e colonização europeia e foram alvos de disputa entre os países que deflagraram a Primeira Grande Guerra: Congo (África), Bolívia (América Latina), O Haiti (América Central), Calábria (Europa) e China (Ásia) (PEDRO, *et al*, 2005).

Conforme nossa observação, essa luta armada entre nações por motivações e interesses nacionais de expansão não passou incólume aos olhos do poeta, mesmo um tanto distante geograficamente do “banho de sangue” descrito por ele. O advento da Guerra, a ciência e a tecnologia humanas utilizadas visando maior impacto e mortandade causou um grande choque no mundo inteiro e, o poeta, como “antena da raça”, transmitiu que também foi atingido na alma e na consciência.

Nádia Souki (1995) ao analisar o fio que tece a *banalidade do mal* descrita por Hannah Arendt na polêmica obra de 1963, *Eichmann em Jerusalém – um Relato sobre a Banalidade do Mal*, contribui conosco para elucidar essa questão do mal, dentro da perspectiva política. Explicando melhor, para Hannah Arendt o mal é visto como sinônimo de violência; violência essa que surge no século XX numa nova modalidade, que torna os homens supérfluos. Para ela, as sociedades burocráticas modernas proporcionam a obediência cega de ordens – muitas vezes irrealis, sem sentido – e a rarefação do pensamento, da consciência e julgamento crítico. Esse vazio de pensamento, estratégia muito utilizada pelos regimes totalitaristas, é um

desencadeador da banalidade do mal: banal no tocante a um fenômeno que se dá a aparecer.

O fenômeno do imperialismo, desencadeador das guerras, é compreendido por Hannah Arendt como a inversão de valores, ocorrida no período entre 1884 e 1914, quando se dá à economia a prioridade sobre a política. Para ela, esta época compreende a primeira fase de dominação política da burguesia, cujos interesses privados são camuflados em princípios políticos. Toda essa *banalidade do mal*, esse assalto à dignidade humana, entra em conflito com os princípios do nosso poeta, um sujeito que não quer sobras, mas sim procura viver e, por isso, defende arduamente esse bem precioso que é a liberdade, concebida por Arendt, como o direito ao pensamento, à palavra e à ação política.

Outra forma de sátira é o louvor irônico ou que Aristóteles (*apud* HANSEN, 1989) chama de *encômios paradoxais*, louvores paradoxais feitos a objetos indignos de qualquer elogio. O irreverente poeta Juvenal Antunes apreciou elaborar elogios irônicos bendizendo alguns temas inversos aos valores positivos: a preguiça, a ignorância, a velhice. Enaltecer a figura do *diabo*, o vilão da tradição cristã, em molduras líricas como os clássicos versos alexandrinos (duodecassílabos) enformados num soneto, é outro modo de extravasar a irreverência de um cético que escandaliza ao trazer à tona um anti-herói que “vive a divertir a humanidade triste”.

Analisamos que, como um gênero político, a poesia satírica foi a mais apropriada para denunciar a insatisfação e resistência do poeta. Sabemos que o riso escarnecedor pode funcionar como uma arma de destruição, pois “ele destrói a falsa autoridade e a falsa grandeza daqueles que são submetidos ao escárnio” (PROPP, 1992, p. 46).

Para Propp, na satisfação do prazer do riso de zombaria não está um sentimento farisaico de superioridade sobre o outro, ao contrário, está o *instinto de justiça* “que possui, ao contrário, um caráter profundamente moral. Vendo que o mal

é desnudado e ao mesmo tempo rebaixado e punido, sentimos por isso mesmo satisfação e prazer” (idem, p. 181). É claro que também existe um pouco de malvadeza, mas ao mesmo tempo um sentido de justiça triunfante e que até mesmo alivia tensões.

Esse humor negro, para o poeta tinha uma função, como já foi dito antes. No poema *Erros*⁵, cuja epígrafe latina é *RIDENDO CASTIGAT MORES* - “rindo castigam-se os costumes/a moral”, encontramos os versos: “Rindo, profligarei da humanidade/ Os seus erros, agrade ou desagrade”. Nestes versos analisamos que o poeta dialoga com o conceito clássico do riso, principalmente do riso satírico como castigo, tal qual Bergson, filósofo de sua contemporaneidade.

Já o filósofo russo Propp dá o enfoque de que a sátira corrige ou cura “aqueles contra os quais ela é dirigida”. Assim sendo, inicialmente ele pergunta e depois responde:

[...] no que está o significado da sátira? A sátira age sobre a vontade daqueles que permanecem indiferentes diante desses vícios, ou que fingem sobre não vê-los, ou que são condescendentes, ou mesmo que não sabem realmente nada sobre eles. Ela levanta e mobiliza a vontade de lutar, cria ou reforça a condenação, de inadmissibilidade, de não compactuação com os fenômenos representados e, por isso mesmo, contribui para intensificar a luta para removê-los e erradicá-los. (PROPP, 1992, p. 211.)

Nas palavras do professor Hansen (1989), a sátira é como um dispositivo sensibilizador da correção das maneiras, da moral e da boa ordem política. Com base nos pressupostos epistemológicos abordados, poderíamos dizer que a poesia satírica de Juvenal seria sua *poesia resistência*, pois “resiste à falsa ordem, que é, a rigor, barbárie e caos”, “esta coleção de objetos de não amor”, conforme o poeta Drummond (*apud* Bosi, 2000, p. 169).

⁵ O poema *Erros* foi classificado como lírico-filosófico, mas aqui foi tomado como exemplo, apenas a sua primeira parte, para demonstrar a concepção do riso como castigo ou correção, para o poeta.

Por isso, já na introdução de *Acreanas* (1922), o poeta faz questão de salientar que suas idéias correm na mão do contrassenso utilizando versos irreverentes do poeta realista português Guerra Junqueiro, em *A velhice do padre eterno*:

Por tudo isso, e o mais que consta da minha experiência, fiquem os meus leitores sabendo que, quer como poeta, quer como cidadão, esposo muito d'alma as idéias emitidas nesta obra, aberrantes da pauta comum seguida pelos dirigentes do mundo, os quais, com solenes exceções, só sabem rezar aquela ladainha do aureolado vate lusitano:

“São venha-a-nós! Faz do Universo um queijo!
São venha-a-nós! E faz de nós um rato!”

Enfim, Silva (1998, p. 113) confirma e sintetiza que esse aspecto satírico e a escolha de temas com inversão de valores, como os elogios feitos a valores negativos como ao diabo, ignorância, preguiça, “singulariza, em parte⁶, a poesia de Juvenal Antunes no conjunto das primeiras manifestações literárias do Acre”.

2.3. A lírica juvenalina

[...] o lirismo se constitui na manifestação imediata das inquietudes emocionais e sentimentais; no estado natural do “eu” para si próprio, e, portanto, na expressão da resposta mais pronta do poeta em face dos estímulos externos e internos. (MOISÉS, 1999, p. 309)

Conforme Cara (1989), desde a Antiguidade, a poesia é a expressão da linguagem mais criativa e mágica e que possui uma estreita relação com a música. Ela era utilizada para e pelo povo em celebrações de muita alegria ou tristeza. Nos rituais gregos, enquanto a profetisa revelava o futuro, o povo entoava

⁶ Em parte, para Silva (1998), porque o poeta “também se deixou seduzir pelos temas que monumentalizam a vida nacional”, dedicando um elogio a Rui Barbosa, por exemplo, e também se influenciou fortemente pelo Parnasianismo, movimento literário em voga àquela época.

cantos de lamentações ou de júbilo. O instrumento musical que geralmente acompanhava esses momentos era a lira, daí o surgimento da poesia *lírica*.

Com a formulação da teoria dos gêneros de Aristóteles e Platão, três são as classificações do gênero literário e, por conseguinte, três tipos de poesia: a lírica, a épica e a dramática. A poesia lírica é caracterizada por ser breve e pela manifestação da voz do poeta em primeira pessoa. Nessa época da classificação de gêneros, a poesia épica, narrada para um público, era destacada porque expressava a unidade da *polis*, cidade-estado grega.

Assim, para Cara (*idem*), a difusão da poesia lírica vai ocorrer de fato com o crescimento das cidades aliado à necessidade da expressão individual. Desta forma, os instrumentos musicais tais como a flauta e a lira que acompanhavam a poesia passam a ser diversificados, bem como a forma de estruturação da lírica.

A poesia lírica, então, passa por diversos conceitos e mudanças. No Renascimento, após uma releitura da *Poética* de Aristóteles, com a invenção da imprensa, os neoclássicos do século XV, pensam-na no campo da palavra escrita para ser lida e/ou declamada. Algo ainda comum nos saraus literários até aos dias da contemporaneidade.

Já no Romantismo, essa forma poética deixa de ser vislumbrada como um último plano de expressão. Ao contrário, a figura do escritor, do poeta, se sobressai e a poesia lírica ganha seu espaço, ou melhor, alcança lugar de privilégio. Nesse processo, as revoluções, o crescimento exorbitante das cidades influencia o fazer poético, motivando o poeta romântico a se fechar num mundo só dele, fazendo idealizações do amor, da mulher, do espaço (bucólico), e, por fim, evadindo-se da realidade. Nesse momento, a poesia torna-se a expressão do “eu”.

No Modernismo, a cidade novamente é responsável pela mudança no fazer poético. Com a expansão ainda maior da zona urbana e a conflituosa relação homem *versus* máquina,

o poeta moderno, procurando alcançar a velocidade, rompe com os padrões românticos de versificação e idealização, por exemplo, dentre muitos outros aspectos estéticos e temáticos.

As vanguardas européias refletem muito bem essa reviravolta na poesia. Nesse período, o poeta moderno se vê inserido num mundo tão vasto que a sua expressão será apenas um recorte, sabendo que faz apenas uma tradução parcial desse mundo. Daí a poesia lírica moderna poder até ser qualificada de “loucura”, porque transgride a lógica. O sujeito lírico, ou “eu” do poema não é mais um ego racionalista como na Antigüidade clássica, nem um “eu” subjetivo como no Romantismo.

É na poesia moderna, que surge a diferença do “eu” real do poeta, o sujeito histórico, e o que aparece no poema, o “eu lírico” ou “sujeito poético”, dentre outras nomenclaturas. Para o poeta moderno, a poesia lírica vai se concretizar no modo como a linguagem do poema organiza os elementos sonoros, rítmicos e imagéticos.

Entretanto, acreditamos na ligação indissociável entre história e literatura, o que faz com que haja elementos da realidade, ou melhor, capturas ou impressões dela na criação literária. Por isso, também, a escolha recorrente de temas polêmicos nos poemas modernos, revelando as incertezas e insatisfações do ser humano após tantas mudanças abruptas no mundo: as guerras, os sistemas políticos, a ordem social, etc.

Em se tratando da veia lírica do nosso poeta, muitos foram os apontamentos feitos por outrem. Para Siqueira (2008, p. 53), por exemplo, “o ponto culminante da poesia juvenalesca seriam os seus trenos de amor”. Já Silva (1998, p. 112) sintetiza que nos textos extraídos de *Acreanas*, “a temática amorosa está presente em vários poemas, dos (quais) alguns são dedicados a Laura, musa e interlocutora, motivo central da poesia de Juvenal Antunes reunida no livro”, além disso, “os poemas líricos seguem uma sequência na temática amorosa, que vai da declaração do amor, [...], ao encontro com a amada e uma vida venturosa juntos, e por fim a separação e o sofrimento”.

Além do que já foi abordado por outros pesquisadores, constatamos que grande parte desses poemas lírico-amorosos dão provas da adesão de Juvenal à sonetomania do Parnasianismo. Por esse motivo, embora o poeta tenha afirmado que não se filiou a qualquer escola literária⁷, reiteramos que houve sim, em parte de sua poesia, a influência do movimento literário em voga no Brasil, no início do século XX, cuja preferência era maior por descrições, assuntos exóticos, mitológicos, pitorescos, escritos em estilo sóbrio e austero com uso de palavras rebuscadas, bem como a recorrência de temas universais, como o amor, a morte, enformados (geralmente) na espécie soneto, formada por dois quartetos e dois tercetos, em versos decassílabos ou alexandrinos, herança do Classicismo.

O soneto *Vulcão*⁸ é um bom exemplo de um soneto lírico-amoroso contendo influências parnasianas na sua construção:

VULCÃO

Quem te conhece assim, simples, modesta,
De olhos baixos, discreta e recolhida,
Com esse Cândido porte, que te empresta
Um ar de melancolia compungida,

E ouve-te a voz tão sussurrante e mesta,
Como uma doce nota sustentada,
Fica a pensar que alguma dor te infesta,
Que alguma mágoa te consome a vida.

Toda a gente, entretanto, anda enganada;
És, entre as mil mulheres que eu conheço,
A mais ardente, a mais apaixonada...

Semelhas o vulcão, perfeitamente:
Por fora – pedra, argila, areia, gesso;
Por dentro – fogo, lava incandescente!

⁷ “Ontem, como hoje, não me filiei em escolas, submetendo-me tão somente aos preceitos da Poética, certo de que me cingia ao essencial” (ANTUNES, Juvenal. *Acreanas*. 1922, p. 01. Versão digitalizada).

⁸ ANTUNES, Juvenal. *Acreanas*. 1922. (versão digitalizada)

O poema em questão dá mostras da veia parnasiana pela descrição e exaltação da mulher. O poeta começa por delinear atitudes da musa que perfazem o perfil psicológico de uma mulher “simples, modesta”, “discreta e recolhida”, como que atravessada pela melancolia, por “alguma dor” que a infesta e lhe “consome a vida”. No entanto, num segundo momento, o retrato dessa mulher é pintado com cores e nuances mais vívidas quando se anuncia no primeiro terceto que ela é “entre as mil mulheres” conhecidas pelo poeta como “a mais ardente, a mais apaixonada...”. Assim, no último terceto, a musa é comparada a um elemento fenomenal da natureza, até mesmo místico, como é o vulcão. O poeta usa elementos físicos como “pedra, argila, areia, gesso” para caracterizar seu exterior firme, bem calçado, ao passo que internamente ela é “fogo, lava incandescente!”.

Interessante notarmos o exotismo da imagem do vulcão, descrito entre os povos como um “gigante que dorme”, um corpo vivo e impetuoso ao acordar. Já os elementos como a pedra, argila, areia e gesso são substâncias minerais utilizadas para moldagem de peças e utensílios, além de construções arquitetadas e aludem à beleza e perfeição das formas trabalhadas pelo homem como o *vaso grego* ou um castelo. Já a imagem do fogo remete ao calor (que também trabalha formas), que é vida, luz. Tais imagens são herança do classicismo aos poetas parnasianos, que cultuavam a forma como imagens estéticas de beleza e equilíbrio.

Mas, além das descrições e declarações de amor, principalmente à musa Laura, bem como situações e cenários em que seu fantasma fulgura junto à do eu lírico, o que se faz presente em grande parte dos poemas lírico-amorosos, encontramos também tentativas de definição do Amor, como réu *No tribunal*, ou a *Lógica* do que seja amar “ardentemente”.

LÓGICA

Se amar é ser escravo e não altivo,
Alienar a vontade e o movimento,
Ter em céus e infernos, como vivo;

Se amar é bem mal tão exaustivo,
Que embora, fecha, cega o entendimento,

Se amar é padecer tal sofrimento,
Sem um remédio, sem um lenitivo,

Se amar é ver fugirem calma e sono,
Não saber explicar o que a alma sente,
Ambicionar aquilo que ambiciono,

Ter sempre alguém no coração presente,
Sentindo solidão, vácuo, abandono,
Então já sei que te amo ardentemente!

A lógica do que seja amar é construída por meio da anáfora - “Se amar é” - em três estrofes das quatro do poema, associando imagens negativas como “ser escravo”, ter cego o “entendimento”, “padecer tal sofrimento”, perder “calma e sono”, sentir “solidão, vácuo, abandono”, bem como viver paradoxalmente em “céus e infernos” esse “bem mal tão exaustivo”. Esse poema dialoga com o famoso soneto de Camões, cujo primeiro verso “Amor é fogo que arde sem se ver”, também se apóia no recurso anafórico “É” nas demais estrofes e que constrói, por meio de antíteses, a sua tentativa de definição do Amor.

Nos dois poemas, de Juvenal e de Camões, o que observamos é uma situação dramática, conflituosa e concernente a essa experiência profunda da vida humana. Os poetas nos lembram que a vida é contraditória, mas esses contrários se complementam (CÂNDIDO, 2006). O que nos lembra *Yin* e *Yang*, princípios opostos, excludentes e complementares presentes no mundo⁹.

⁹ Princípio aceito pelas correntes filosóficas do Extremo Oriente o Tao e o Zen. Cf.: BOSI, Alfredo. **O ser e o tempo da poesia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

A verve lírica de Juvenal também desemboca num outro tipo de amor que não o *Eros*: o *Fileo*, o amor fraterno, como o amor aos entes da família. Aos 24 anos¹⁰, “apesar de homem feito”, o sujeito poético desvela seu saudosismo, veneração, respeito, amor e até mesmo ciúme da mãe, do calor do colo que agora pertence aos netos. Nos cinco últimos versos da terceira e última estrofe do poema, o desejo de não permanecer longe da matriarca é tanto que ele até pede à morte para juntar-se à mãe na eternidade.

Se a morte me escutar,
Quando te vier buscar para a eterna viagem
E houver de arrebatá-me aos olhos da tua imagem,
Faça com que também te siga, te acompanhe,
Minha querida Mãe!

Mas nem só de *Eros e Fileo* pulsa a veia lírica do poeta, mas de homenagens também: *Elogio de Rui Barbosa*, *Saudação a Miss Rio Branco* e a tantas outras moças que lhe pediam versos para seus álbuns. A pedido do jornal *Folha do Acre*, em 1929, o poeta colaborador, entoa elogiosos versos dísticos a quem representa “a Pátria rica, onde tudo o que é belo frutifica” e deseja que a miss nunca envelheça, mas permaneça linda e merecedora de beijos de felicidade em toda idade, assim como aceite “o preto deste dia,/ E, dum pobre poeta, esta poesia!”

No *Elogio de Rui Barbosa*¹¹, por ocasião da sua morte, em 1923, Juvenal exclama: “Quero as cordas pulsando a minha lira rude,/Render meu preto ao gênio e exaltar a virtude”. Após vários elogios ao “sacerdote da lei”, “cantor do direito e o poeta da justiça!”, bem como menções honrosas à “abençoada nação”, o poeta vaticina:

¹⁰ PEREIRA, Lúcia Helena. **Breve coletânea de Juvenal Antunes**: que elogiava a preguiça do poeta boêmio, irreverente, norte-rio-grandense e... Amava Laura. Natal: Central de Cópias, 1998.

¹¹ In: **Folha do Acre**. Rio Branco, 15 mar. 1923.

Mas, a época virá em que o Brasil te sagre,
Homem prodígio, homem-exceção, homem-milagre!

A pátria há-de, afinal ser mãe justiceira,
Conselheiro da pátria, alma da pátria inteira!

O tempo, que é um fator de justiça e de calma,
Há-de valorizar o espólio de tua alma.

Como herói que tu foste, é certa a tua glória:
Terás, enfim, justiça – a justiça da História”.

Interessante notarmos o nacionalismo do poeta, bem como sua admiração ao diplomata brasileiro como fosse um “novo Jesus”, um messias que surgiu para dar novos rumos ao país. Essa admiração pelo notável homem das letras e do Direito que foi Rui Barbosa era comum entre muitos profissionais liberais e camadas dirigentes àquela época pelo papel que exerceu em vários casos de destaque – como, por exemplo, a questão do direito de posse do território acreano – que figurava nos mapas bolivianos - aos brasileiros, pelo princípio do UTI POSSIDETIS, o qual garantia a posse do espaço aos que o ocupassem.

Sabemos que o lirismo também anda de mãos dadas com a filosofia, com o ato de refletir. Dilemas, angústias, dúvidas, enfim, sentimentos doces e acrimoniosos, tensões da espécie humana são sentidos e extravasados pelo poeta, esse ser que “chega a fingir que é dor/ a dor que deveras sente”, como diria Fernando Pessoa.

No soneto composto em versos alexandrinos, por título *Dilema*, o eu lírico partilha sua tensão entre duas vozes que o martirizam: uma de aprovação, outra de condenação. No último terceto do soneto as disparidades das vozes ecoam: “pura” *versus* “falsa”.

Ouve! Uma te condena, enquanto a outra te exalta:
E’ pura, é pura, é pura, é pura, é pura, é pura!
E’ falsa, é falsa, é falsa, é falsa, é falsa, é falsa!

A reflexão também paira e relaciona a inocência da infância, a desigualdade e a divisão de classes sociais nas quadras que contam a historietta entre duas crianças, Alice, “filha de D. Aurora” e Joaquim, o filho de um *Carreiro*, que brincam de casinha e até de “marido e mulher se chamam”. O poeta vaticina - numa lógica até determinista - que, pela diferença social que existe entre os infantes e o preconceito que advém desse fator, ele, Joaquim, trabalhará fastidiosamente, sem ter a graça de ao menos namorar a mocinha rica.

Feliz inocência a tua,
Filho de um pobre carreiro!
Pensas que és dono da LUA,
E brincas o dia inteiro!

Homem, suarás com um mouro,
E não serás livre um’hora...
Nem hás de ter mais namoro
Com a filha de D. Aurora!

Em dado momento o poeta captou a situação social e econômica do Acre num soneto publicado em 1922, no *Acreanas*, e posteriormente, em 1929, no jornal *O Acre*, do qual destacamos o trecho abaixo:

O ACRE

Terra gigante e nova, opulenta e feraz,
Que a miséria e a ambição povoaram de repente,
Como virgem pudica, amorosa e inocente,
Entregaste o teu seio ao nordeste audaz.

Aqui corria outr’ora, em immensas caudades;
O rio do dinheiro, em tumultuosa enchente;
E era bello de vêr como esta heroica gente
Disputava o bastão de quem gastava mais...

Das espigas, porém, como no Egypto, plenas,
O septennio passou; e, hoje, n’um triste drama,
Vemos, representando o seu papel, apenas

Seringueiros que a fome encóva as faces lividas,
A borracha a dois mil e pouco o kilogramma,
Bacharéis sem questões e coronéis com dividas!

Do ACREANAS

Juvenal Antunes No soneto em tela, contemplamos a descrição de uma terra explorada, comparada a uma “virgem pudica, amorosa e inocente” que se entrega. O cenário ainda mostra a abundância e prosperidade que, tal qual o registro bíblico no livro de Daniel, teve o Egito em sete anos, mas que esgotou, dando lugar à fome estampada na cara dos mais pobres, os seringueiros, e à falta de ocupação e endividamento da alta sociedade: “Bacharéis sem questões e coronéis com dívidas!”.

Nos poemas mencionados, utilizados para ilustração das veredas tomadas no seu itinerário poético, depreendemos que no que concerne à poesia lírica, o poeta Juvenal Antunes de Oliveira soube captar e expor poética e subjetivamente os sentimentos e percepções como um *espírito do tempo*. Como um “doador de sentidos”, como diria Bosi, apresentou-nos o que existe de sublime no mundo humano, tenham valores positivos e/ou negativos, como o Amor, a Vida, a Morte, a Beleza, a Riqueza e a Miséria, assim é que surgem como mais cantadas as temáticas do amor romântico, sensual, fraterno, além das reflexões lírico-filosóficas. Enfim, eis uma breve análise da lírica de um *boêmio inolvidável*.

2.4. Tendências estéticas: formas poéticas

A Estética nasceu de uma observação e de uma fome de filósofo. (VALÈRY, Paul. IN: LIMA, Luís Costa. 1983, p. 07)

Após apresentarmos uma visão panorâmica das preferências temáticas mais recorrentes na poesia de Juvenal Antunes dentro dos blocos de modalidades de expressão,

investigaremos as tendências estéticas da poesia juvenalina. Antes, primeiro, cabe aqui salientar um pouco mais do que seriam essas tendências, compreendendo o fenômeno da estética dentro do campo literário.

No trabalho intitulado *O belo autônomo*, organizado pelo professor Rodrigo Duarte, da UFMG (1997), e que consiste na seleção de textos clássicos de estética, pudemos notar, a partir dos pensamentos de Platão, Aristóteles a Tomás de Aquino, que a Estética foi, por muito tempo, conceituada segundo o seu objeto – o *Belo*, sendo tomada até em dicionários atuais como “estudo que determina o caráter do belo nas produções naturais e artísticas” ou “Filosofia das belas-artes”¹². Esse objeto já foi conceituado e identificado como *a verdade, o útil, o bem* ou *a ordem*, no decorrer dos séculos e seus efeitos são dois, o sentimento estético e o juízo estético. O sentimento é a emoção agradável e o juízo é o gosto. O gosto também pode ser duplo, posto que existe o individual e subjetivo e o universal e objetivo.

Na tentativa de compreender *o demônio da teoria literária* e sua relação com a estética, Antoine Compagnon (2000, p. 232, 233) destaca que a partir de Kant ocorre uma profunda revolução que “desloca o estético do objeto para o sujeito: a estética não é mais a ciência do belo, mas a da apreciação estética”, premissa que corroborava com o pensamento popular de que “a beleza está no olho do espectador”. Em outras palavras, fica claro que Kant consegue estabelecer o subjetivismo do julgamento estético, no entanto, não consegue “escapar da relatividade desse julgamento; esforça-se desesperadamente por preservar um *sensus communis* dos valores, uma estética legítima. Mas, segundo Gennete, trata-se de um voto piedoso”. Por esse motivo, Compagnon denomina a teoria kantiana como

¹² MICHAELIS. **Moderno Dicionário da Língua Portuguesa**. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php?lingua=portugues-portugues&palavra=estética>>.

ilusão estética e ressalta que o francês Gérard Genette opõe a essa ilusão um relativismo radical o subjetivismo kantiano.

Já num enfoque mais atual, Mirian Zappone (*apud* BONNICI & ZOLIN, 2009, p. 193 e 194) esclarece-nos sobre o dilema literário entre história e estética enfrentado pelas teorias formalista, sociológica e a solução dada pela moderna estética da recepção de Jauss. Segundo a síntese da autora, para os formalistas o caráter estético dos textos residia na desautomatização de alguns *procedimentos* já automatizados, enquanto para a teoria sociológica a estética dos textos se reduziu ao “poder de *reprodução da realidade* e do *processo social*”. Já “para Jauss, portanto, na instância ou na dimensão do público ou dos leitores de um texto é que se encontram as bases metodológicas para que possam verificar tanto o valor estético de um texto como o nexos que ligaria as obras numa sucessão histórica”. Isto é, Jauss une história e estética, além de fortalecer a importância do leitor no significado do texto, afinal, é para um leitor ou um público que todo escritor ou poeta destina o seu texto.

É fato que em cada época e sociedade, de acordo com os seus valores, as preferências na Arte, na Literatura, na Poesia, podem sofrer algumas alterações, enquanto outras podem continuar em voga ou ganharem maior contorno e conquistar o leitor. Ao nos depararmos, principalmente, com a poesia lírica do poeta potiguar-acreano, identificamos sua adesão à *sonetomania* do Parnasianismo, em voga no Brasil de 1870 até o primeiro quartel do século XX. A estética parnasiana é baseada no retorno do gosto clássico que consagrou a forma fixa do soneto como esquema perfeito, desafio ou pedra de toque pelo seu caráter conciso, em que um mundo de imagens e ideias deve ser traduzido, no final, num “fecho de ouro”, isto é, num remate bem feito. Segundo a professora Nely Novaes Coelho (1976), o soneto tem sua origem no século XIV, na Itália, e seus principais representantes são Dante e Petrarca, sendo que largamente tem sido praticado até os dias de hoje.

A estética clássica e, conseqüentemente, a parnasiana primava pelo soneto com estrutura métrica em versos decassílabos ou dodecassílabos, mais conhecidos como versos *alexandrinos*, com estrutura rímica em intercaladas ou cruzadas.

Juvenal Antunes, que viveu na época áurea do Parnasianismo brasileiro, também aceitou com afínco o desafio de escrever sonetos expressando “um máximo de sensibilidade e inteligência num mínimo de palavras” (MOISÉS, 1993, p. 279). Vejamos um exemplo de um representativo soneto lírico-filosófico de nosso poeta, soneto elaborado na metade dos seus anos de vida.

AOS 32 ANOS¹³

Entre as do mundo fúteis criaturas,
Já vivi muito mais de onze mil dias;
E, contando alegrias e amarguras,
Tive mais amarguras, que alegrias.

Engolfei em cismares e poesias,
Cantei, como poeta, as coisas puras,
Sem saber, coração, que recolhias
Desilusões passadas e futuras.

Hoje, cético estou. Bem tarde embora,
Vejo só ter razão quem geme e chora,
E quanta ideia vã nos enfeitiça...

De orgulhos e vaidades me desprendo;
E, como um simples verme, vou vivendo
Na calma, na indolência, na preguiça!

O poema em questão tem por título a idade completada pelo poeta àquela época – provavelmente em 1916 ou 1917 – e suas reflexões a partir de suas vivências e filosofia de vida até o momento. No poema autobiográfico, digamos assim, o poeta apresenta sua incredulidade frente à Vida, depois de cantar

¹³ Possui este título no *Acreanas* (1922), mas foi publicado no jornal *O Alto Purús*, de Sena Madureira, em 1917, com o título de *Aos 33 anos* conforme Pereira & Albuquerque (2004).

como poeta e sofrer desilusões. Nos dois primeiros quartetos, ele apresenta um momento passado no qual “engolfou”, ou seja, mergulhou num mundo ideal, cantou “coisas puras”, mas depois se tornou cético e se reconhece como mais uma fútil criatura, “um simples verme”, como dirá depois, isto é, alguém insignificante e que por isso, vai deixando a vida levá-lo sem muitas preocupações. Conforme o remate, feito na última estrofe, depois de se desprender “de orgulhos e vaidades” o poeta aprendeu a viver “na calma, na indolência, na preguiça!”.

Notamos que este soneto e a maioria dos outros sonetos segue o cânon na construção das rimas cruzadas nas duas primeiras quadras (ABAB/ABAB), no entanto, as intercaladas nos dois últimos tercetos (CCD/EED) divergem da preferência clássica dos séculos XVI e XVII (CDC/CDC) e de Camões (CDE/CDE). Neste, assim como nos poemas *Saudade*, *Vitalícia* e *Vulcão*, os versos são metricamente divididos em versos decassílabos, ou seja, dez sílabas poéticas, conforme vemos abaixo:

En¹/tre_as²/ do³/ mun⁴/do⁵/ fú⁶/teis⁷/ cri⁸/a⁹/tu¹⁰/ras, A
Já¹/ vi²/vi³/ mui⁴/to⁵/ mais⁶/ de_on⁷/ze⁸/ mil⁹/ di¹⁰/as; B
E,¹/ con²/tan³/do_a⁴/le⁵/gri⁶/as_e⁷/ a⁸/mar⁹/gu¹⁰/ras, A
Ti¹/ve²/ mais_a³/mar⁴/gu⁵/ras⁶/, que⁷/ a⁸/le⁹/gri¹⁰/as. B

Um outro fator observável tanto no poema *Aos 32 anos*, como em outros, é o uso dos signos emotivos, assim descritos por Coelho (1976), referindo-se aos sinais de pontuação que acentuam os sentidos do poema, como os pontos de interrogação, exclamação e reticências.

Hoje, cético estou. Bem tarde embora,
Vejo só ter razão quem geme e chora,
E quanta ideia vã nos enfeitiça...

De orgulhos e vaidades me desprendo;
E, como um simples verme, vou vivendo
Na calma, na indolência, na preguiça!

O uso das reticências, ou aposiopese, conforme nomenclatura retórica, no verso final ou inicial do primeiro terceto, estrofe que demarca o início do “fecho de ouro” do poema, é encontrada em grande parte dos poemas líricos de Juvenal Antunes, como em *As saudades*, *Aspiração*, *Bifronte*, *Com a mão sobre a chaga* (escrito pelo poeta na sua cidade natal, Ceará-Mirim/RN, aos 16 anos), *Dor calada*, *Dúvidas*, dentre outros. O uso dessa pontuação com certeza demarca o prolongamento ou mesmo a interrupção de uma ideia, sentimento, que o poeta queira evocar com mais densidade, insinuando um pensamento mais aberto a divagações e reflexões. Já a recorrência do ponto de exclamação no último verso do poema, acontece nos poemas citados acima e em outros como em *Cativo* e *Eu só!*, por exemplo. Dessa forma, o remate ganha mais realce e expressão.

O ponto de interrogação também é outro signo emotivo muito freqüente e é utilizado em todas as estrofes, nos sonetos, no entanto, ocorre com mais freqüência no verso final da penúltima estrofe, como em *Conselho* e *Minha flor*, não como simples indagação, pois sua resposta servirá como ponte para construção da ideia final a ser fechada no poema, conforme veremos nos tercetos finais de *Conselho*.

Mas, Juvenal Antunes, quem lhe disse,
Quem lhe meteu nessa cabeça idiota,
Que se pode viver na malandrice?

De ilusões e poesias ninguém come...
Se o meu amigo não mudar de rota,
Tem, com certeza, que morrer de fome!

Após, o vocativo com o próprio nome do poeta e a reiteração do pronome interrogativo “quem” para saber do responsável por afirmar “que se pode viver na malandrice?”, a resposta surge no terceto final: se o poeta pensar em viver num mundo mais subjetivo, “de ilusões e poesias”, e “se [...] não mudar de rota”, isto é, não trabalhar, terá a alma cheia, mas o

corpo vazio, seu destino é que “tem, com certeza, que morrer de fome!”. A reflexão sobre a oposição entre trabalho versus “malandrice”; mundo físico (“comer”, “fome”) versus ideal (“ilusões e poesias”), latente no poeta e neste poema é também ponto comum do poetar de Juvenal Antunes. Além disso, aqui se reflete a visão do senso comum na sociedade daquele momento que encarava a figura do poeta, ou mais genericamente, da arte como passatempo ou mesmo pejorativamente destinada a vagabundos e boêmios, nada que servisse como um ofício que garantisse o sustento do artista.

Mas, voltando às escolhas estéticas, vale a pena lembrar também o uso de um artifício poético antigo e muito comum nos poemas juvenalinos como recurso de pausa métrica, o *enjanbement*, que é o encavalgamento ou encadeamento, utilizado para dar mais dinâmica e velocidade ao poema. Em termos práticos, é a separação métrica de uma oração que continua no outro verso do poema. É o que observamos nos terceiro e quarto versos da segunda estrofe de *Aos 32 anos*: “[...] Sem saber, coração, que recolhias/ Desilusões passadas e futuras”. A pausa métrica é um artifício poético que destoa da pausa semântica, pragmática na prosa. A adesão do poeta ao uso do *enjambement* reflete sua postura de não romper totalmente com o que é canônico na poesia, mas de se “encaixar”, ou melhor, de dar continuidade e/ou fazer parte de uma determinada tradição literária: àquela época, esses pressupostos estéticos, considerados até mais acadêmicos, eram *sine qua non* para o Parnasianismo.

Voltando ao *ranking* das espécies mais utilizadas, passemos para o uso dos dísticos ou parelhas, ou seja, estrofes contendo apenas dois versos. Os dísticos são composições em dois versos que podem ou não ser rimados, com ritmo e métricas variáveis e que são muito comuns em alguns provérbios populares. O uso dos dísticos, aliado a uma linguagem mais simples e despreocupada, é vislumbrada nas quinze jocosas *Cartas-*

horóscopo, destinadas a amigos e pessoas ilustres da cidade de Rio Branco/AC.

Todos esses poemas humorísticos, espécie de homenagem jocosa, uma brincadeira, possuem rimas emparelhadas, mas suas estruturas métricas variam em heroico quebrado (6 sílabas métricas), heptassílabo ou redondilho maior (7 sílabas) ou octossílabo (8 sílabas). Em outros, uma estrofe, um dístico, é composto de redondilho maior e noutro há versos com apenas seis sílabas poéticas. É o que acontece no poema “vaticínio” ao Dr. Francisco de Oliveira Conde, bacharel em Direito que foi vice do primeiro governador do então Território do Acre nomeado pelo Presidente da República, Epaminondas Jácome, (1º/01/1921 a 22/06/1922) e depois governou o Território de 16/11/1922 a 10/02/1923. Abaixo, situam-se os três primeiros dísticos.

CARTA-HORÓSCOPO X¹⁴

Meu¹/ no²/bre³/ Fran⁴/cis⁵/co⁶/ Con⁷/de: A
Vo¹/cê,²/ que a³/ si⁴/ mes⁵/mo_es⁶/con⁷/de, A

E,¹/ quan²/do_es³/tá⁴/ a⁵/ fa⁶/lar, B
Fi¹/ca_o²/ se³/gre⁴/do_a⁵/ guar⁶/dar, B

Vai¹/ ver²/ nos_o³/lhos⁴/ da⁵/ ru⁶/a C
Sua¹/ sor²/te³,/ cru⁴/a_e⁵/ nu⁶/a. C

Embora esses poemas sejam construídos em uma linguagem mais simples, a preocupação estética com a rima e a metrificação não ficou de fora, mesmo que as frases pareçam tão naturais com o anúncio de desvelar a sorte do bacharel, que já foi governador, de forma “nua e crua”.

Outra situação comum em que os dísticos são utilizados é na feitura dos *Elogios* (*da preguiça, da solidão, da velhice, de Laura, de Rui Barbosa, do amor livre*), dentre outros poemas, em sua maioria, classificados como líricos. Os versos desses

¹⁴ ANTUNES, Juvenal. Carta-horóscopo X. **Jornal Folha do Acre**. Rio Branco/AC, 23 jun. 1929.

elogios também possuem rimas emparelhadas, mas seu ritmo é variável. No entanto, observamos novamente a preferência pelos versos decassílabos na estrofe inicial do *Elogio da ignorância*.

Ig¹/no²/rân³/cia!⁴/ Sê⁵/ tu⁶/ sem⁷/pre⁸/ ben⁹/di¹⁰/ta,
Fon¹/te²/ de³/ to⁴/do⁵/ bem⁶/, de⁷/ to⁸/da⁹/ di¹⁰/ta!

Os processos imagísticos, assim como figuras de pensamento também são muitos. Encontramos em um dos elogios a personificação da *velhice*, como uma pessoa cândida e pura, até mesmo religiosa, pois faz orações na “igreja de ouro das recordações”, outra imagem conseguida pela metáfora.

Mas tu, Velhice, és tão serena e casta,
Que o tempo, apenas, te consome e gasta.

Rezas, contrita, as tuas orações
Na igreja de ouro das recordações...

Após a metaforização da Juventude humana semelhando-se ao amanhecer e sua invocação, o poeta provoca o efeito sinestésico, caracterizado por Coelho (1976, p. 106) como “sensação secundária despertada por outra sensação produzida por outro sentido, além de atribuir sensações a seres que não lhe são atribuídas tais percepções” quando se atribui a um estágio da vida a sensação de dor:

Matutino crepúsculo da vida,
Ó Juventude! És sempre dolorida.

Por último, neste poema, queremos destacar o recurso intensificador da anáfora, com a repetição do verbo de ligação, para demarcar um dos momentos mais solenes desse elogio: a satisfação do poeta e “a glória de ser pai”. Para ele, a filha tem valor semelhante ao de jóias, é o seu “melhor poema”, ainda mais porque foi fruto do que ele considera como verdadeiro Amor: um sentimento “poderoso, sincero, heroico, ardente”.

existente mesmo sem a formalidade de papeis ou qualquer outro rito social usado como modo legitimador da união do casal.

Dentro em minh'alma satisfeita, brilha
A glória de ser pai de minha filha.

És meu tesouro, és preciosa gema,
És, com certeza, o meu melhor poema,

Filha do livre amor independente,
Poderoso, sincero, heroico, ardente,

Sem escritura e cerimônias graves,
Cheio de encanto e de alegrias suaves!

Outras alegrias, as provenientes das brincadeiras entre amigos são encontradas nas quadras feitas a pessoas próximas ao poeta, como em *Ao A.L.*, *Ao Antônio Artur*, *Ao João Galvão Filho*, dentre outros. Essas quadras possuem uma linguagem mais simples, nem sempre são silabicamente metrificadas e, às vezes, não possuem rimas, lembrando as quadrinhas muito comuns na literatura popular nordestina. As composições rimadas possuem rimas emparelhadas ou cruzadas, como é o caso das rimas ao Dr. Poty, que segundo Siqueira (2008, p. 43), era “gorducho e baixote”.

Ao Dr. Potiguar Fernandes

“Você é Poty ou Pote?
É copo, quartinha ou jarra?”

Pra você não acho mote...
Aqui o meu estro¹⁵ esbarra”!

Após o esbarro na aparência do Dr. Poty, Juvenal solta sua imaginação para compor outras quadras, desta vez, com temática amorosa. Nessas outras quadras, como *Em 12 horas*,

¹⁵ S.m. 1. Inspiração; imaginação criadora. [...]. In: LUFT, Celso Pedro. **Minidicionário Luft**. São Paulo: Ática, 2009.

Fraco amor e Forte amor, a preocupação estética aparece mais acentuada na preocupação com a disposição gráfica dos poemas, com recuo centralizado no último verso de cada estrofe, na estrutura rímica e metrficação, além das várias figuras de pensamento e outros recursos imagísticos, conforme podemos observar na primeira estrofe de *Forte amor*.

FORTE AMOR II

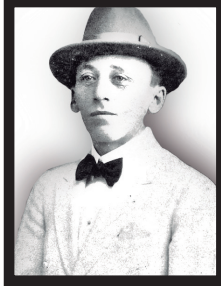
Es¹/se a²/mor³/, que⁴/ lon⁵/ge⁶/ na⁷/da⁸/va,
Ou¹/ de²/ mor³/to⁴/ se⁵/ fin⁶/gi⁷/a,
Ma¹/ga²/não!⁵/ Bem⁴/ vi³/vo es⁶/ta⁷/va,
Bem¹/ vi²/vi³/a!

No poema, a intensidade da força do amor, para o poeta, é demarcada de início com a grafia do título em caixa alta e negritada. Outro recurso intensificador é a construção do verso final, menor em sílabas poéticas (apenas 3) do que os três versos anteriores (octossílabo e heptassílabos), reiterando exclamadamente (“!”) que o amor vivia “bem”. Contribui também a figura do amor personificada, quando a ele é atribuída a acusação de fingir-se de morto, quando sucedia o contrário, ele tem vida própria: anda, finge, vive!

O poeta recorreu, na maioria das vezes, aos sonetos, dísticos e quadras, como formas mais apropriada para o conteúdo da mensagem poética, mas também escreveu em tercetos, como no poema *Carta à Lazarina* e em sextilhas, conforme vimos no capítulo anterior, no poema *Fado de Ceará-Mirim*. Quanto ao uso das sextilhas, nossa hipótese é a de que, nesse caso, também haja influência da literatura popular nordestina, com amparo no pesquisador nordestino Câmara Cascudo (1972), o qual esclarece que esse tipo de literatura tinha nas sextilhas, quadras e décimas, a preferência popular para a distribuição dos versos rimados e com motivos nacionais, políticos ou mesmo locais, assim como o faz Juvenal ao evocar memórias e saudades de sua vida boêmia na sua cidade natal do interior potiguar.

Mas, Juvenal, foi um poeta multiforme e não adequou toda a sua poesia em esquemas, mas deixou sua pena e pensamentos alçarem vôos mais livres ao escrever poemas com métrica variada e estrofes livres, como é o caso de *A lagartixa*, *Veritas*, dentre tantos outros que poderíamos citar. Ao final desse perfil panorâmico que pretendíamos dar sobre os poemas juvenalinos e as preferências estéticas do escritor, notamos que mais que fôrmas poéticas, Juvenal Antunes apreciava a musicalidade proporcionada pelas rimas – presentes na quase totalidade dos poemas – e as imagens e sensações que poderiam provocar no leitor com as escolhas lexicais, pontuação, metáforas, anáforas, dentre tantos outros recursos que intensificam os sentidos presentes no poema. Podemos concluir que o poeta passeou entre o popular e o erudito, dando seu toque pessoal, para dizer verdades que até hoje nos tocam.

CAPÍTULO



3

FORÇAS MOTRIZES

Afastado voluntariamente do bulício das capitais grandes, nestes confins das florestas da Pátria, apenas quis encher longas horas feriadadas com um passatempo que, se não tem utilidade, é melhor do que certas atividades malfazejas... (ANTUNES, 1922, p. 01)

No percurso do itinerário poético de Juvenal Antunes, já enveredamos pelos verdes vales dos canaviais do Rio Grande do Norte aos seringais das florestas acreanas, vislumbramos os principais temas abordados e que tocaram o poeta que escreveu sobre eles utilizando-se das modalidades de expressão e estética adequadas. Agora, nos deteremos em alguns detalhes da poesia juvenalina no que tange às influências literárias que atravessam o escritor, diálogos e singularidades que sua poesia estabelece dentro da literatura; enfim, procuraremos delinear melhor o perfil literário e, conseqüentemente, poético do escritor.

Partimos da nossa investigação com a contribuição do primeiro que tentou dar luzes sobre o aspecto do gosto literário de Juvenal Antunes, o intelectual, seu admirador e conterrâneo, Esmeraldo Siqueira (2008). Ele nos revela que os autores preferidos de nosso poeta foram: Émile Zola, Gustave Flaubert, Guy de Maupassant, Paul Bourget, Eça de Queiroz, Antero de Quental, Adolfo Caminha, Aluizio Azevedo, Raul Pompéia, Lima Barreto, Olavo Bilac e Raimundo Correia.

Como observamos, em sua maioria, a galeria de escritores citados são de lusitanos e brasileiros, com exceção dos franceses Zola, Flaubert, Maupassant e Bourget. Alguns são referência na prosa de natureza naturalista, como é o caso de Émile Zola e Aluizio Azevedo, outros na ficção realista, a exemplo de Eça de Queiroz e Raul Pompéia, Lima Barreto é um ficcionista brasileiro do Pré-modernismo, Antero representa a poesia vanguardista, panfletária, de Portugal, já Bilac e Raimundo Correia como referência da poesia do Parnasianismo brasileiro.

Todos esses escritores fulguram na constelação literária do século XIX e início do XX. São escritores da prosa e da poesia, de aguda observação e análise social, que lançam luzes sobre as mazelas político-sociais, criticam as instituições dominantes como a Igreja, o Estado, além de terem concepções “explicáveis” para o comportamento humano, do ponto de vista natural (biológico) ou mesmo social. A revolução provocada pelo avanço das ciências, da tecnologia, a expansão da indústria, foram adventos que colaboraram para que houvesse essas mudanças na mentalidade da sociedade de meados do século XIX, o que reflete também na literatura.

Mas, em fins desse mesmo século (e início do próximo, no Brasil), essas mesmas mudanças, aliadas à expansão imperialista européia que culmina no advento da Primeira grande Guerra, provocam na elite burguesa uma certa ânsia de evasão dessa realidade (urbana) desagradável e, desta vez, não por meio de sonhos ou paisagens românticas subjetivas e bucólicas, mas retornando aos clássicos: no culto das formas, procurando a beleza e o equilíbrio, recorrendo, por vezes, às mitologias, descrições exóticas e pitorescas para tratar de temas universais, conforme atesta Bosi (2003): esta é a poética do Parnasianismo e do *neoparnasianismo* – geração que prolonga o movimento literário após 1880, chegando até o início do século XX.

No entanto, partamos para a tessitura dos fios dos diálogos e influências na poesia juvenalina a partir da ordem de citação elaborada por Siqueira (2008). Embora não tenhamos encontrado referência expressa como citação ou mesmo intertextualidade com os textos dos escritores de romances de corrente naturalista ou realista, compreendemos que nosso poeta, como sujeito moderno, pronunciadamente político, avesso às hipocrisias e injustiças sociais, dotado de ciência e talento, não podia deixar de admirar e expressar ideais parecidos aos desses escritores ou escrever, muitas vezes, realisticamente sobre temas polêmicos, como o do adultério, por exemplo.

Já no tocante à poesia, o primeiro autor citado como referência para Juvenal Antunes foi Antero de Quental. Este foi um dos escritores da poesia realista portuguesa, um dos fundadores do movimento pela renovação da poesia que culmina na *Questão Coimbrã*, encabeçada pela chamada Geração de 70 (1870). O poeta português foi citado por Juvenal na penúltima quadra do poema *Mistério*, dialogando com o poema português *Tese e antítese*, ao fazer questionamentos metafísicos sobre a realidade e o pensamento humanos:

És, como disse Antero de Quental,
Amarga ao coração, ó luz radiosa!
És hipócrita, pérfida e mortal,
Sempre perjura, sempre mentirosa!

O enlace entre a Poesia e a Filosofia nos sonetos de Antero de Quental que desemboca em “autênticas obras-primas, tornam Antero um dos mestres do soneto em vernáculo, com Camões e Bocage” (MOISÉS, 1994, p. 309). Esse enlace com a filosofia muito apreciada por outros poetas, como já vimos no estudo das tendências temáticas, também o foi por nosso poeta.

No capítulo anterior, já citamos e aqui reiteramos o nome do poeta realista Guerra Junqueiro, outro vate lusitano reverenciado pelo poeta J. A. na abertura da obra *Acreanas*, não citado na lista feita por Siqueira (idem), mas amigo de Antero e também integrante da Geração de 70. Juvenal usa versos do poema *A velhice do padre eterno* para rematar, que “quer como poeta, quer como cidadão”, esposa as idéias contidas no livro e divergentes “da pauta comum seguida pelos dirigentes do mundo”, inclusive pela Igreja, que ambicionam apoderar-se e devorar como ratos tudo o que os cerca.

Os próximos e últimos escritores literários da preferência do nosso poeta presentes na lista elaborada pelo seu conterrâneo são os representantes do parnasianismo brasileiro Olavo Bilac e Raimundo Correia. O primeiro é considerado “o mais

antológico dos nossos poetas”, “um poeta eloqüente, capaz de dizer com fluência as coisas mais dispares, que o tocam de leve, mas o bastante para se fazerem, em suas mãos, literatura”, pontua Bosi (2003, p. 226, 227) na *História concisa da literatura brasileira*. Juvenal dialoga com o poeta no seu *Elogio da solidão*, quando afirma que não ascende “aos altos cumes,/ a “ouvir estrelas” e a “beber perfumes”, como acontece com Bilac num de seus sonetos da *Via Láctea*.

Já de Raimundo Correia, considerado por Bosi (idem, p. 223) como poeta “menos fecundo e mais sensível”, e o qual “deu exemplo de uma poesia de sombras e luazes que inflectia amiúde em meditações desenganadas”, herdou Juvenal os tons mais sombrios dos poemas de cunho filosófico e da percepção negativa do mundo em muitos de seus poemas líricos e, também, nos satíricos, quando enxerga o mundo *às avessas*. Até mesmo títulos, como o *Mal secreto* de Correia inspirou o *Mal ditoso* de Juvenal Antunes.

A despeito de Juvenal Antunes e os poetas parnasianos, Siqueira (2008, p. 18) considera que “menos de vinte anos, aliás, o separavam da geração de Olavo Bilac, Coelho Neto, Guimarães Passos, Emílio de Menezes, Raul Braga, Paula Ney, Pardal Mallet, Luís Murat”, se as circunstâncias não o tivessem separado dos demais para morar no extremo norte do país, isto é, no Acre, nem o ser mais jovem o impediria de estar entre esses grandes nomes das letras nacionais. Pelas circunstâncias do tempo, no entanto, poderíamos dizer que Juvenal poderia fazer parte da geração dos *neoparnasianos*, geração *ainda parnasiana* porque prolonga o estilo acadêmico na poesia brasileira, quando o movimento já havia acabado em todo o mundo.

Mas, por que razão, já no início do século XX, com os movimentos de vanguarda avançando na Europa, o estilo clássico do Parnasianismo, como o gosto da descrição nítida (a mimese pela mimese), concepção tradicionalista sobre metro,

ritmo e rima, ainda é cultivado no Brasil? O professor Alfredo Bosi (2003, p. 234) nos esclarece que

O Parnasianismo é o estilo das camadas dirigentes, da burocracia culta e semiculta, das profissões liberais habituadas a conceber a poesia como “linguagem ornada”, segundo padrões já consagrados que garantam o bom gosto da imitação. Há um academismo íntimo veiculado à atitude espiritual do poeta parnasiano; atitude que tende a enrijecer-se nos epígonos, embora se dilua nas vozes mais originais.

O motivo apontado por Bosi (*idem*) para o cultivo dessa estética no país condiz também com a realidade da região norte, do Acre, mesmo distante dos grandes centros, como o eixo Rio/São Paulo. A chegada de profissionais liberais – em sua maioria nordestinos – no apogeu da borracha, no início do século XX, dá origem à classe dirigente do estado, formada por pessoas de cultura letrada. Os sujeitos desse grupo, que concebem a poesia como linguagem ornada, apreciam veicular suas produções literárias originais ou cópias de escritores famosos nos jornais locais. Cabe lembrar que alguns desses sujeitos que formavam as camadas dirigentes no Acre, como seringalistas, profissionais como médicos e advogados, são homenageados por Juvenal nas jocosas *Cartas-horóscopo*.

Mas, a despeito das práticas de leitura, transcrição ou escrita de poesias nos jornais, Laélia Silva (1998, p. 17) esclarece que “superar o isolamento e definir traços de identidade cultural aparecem como desafios permanentes a serem enfrentados pelos escritores da região, cujas obras emanam de parâmetros ideológicos contraditórios”. Em outras palavras, que essa produção escrita constitui-se na tentativa de evadir-se, de certa forma, da realidade local por meio da literatura, afirmando sua cultura letrada e procurando dialogar com a produção nacional vigente. Dadas as principais motivações, a publicação nos

jornais ocorria por ser ele o principal veículo de informação e comunicação mesmo nas pequenas cidades amazônicas e, conseqüentemente, acreanas daquele período.

No entanto, aproximemos nossa lente sobre um termo-chave utilizado na citação acima – o *isolamento* – e que se relaciona também à ideia do *exílio* presente em alguns poemas de Juvenal. Conforme já vimos no primeiro capítulo, na poesia juvenalina encontramos a imagem do Acre como seu exílio e a do próprio poeta como exilado. Um fato curioso é que o isolamento obrigatório, isto é, o exílio (ou desterro) para terras acreanas ocorre em idos de 1904 e 1910, quando o governo federal expulsa do Rio de Janeiro sujeitos envolvidos nas chamadas *Revolta da Vacina e Revolta da Chibata* (ou dos Marinheiros), além de outros cidadãos das consideradas *classes perigosas*, conforme pesquisa do professor da Ufac, Francisco Bento da Silva (2010).

Àquela época, os sujeitos mandados para *as regiões do Acre* ou a *Sibéria tropical* vinham como desterrados para a morte, se não física, ao menos a simbólica, presente no esquecimento advindo da grande separação geográfica entre o Rio de Janeiro e o Acre, da cidade para a floresta, isto é, da sociedade com are de mais “civilizada” para o desconhecido *inferno verde* ou *Éden perdido*, povoado por gente rude ou mesmo *selvagens* nativos. Esse era o chamado *acricídio*.

Nosso poeta não fez parte dessa leva de pessoas desterradas pelo governo, mas ele mesmo decidiu se afastar das vistas da família a fim de se aventurar e ganhar mais liberdade para viver a vida desregrada que lhe aprazia. Esse isolamento dos parentes queridos e de seus privilégios fidalgos, fez com que o poeta se sentisse como um exilado, mas com uma diferença: o da reclusão voluntária. A fim de superar esse sentimento, nas horas vagas ele escrevia veementemente cartas e poemas, estes últimos eram publicados nos jornais locais, assim como o faziam outros membros da nova camada dirigente acreana, que também fundaram ou colaboraram com esses jornais.

Nosso poeta também foi um desses colaboradores dos jornais (de Sena Madureira e Rio Branco/Acre) e sua importância maior foi a de publicar o primeiro livro de poesias escrito no então território, em 1922. Não obstante Juvenal ter enunciado que nunca se filiou a nenhuma escola, mas se ligou apenas aos preceitos da Poética, a maior parte de seus poemas – principalmente os líricos – têm caracteres da poética parnasiana, tanto na escolha temática quanto estética.

Uma das heranças do parnasianismo, perceptível na poesia juvenalina, trata da influência do poeta português Camões. O professor Gilberto Mendonça Teles (1973, p. 178), no seu estudo de *Camões e a poesia brasileira* explica que

Parnasianos e simbolistas foram os primeiros a recolher as influências das comemorações camonianas, de 1872 a 1880, um tanto esquecido pelos últimos românticos [...]. Parnasianos e simbolistas, que começam a aparecer na década de 80, voltam a escrever poemas sobre a vida, os personagens e temas de Camões. Restaura-se a corrente camoniana e começa um outro culto a Camões. A concepção estética do Parnasianismo (que será mais ou menos, formalmente, a do Simbolismo) valorizou a língua portuguesa, segundo a retórica da época: correção, clareza, beleza formal. Era a reação contra a “língua brasileira”, eivada de formas “bárbaras”. Esta concepção clássica de equilíbrio, nobreza e correção aproximaram os parnasianos das fontes clássicas do português, reassumindo Camões as funções de Mestre maior, de “meglior fabro”.

É claro que Camões não influenciou apenas os parnasianos e simbolistas, pois ele é considerado um dos maiores – se não o maior – escritor dentro da literatura de língua portuguesa. Ele é o maior ícone do classicismo. Como leitor refinado, Juvenal o

leu e com ele dialogou, por exemplo, num poema já analisado no segundo capítulo, *Lógica*, soneto que procura definir o que é amar, lembrando o soneto camoniano que também constitui tentativa de definir o amor. Já no poema *Obsessão*, também construído em forma de soneto, o poeta dialoga com o soneto camoniano no qual “Sete anos de pastor Jacó servia” e até serviria mais: “[...] se não fora,/ Para tão longo amor tão curta a vida!”. Nosso poeta também reconhece essa efemeridade do tempo no último terceto, e se compara ao personagem bíblico (e camoniano) no lamento em letras maiúsculas:

E ASSIM COMO JACÓ, SEMPRE A BUSCAR-TE,
LAMENTO APENAS QUE, PARA ALCANÇAR-TE,
SEJA TÃO CURTA A DURAÇÃO DA VIDA.

Outro poeta que bebeu da fonte de Camões, dentre outros pontos em comum com Juvenal, foi o satírico Gregório de Matos e Guerra. Ambos são filhos de senhores de engenho e partilham da sátira como gênero político, “dispositivo sensibilizador da correção das maneiras, da moral e da ordem política” (HANSEN, 1989, p. 31) e que “[...] se destaca, particularmente, no período de opressão ou da desordem”, conforme Carvalho (2008, p. 55). Para o professor Miguel Wisnik (1976), Gregório é, historicamente, o primeiro grande poeta do Brasil. Nosso poeta potiguar-acreano, assim como o poeta baiano, também denunciou os efeitos da crise da exportação do principal produto da economia local: Gregório, a do açúcar; Juvenal, a da borracha, em *O ACRE*.

Outro ponto em comum é a visão do mundo às avessas para os dois poetas cultos nas Letras e no Direito, pois sentem que as instituições jurídicas, por exemplo, parecem falidas frente à absurdidade dos “*pasguates* instalados no poder” e “a jurisprudência dos canhões” das guerras, no *Elogio da preguiça*. O uso da *paremiologia*, poema satírico geralmente moralizante construído a partir de sentenças judiciais e rimas

jocosas, muito comum nos séculos XVI e XVII, segundo o professor Hansen (1989), também recorrente na poesia popular nordestina, é constatado na elaboração de *Salve! 29-12-1922*, “presente de Juvenal Antunes a Inocêncio Lopes Filho” como dica para que observe o “rifão consagrado” do povo.

A sátira de ambos, Gregório e Juvenal, também “se faz pela inadequação da forma lírica mimetizada que se aplica ao golpe baixo” (idem, p. 74). Um exemplo disso é a herança clássica camoniana do soneto para um tema ou conteúdo baixo, como um *Soneto ao diabo* construído em versos alexandrinos ou outro de homenagem a uma senhorita metalinguisticamente. Outro tópico é o da obscenidade que surge violentamente contra uma ortodoxia que inscreve o ilícito. A obscenidade é mais fecunda, em Gregório de Matos que em Juvenal, mas este também o usa na marchinha *Vou pular com o pé na cova*, satirizando na festa carnavalesca o delegado, as prostitutas e a própria figura do poeta que com um vento “era besta e se acabou!”, assim como o amor que era pouco, na *ciranda* popular.

Diante do que foi exposto, podemos observar que na poesia juvenalina ocorre a coadunação do estilo pessoal do autor junto às influências literárias do período literário denominado *Pré-modernismo*. Bosi (1973, p. 12) explica que o termo foi criado por Tristão de Ataíde “para designar o período cultural brasileiro que vai do princípio do século XX à Semana de Arte Moderna, em 1922”. O termo é pensado como para estabelecer um sentido de anterioridade e um sentido forte da precedência temática e formal em relação à chamada literatura modernista. Nesse momento, fica claro que elementos conservadores como a corrente parnasianista e simbolista (esta com menos intensidade no Brasil) conseguem espaço simultâneo com uma renovação na literatura nacional, com os temas da “realidade brasileira”, isto é, um foco diferenciado sobre os problemas político-sociais e morais do país.

O professor Bosi (idem) ressalta que só depois da guerra, essa literatura mais voltada ao passado, começou a ceder aos

golpes de uma radical revisão de valores. Só depois desse grande conflito é que os valores morais e sociais do século XIX ruíram, liquidando a *belle époque* e sacudiu os nossos intelectuais.

Ao longo deste trabalho de pesquisa, compreendemos que o nome do poeta Juvenal Antunes de Oliveira se insere na plêiade da literatura nacional pré-modernista. Sua poesia mostra o abalo dos ideais morais e sociais por que passa o homem do final do século XIX, ao mesmo tempo em que se afasta desses problemas recorrendo à expressão lírico-amorosa enformada em sonetos, dando-lhe o toque pessoal na construção diferenciada na rima dos últimos tercetos. Na poesia juvenalina perpassam os ideais da religião do Amor, na devoção que tem à musa Laura que, além de amada do poeta, foi eleita como sua fiel interlocutora, recurso retórico para instaurar o diálogo, assim como o fizeram outros poetas clássicos como Camões, por exemplo. No entanto, quando o amor não está no discurso juvenalino, surge a ironia retalhadora e, quem sabe curativa, resistente às absurdidades do tradicionalismo ocidental, como os valores cultivados pela Igreja, ou às absurdidades criadas pela modernidade ocidental, como o trabalho alienado, a exploração humana, a guerra.

No entanto, outros pontos também são salientes nessa mesma poesia e, em comparação com a poesia de Gregório de Matos, por exemplo, são diferentes. O professor Hansen (1989, p. 24) destaca que o poeta baiano rompe com as exigências de decoro do seu grupo social: “branco, proprietário, católico, fidalgo, letrado, por misturar-se com o vulgo”. Nesse sentido, notamos que Juvenal rompe em parte com seu grupo social, porque não se mistura e ainda silencia a despeito de certos *tipos* que poderiam constar na sua poesia como reflexo direto da época e do ambiente amazônico em que viveu por longo tempo, como, por exemplo, o indígena, que não é referido nenhuma vez pelo poeta; o seringueiro, em condição de vítima da exploração, é referido apenas uma vez no poema *O Acre*

e duas vezes apenas citado em *Carta(s)-horóscopo* como a profissão inicial do sujeito homenageado.

Outro ponto importante é a visão do poeta sobre a mulher; nesse tópico, ele deixa claro, já na introdução de *Acreanas* e no poema *À rainha do feminismo*, que é a favor do direito feminino à união amorosa sem necessidade de legalidade religiosa ou jurídica, além dos direitos ao voto, à maternidade independente, enfim, exercendo poderes nas esferas da administração e da política sociais. Vejamos em destaque suas palavras introdutórias no primeiro livro de poesias publicado no Acre, em 1922:

E sou feminista, reconhecendo e lamentando a injustiça monstruosa de que as mulheres são vitimas. Os homens comem gulosamente a polpa saborosa dos vícios mas proíbem que o chamado belo-sexo faça o mesmo obrigando-o ao cultivo d'aquilo que eles farisaicamente nomeiam pudor, virgindade, honra, decência, fidelidade, etc.

A mulher ainda não tem nem o direito de ser mãe – o que sempre a deve orgulhar e engrandecer – salvo se escrivão reduzir previamente a termo o seu amor, ou um sabujo clerical papaguear algumas frases em latim.

É preciso que as nossas esposas, as nossas irmãs e as nossas filhas se insurjam valentemente contra umas tantas ignomínias legais, participem da discussão e votação dos nossos códigos, entrando na administração e na política. O sublime movimento era fatal, e já começou...

Embora o poeta se auto-declare como “feminista”, no entanto, notamos na maioria dos poemas uma imagem da mulher ora como objeto de desejo, sensual e até mesmo pervertida, pois “atrai, esquece, engana”, como se registra no poema *A mulher*

acreana, ora como ingênua e alheia a preocupações mais pertinentes, como com o “problema econômico da vida”; ela é mais inclinada ao coração que à razão, por isso, possui em toda idade “doses de infantilidade”, conforme o poema *Elogio da solidão*. Essas imagens confusas ora beiram ao tradicional, ora ao moderno. Não obstante, notamos nisso tudo que uma coisa fica explícita: a veneração do poeta pelo tão decantado sexo feminino, geralmente representado por meio de sua musa Laura.

Por fim, outros pontos poderiam ser abordados na infinidade de leituras que se pode fazer a partir da poética de Antunes, mas em linhas gerais, esse é o viés do panorama literário, poético, de um *boêmio inolvidável* que preferimos abordar por considerá-los úteis e compreensíveis para a proposta deste trabalho e que delineiam, de modo geral, as forças motrizes do seu poetar ser como é.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na caminhada pelas veredas poéticas tomadas por Juvenal Antunes, buscamos responder às inquietações e objetivos que nortearam o trabalho de investigação mais profunda sobre a singularidade dessa poesia que ficou à margem em outros trabalhos e, por isso, também, não deu a devida importância para o poeta. Nossa meta não foi a de qualificar positiva ou negativamente o fazer poético de Antunes, mas realçar os caracteres mais vivos de seus poemas, isto é, sua preferência, nos poemas humorísticos, pelas homenagens jocosas em dísticos ou quadras, da recorrência dos elogios em dísticos para o louvor de coisas negativas, do largo uso de sonetos para abarcar os amores e dores de um poeta lírico, tentando compreendê-los não só numa perspectiva de conjunto que deveria pertencer a uma história literária, mas encontrando os sabores e saberes que até hoje nos tocam. E, nesse sentido, faz-se necessário ressaltar como ficou, para nós, latente a intensidade da veia satírica do poeta, embora consista na sua menor produção poemática, em termos de quantidade.

Compreendemos que embora o fazer poesia fosse admitido pelo próprio poeta como um passatempo seu, sem preocupações sérias como com o pertencer a alguma escola literária, sua considerável produção de poemas, um total de cento e setenta encontrados, delata sua naturalidade no passeio por temas, acepções estéticas e influências literárias que vão do clássico ao moderno, ou pré-moderno, cronologicamente falando, e que ele não deixou de cantar os prazeres e pesares humanos, ou “as dores e as delícias de ser o que é”, como diria outro cantor, Caetano Veloso. Consideramos que, em certo sentido, mais universal, ele foi *antena da raça*, que captou com pronunciada política as alegrias e agruras do homem do fim

do século XIX para o XX, do sujeito culto que se divide entre o desejo de romper e denunciar os vícios, pecados, enfim, os polos negativos do viver humano, ao mesmo tempo em que prefere, às vezes, ficar um pouco mais no mundo de formas perfeitas do classicismo e fugir de tantos dilemas do mundo social, lá de fora.

Num sentido mais restrito, local, cabe-nos reiterar que Juvenal Antunes também tem sua importância por ser um ícone do perfil do escritor/ produtor da arte literária no Acre, no singular momento do início de sua formação social e econômica mais “organizada” num sentido político-administrativo. Essa nova classe social, formada por pessoas com padrões e valores díspares aos encontrados na fantasiada região amazônica, surge sob o signo do dilema entre a inserção na nova ambiência ou a evasão dessa realidade. A escrita literária cumpre esse papel apaziguador, atividade da qual nosso poeta atinge o ápice ao publicar seus escritos poéticos. Não só por isso, mas principalmente, é por esse motivo que a produção poética de Antunes é um divisor de águas na produção artística do Acre.

Nosso anseio é o de que este trabalho sirva como contribuição, talvez ponto de partida, para o reconhecimento do poeta e sua poesia multiforme. Ao final desse itinerário, também reconhecemos que a poesia de Juvenal Antunes dá margem para várias leituras que não se esgotam neste estudo de natureza panorâmica, portanto, mais abrangente, porém com limitações variadas, inclusive a das escolhas teórico-metodológicas da pesquisa. Por essa razão é importante aqui ratificar que possíveis erros, equívocos ou mesmo “ingenuidades” que este trabalho pode conter são de nossa inteira responsabilidade, posto que são frutos do tempo de agora, do escasso tempo para melhor reflexão, da nossa maturidade intelectual e literária de então.

Enfim, encerra-se aqui a nossa tentativa de por em evidência as facetas da poesia de um *boêmio involvidável*, de apontar algumas das *veredas poéticas de Juvenal Antunes*.

REFERÊNCIAS

1. ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. Enredos da tradição: a invenção histórica da Região Nordeste do Brasil. IN: LARROSA, Jorge & SKLIAR, Carlos. **Habitantes de Babel: políticas e poéticas da diferença**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.
2. ANTUNES, Juvenal. **Acreanas**. 1922 (versão digitalizada por SILVA, Laélia Maria Rodrigues; AVILAR, Girlane Souza).
3. AGUIAR E SILVA, Vitor Manuel de. **Teoria da literatura**. Coimbra: Livraria Almedina, 2000.
4. BAKHTIN, Mikhail. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais**. São Paulo/Brasília: HUCITEC, 2008.
5. Barão de Ceará-Mirim. Disponível em: <<http://www.historiaegenealogia.com/2010/02/solar-sao-francisco-antiga-sede-do.html>> Acesso em: 13/05/2010.
6. BARBOSA, Waneima. **As manifestações artístico-culturais nos jornais de Sena Madureira de 1900 a 1920: aspectos culturais**. Rio Branco: UFAC, 1999.
7. BOSI, Alfredo. **A literatura brasileira: o pré-modernismo**. São Paulo: Cultrix, 1973.
_____. **O ser e o tempo da poesia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
_____. **História concisa da literatura brasileira**. São Paulo: Cultrix, 2003.
8. CARA, Salete de Almeida. **A Poesia lírica**. 3. ed. São Paulo: Ática, 1989.

9. CARIGNATO, Lucirene Aparecida. **A condição humana, de Hannah Arendt.** Revista UniABC, v.1, n.2, 2010.
10. CARVALHO, Wandercy de. **A sátira menipeia no contexto da Revolução de Abril:** Alexandra Alpha, de José Cardoso Pires. Dissertação de Mestrado em Letras Vernáculas. _____ Literatura Portuguesa. Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ: Rio de Janeiro, 2008.
11. CASCUDO, Câmara. **Seleta.** Rio de Janeiro: Livraria José Olympio/MEC, 1972.
12. Ceará-Mirim. Disponível em: <<http://www.nataltrip.com/cidades/ceara-mirim>> Acesso em: 13/05/2010
13. COELHO, Nelly Novaes. **Literatura e linguagem.** São Paulo: Quíron, 1976.
14. COHEN, Jean. **Estrutura da linguagem poética.** São Paulo: Cultrix, 1974.
15. COMPAGNON, Antoine. **O demônio da teoria:** Literatura e senso comum. Belo Horizonte: UFMG, 1999.
16. COSTA, Lígia Militz da. **A poética de Aristóteles:** Mimese e verossimilhança. São Paulo: Ática, 1992.
17. CUNHA, Euclides da. **À margem da história.** Rio Branco: Tribunal de Justiça do Acre, 2003.
18. DUARTE, Rodrigo. **O belo autônomo.** Belo Horizonte: UFMG, 1997.

19. FURASTÉ, Pedro Augusto. **Normas técnicas para o trabalho científico**. Elaboração e Formatação. Explicitação das Normas da ABNT. Porto Alegre: Porto Alegre, 2007.
20. FRYE, Northrop. **Anatomia da crítica**. São Paulo: Cultrix, 1973.
21. GONDIM, Neide. **A invenção da Amazônia**. São Paulo: Marco Zero, 1994.
22. GURGEL, Alexandro. **O Vale Verde do Ceará-Mirim**. Disponível em: <http://www.natalpress.com/index.php?Fa=aut.inf_mat&MAT_ID=12719&AUT_ID=32> Acesso em: 13/05/2010.
23. GURGEL, Tarcísio. **Informação da literatura potiguar**. Natal: Argos, 2001.
24. HANSEN, João Adolfo. **A sátira e o engenho: Gregório de Matos e a Bahia do século XVII**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
25. HERNANDEZ, Fábio. **O direito à preguiça em 10 frases históricas**. Disponível em: <<http://fabiohernandez.wordpress.com/2010/02/04/o-direito-a-preguica-em-10-frases-historicas/>>. Acesso em: 02/02/2011.
26. LIMA, Heitor Ferreira. **História político-econômica e industrial do Brasil**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1976.
27. LIMA, Luiz Costa. **Teoria da literatura em suas fontes**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1983.

28. LUFT, Celso Pedro. **Minidicionário Luft**. São Paulo: Ática, 2009.
29. MARTINELLO, Pedro. **A “batalha da borracha” na segunda guerra mundial**. Rio Branco: EDUFAC, 2004.
30. MOISÉS, Massaud. **A criação poética**. São Paulo: Cultrix, 1993.
_____. **A literatura portuguesa através dos textos**. São Paulo: Cultrix, 1994.
_____. **Dicionário de termos literários**. São Paulo: Cultrix, 1999.
31. NADAI, Elza & NEVES, Joana. **História do Brasil**. São Paulo: Saraiva, 1997.
32. PAIXÃO, Fernando. **O que é poesia**. São Paulo: Brasiliense, 1991.
33. Origem do nome Acre. Disponível em: <<http://www.facebook.com/group.php?gid=5470244401>> Acesso em 22/05/2010.
34. PEDRO, Antonio; LIMA, Lizânias de Souza; CARVALHO, Yone de. **História do mundo ocidental**. São Paulo: FTD, 2005.
35. PEREIRA, Carla Soares; ALBUQUERQUE, Rauana Batalha. **Tendências temáticas e estéticas: poesia de Sena Madureira (séc. XX)**. Rio Branco/AC: UFAC, 2004.
36. PEREIRA, Lúcia Helena. **Breve coletânea de Juvenal Antunes: que elogiava a preguiça, era poeta, boêmio, irreverente, norte-rio-grandense e... amava Laura**. Natal: Central de cópias, 1998.

37. PEREIRA, Lúcia. **Tio Juvenal** – um potiguar acreano. 1º capítulo. Disponível em: < http://www.ac.gov.br/bibliotecadafloresta/biblioteca/index.php?option=com_content&task=view&id=123&Itemid=117>. Acesso: 15 out. 20 08.

_____. **O grande amor de Juvenal**. 2º capítulo. Disponível em: < http://www.ac.gov.br/bibliotecadafloresta/biblioteca/index.php?option=com_content&task=view&id=177&Itemid=117>. Acesso: 15 out. 2008.

_____. **Tio Juvenal – cartas, quadrinhas, sextilhas e versos jocosos**. 3º capítulo. Disponível em: < http://www.ac.gov.br/bibliotecadafloresta/biblioteca/index.php?option=com_content&task=view&id=183&Itemid=117>. Acesso: 15 out. 2008.

_____. **Poeta Juvenal Antunes**. 4º capítulo. Disponível em: < http://www.ac.gov.br/bibliotecadafloresta/biblioteca/index.php?option=com_content&task=view&id=204&Itemid=117>. Acesso em: 15 out. 2008.

_____. **Tio Juvenal Antunes**. 5º capítulo. Disponível em: <http://www.bibliotecadafloresta.ac.gov.br/biblioteca/docs/Juvenal_Antunes_5_capitulo.pdf>. Acesso em: 15 out. 2008.

_____. **Juvenal Antunes**. 6º capítulo. Disponível em: < <http://www.bibliotecadafloresta.ac.gov.br/biblioteca/docs/Juvenal_Antunes_6_capitulo.pdf>>. Acesso em: 15 out. 2008.

_____. **Juvenal Antunes**. 7º capítulo. Disponível em: < <http://www.bibliotecadafloresta.ac.gov.br/biblioteca/docs/Juvenal_Antunes_7_capitulo.pdf>>. Acesso em: 15 out. 2008.

_____. **Tributo ao poeta Juvenal Antunes de Oliveira**. 8º e 9º capítulos. Disponível em: <http://www.bibliotecadafloresta.ac.gov.br/biblioteca/docs/Juvenal_Antunes_capitulo8e9compilados.pdf>. Acesso em: 15 out. 2008.

_____. **Juvenal Antunes**. Capítulo final. Disponível em: <http://www.bibliotecadafloresta.ac.gov.br/biblioteca/docs/a_morte_do_poeta.pdf>. Acesso em: 15 out. 2008.

38. PROPP, Vladimir. **Comichidade e riso**. São Paulo: Ática, 1992.

39. RABELAIS, François. **Gargântua e Pantagruel**. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 2003.

40. RANGEL, Alberto. **Inferno verde: cenas e cenários do Amazonas**. Tipografia E. Arrault & Cia. 3. ed. 1920.

41. RANZI, Cleusa Maria Damo. **Raízes do Acre**. Rio Branco: EDUFAC, 2008.

42. Rio Branco. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Rio_Branco> Acesso em: 13/05/2010.

43. Rio Grande do Norte. Disponível em: <<http://www.rn.gov.br/conheca-o-rn/historia/>> Acesso em: 13/05/2010.

44. Sena Madureira. Disponível em :<http://www.achetudoeregiao.com.br/AC/historia_do_acre.htm> Acesso em: 13/05/2010.

45. SILVA, Francisco Bento da. **Acre, a “pátria dos proscritos”**: prisões e desterramentos para as regiões do Acre em 1904 e 19 Dissertação de Mestrado/UFPR, 2010.

46. SILVA, Laélia Maria Rodrigues. **Acre: prosa & poesia (1900-1990)**. Rio Branco: UFAC, 1998.

47. SIQUEIRA, Esmeraldo. **Um boêmio inolvidável**. Natal: EDUFRN, 2008.
48. SOUZA, Carlos Alberto Alves de. **História do Acre: Novos temas, nova abordagem**. Rio Branco: 2005.
49. SOUKI, Nádia. **Hannah Arendt e a banalidade do mal**. Dissertação de Mestrado/UFMG, 1995.
50. STAIGER, Emil. **Conceitos fundamentais da poética**. Rio de Janeiro: Tempo brasileiro, 1974.
51. TAVARES, Hênio. **Teoria literária**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1989.
52. TELES, Gilberto Mendonça. **Camões e a poesia brasileira**. MEC/UFF-FCRB, 1973.
_____. **Sortilégios da criação**. Rio de Janeiro: Galo Branco, 2005.
53. TODOROV, Tzvetan. **Os gêneros do discurso**. São Paulo: Martins Fontes, 1980.
54. WELLEK, René & WARREN, Austin. **Teoria da Literatura**. 5. ed. Publicações Europa-América.
55. WISNIK, José Miguel. **Poemas escolhidos: Gregório de Matos**. São Paulo: Cultrix, 1976.
56. ZAPPONE, Mirian. Estética da recepção. IN: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana (org). **Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas**. Maringá: Universidade Estadual de Maringá, 2009.

ÍNDICE REMISSIVO DOS POEMAS

| | |
|--|------------|
| DOS POEMAS COMENTADOS NOS CAPÍTULOS | 25 |
| Fado do ceará-mirim | 25 |
| O Acre | 34 |
| Vulcão | 73 |
| Lógica..... | 75 |
| Aos 32 anos | 82 |
| Carta-horóscopo X..... | 86 |
| Ao Dr. Potiguar Fernandes..... | 88 |
| Forte amor II | 89 |
| | |
| 1. DOS POEMAS HUMORÍSTICOS..... | 121 |
| A lagartixa | 121 |
| Ao A. L. | 121 |
| Ao Antônio Artur..... | 122 |
| Ao Clidenor Lago | 122 |
| Ao Desembargador Albuquerque | 122 |
| Ao Dr. Eutiquiano Reis | 122 |
| Ao Ferrante..... | 122 |
| Ao Dr. José Tavares..... | 123 |
| Ao Dr. Nerson/Nestor Lima..... | 123 |
| Ao Dr. Potiguar Fernandes..... | 123 |
| Ao Dr. Túlio Fernandes..... | 123 |
| Ao João Galvão Filho | 123 |
| Ao José Pinto | 124 |
| Ao Manoel Nunes..... | 124 |
| Ao Tomaz Babini | 124 |
| A um senhor casado..... | 124 |
| Às vésperas da formatura em Direito | 124 |
| Carta-horóscopo..... | 124 |
| Carta-horóscopo II..... | 126 |
| Carta-horóscopo III | 128 |
| Carta-horóscopo IV | 129 |

| | |
|--------------------------------------|------------|
| Carta-horóscopo V..... | 130 |
| Carta-Horóscopo VI..... | 131 |
| Carta-horóscopo VII..... | 133 |
| CARTA-HORÓSCOPO VIII..... | 134 |
| Carta-horóscopo IX..... | 135 |
| Carta-horóscopo X..... | 137 |
| Carta-horóscopo XI..... | 139 |
| Carta-horóscopo XII..... | 140 |
| Carta-horóscopo XIII..... | 141 |
| Carta-horóscopo XIV..... | 142 |
| Carta-horóscopo XV..... | 144 |
| Elogio da preguiça..... | 146 |
| O papagaio..... | 147 |
| O peru..... | 148 |
| Salve! 29-12-1922..... | 149 |
| Soneto..... | 150 |
| Verso solto à Laura..... | 151 |
| Vou pular com o pé na cova..... | 151 |
| 2. DOS POEMAS SATÍRICOS:..... | 153 |
| Elogio da ignorância..... | 153 |
| Em voz alta..... | 154 |
| Resposta aberta..... | 155 |
| Soneto ao diabo..... | 157 |
| 3. DOS POEMAS LÍRICOS:..... | 157 |
| À chegada do avião Taquary..... | 157 |
| À Laura!..... | 158 |
| À Laura II..... | 158 |
| À Marildinha..... | 159 |
| A mulher acreana..... | 159 |
| À rainha do feminismo..... | 160 |
| A..... | 161 |
| Adeus..... | 161 |

| | |
|---|-----|
| Alma solúvel..... | 162 |
| Anjo Custódio..... | 162 |
| Ao Dr. Antonio de Souza:..... | 164 |
| Ao meu vigoroso sobrinho: Vicente Ignácio Pereira.. | 164 |
| Aos 24 anos | 165 |
| Aos 31 anos | 165 |
| Aos 32 anos | 166 |
| As saudades | 166 |
| Aspiração | 167 |
| Bifronte | 167 |
| Brinde..... | 168 |
| Carta à Laura..... | 168 |
| Carta à Lazarina..... | 169 |
| Cartas de um louco amor | 170 |
| Cativo | 171 |
| Ciúme..... | 171 |
| Com a mão sobre a chaga..... | 172 |
| Como são os teus olhos, Laura?..... | 172 |
| Conselho..... | 174 |
| Contradita | 175 |
| Controvérsia..... | 175 |
| Defesa..... | 176 |
| De pé | 176 |
| Desenganado..... | 177 |
| Dilema..... | 177 |
| Do fundo do abismo | 178 |
| Do gozo!..... | 178 |
| Dor calada | 179 |
| Dormindo..... | 179 |
| Dúvidas..... | 180 |
| Elogio da solidão | 180 |
| Elogio da velhice..... | 182 |
| Elogio de Laura..... | 183 |
| Elogio de Ruy Barbosa..... | 184 |

| | |
|--|-----|
| Elogio do amor livre..... | 186 |
| Em 12 horas..... | 187 |
| Erros..... | 188 |
| Eu só!..... | 190 |
| Fado do Ceará-Mirim..... | 191 |
| Falam de nós..... | 192 |
| Fascinação..... | 192 |
| Filosofia..... | 193 |
| Finalidade..... | 193 |
| Folha feliz..... | 194 |
| Forte amor II..... | 194 |
| Fraco amor I..... | 195 |
| Inconsolado..... | 195 |
| J e s u s..... | 196 |
| Lágrimas..... | 196 |
| Laura..... | 197 |
| Laura (a mais sábia das mulheres)..... | 197 |
| Laura II..... | 198 |
| Lógica..... | 199 |
| Louco amor III..... | 199 |
| Mais nada..... | 200 |
| Mal ditoso..... | 200 |
| Meu coração..... | 201 |
| Meu desejo..... | 201 |
| Minha flor!..... | 201 |
| Mistérios..... | 202 |
| Mulher..... | 203 |
| Não finda..... | 203 |
| Não marques nunca..... | 204 |
| Não mintas..... | 204 |
| Não olhes..... | 205 |
| Não ouças..... | 205 |
| Não rias..... | 205 |
| Não te abandonarei... .. | 206 |

| | |
|--|-----|
| No campo | 206 |
| No céu | 207 |
| No tribunal | 208 |
| O acre | 208 |
| O carreiro | 209 |
| O direito de amar..... | 209 |
| O meu mistério | 210 |
| Obsessão | 210 |
| Outrora | 211 |
| Passas por mim | 211 |
| Perdoa! | 212 |
| Pifão..... | 212 |
| Pobre poeta..... | 213 |
| Praga infernal..... | 213 |
| Quadro natural | 214 |
| Resposta | 214 |
| Saltilbanco..... | 215 |
| Saudação a Miss Rio Branco | 215 |
| Saudade..... | 216 |
| Sem título – dísticos Fragmentados..... | 217 |
| Sem título II..... | 219 |
| Se o mar secasse..... | 219 |
| Sim ou não..... | 220 |
| Soneto à Laura | 221 |
| Soneto de auto-retrato | 221 |
| Soneto dedicado ao maestro Hermínio Barbosa..... | 222 |
| Soneto de uma mágoa de Laura | 222 |
| Soneto I..... | 223 |
| Soneto II | 223 |
| Soneto para álbum de Madalena Antunes | 224 |
| Sou teu réu? | 224 |
| Tempo perdido..... | 226 |
| Testamento de Pedro Parreira..... | 227 |
| Três sonhos..... | 228 |

| | |
|----------------------|-----|
| Tua imagem..... | 229 |
| Tua palma | 229 |
| Turrís eburnea..... | 230 |
| Último sonho | 230 |
| Ventura..... | 231 |
| Verás | 231 |
| Veritas | 232 |
| Verso solto I..... | 232 |
| Verso solto II | 232 |
| Verso solto III..... | 232 |
| Verso solto | 233 |
| Verso solto | 233 |
| Verso solto | 233 |
| Vitalícia | 233 |
| Vulcão | 234 |

POEMAS POR MODALIDADE DE EXPRESSÃO

1. DOS POEMAS HUMORÍSTICOS:

A LAGARTIXA

Não reparaste, Laura, a lagartixa?
Grave, solene, muda,
Como quem pensa, ou estuda,
Ou ruma uma triste idéia fixa,
Parou em meio o muro de cimento.
De vez em quando, apenas,
Porque não possui asas, não tem penas,
Não pode voar, E nem cantar,
Move a cabeça num compasso lento,
Como se fosse um nobre deputado
Na câmara a dizer: Apoiado! Apoiado!
Ou um pensador profundo
A tirar conclusões das tolices do mundo,
Depois de quase uma hora,
Ei-la a galgar, de novo, o muro liso,
Sem ser preciso
Passar cuspo nas mãos para subir.
Parece até sorrir
Vendo o seu gênio, vendo o seu poder
De um muro liso assim escalar, ascender!
Mas, de repente, agora
Falta-lhe o solo aos pés privilegiados,
Cair na areia do chão,
Sofrendo memorável decepção.
Enfim, Laura, percebo:
Para todos a vida é um pau de sebo.

AO A. L.

Homem feliz! Honrado na velhice,
Inda gosta das moças, e faz bem!
Atrevimento? Mas... quem foi que disse?
Elas do velho gostarão também...

AO ANTÔNIO ARTUR

Vá rindo, seu Antônio Artur de Barros,
Esta vida, afinal, não vale nada...
Solte de vez em quando uma risada
E fume, todo dia, cem cigarros!

AO CLIDENOR LAGO

Não deixe de caçar. Quem é dentista
Precisa de aguçar o faro e a vista,
Pois nunca por engano o cirurgião
Deve arrancar do cliente o dente são...

AO DESEMBARGADOR ALBUQUERQUE

Negar não lhe podemos a elegância.
Casou-se! Anos depois ficou viúvo,
Mas, jurista que é, logo apelou,
Dentro do prazo, pra segunda instância.

AO DR. EUTIQUIANO REIS

O doutor, porque tem no nome Reis,
Quer ser imperador lá da Ribeira...
Meu prezado doutor, deixe de asneira:
De reis e tronos já se foi a vez!

AO FERRANTE

O Ferrante, bom jurista,
Também é exímio professor.
Ele tem muitos talentos,
Mas sua feiúra é cruel!
Ele se ufana, então,
De uma “cavinha no queixo”...
Coitado...mal sabe que esse buraco
É mais um dos seus defeitos!
Ferrante acha conveniente
Que eu não decante em versos,
O meu grande amor por Laura...
Estará esse safado, mordido de inveja?
Só para contrariá-lo
Respondi que minha Laura,
Seja da cabeça aos pés
Tem cheiro de cravo e canela!
Outro dia ele mandou-me um bilhete

Acerca de um caso difícil
Onde era o defensor
E eu o acusador.
Dei-lhe apenas um conselho:
Na hora da audiência fingirei sonolência,
Evitando maiores diálogos
Afinal, o “habeas corpus”... para que serve?

AO DR. JOSÉ TAVARES

Gostas de namorar, gostas da chuva...
Único filho de mulher viúva!
Lembras-te, ainda, quando a vez primeira
Beijaste, apaixonado, uma estrangeira?

AO DR. NERSON/NESTOR LIMA

Liberdade! Ilusão de muita gente!
Hás de casar, um dia, certamente.
Como já não és moço, sendo velho,
Tua esposa será teu evangelho!

AO DR. POTIGUAR FERNANDES

Você é Poty ou Pote?
É copo, quartinha ou jarra?
Pra você não acho mote...
Aqui o meu estro esbarra!

AO DR. TÚLIO FERNANDES

Nessa quadra dos vinte anos,
Promessas, sonhos, enganoso...
O senhor é bom rapaz,
Não vá prometer demais!

AO JOÃO GALVÃO FILHO

Deves jogar: pois não. Quem é sisudo
E vive nos negócios mergulhado,
Nas horas vagas deve jogar tudo:
Carta, roleta, bicho e até o dado.

AO JOSÉ PINTO

Foste um capeta em tua mocidade!
Hoje, apesar de velho, ainda aprecias,
Com o coração ralado de saudades,
De um violão em suas melodias!

AO MANOEL NUNES

Meus vícios, Manoel, não vês, nem punes,
Somos ambos bandidos consagrados,
Nossos nomes na rima estão ligados
Porque, seu eu sou Antunes, tu é Nunes!

AO TOMAZ BABINI

Seu maestro, use seu fraque,
Deixe crescer o bigode,
Use até um cavanhaque.
Gente é gente, bode é bode...

A UM SENHOR CASADO

Não deixeis de ser bom pai
Para esses filhos supostos,
Pois eles, acreditai,
Terão no mundo altos gostos...

ÀS VÉSPERAS DA FORMATURA EM DIREITO

“Se o riso vindo em fartura
Fosse moléstia fatal...
No dia da formatura
Morreria Juvenal”

CARTA-HORÓSCOPO

Caro doutor Helio Abreu:
Hoje o médico sou eu!
 Vou passar-lhe uma receita
 Tão bem passada e direita,
Que logo bom ficará
E n'outra não cairá.
 Curou-se? Pois bem! Vou ler
 Seu passado, e predizer

Seu futuro. O Seu presente
É conhecido da gente.
 Você quando era menino
 Era amarelo e franzino.
Nasceu num dia de sol
Bem pouco antes do arrebol.
 Você não se lembra, é certo,
 Mas a noite vinha perto.
Com um ano se pôs a andar
E, então, não quis mais mamar.
 Com cinco contou nos dedos
 E quebrou muitos brinquedos.
Aos sete foi para a escola;
E, por ter boa cachola,
 Fez o curso ginásial
 Na sua terra natal.
Depois seguiu sua sina
Que era estudar medicina.
 Foi noivo lá na Bahia
 E a noiva ficou pra tia,
Formou-se. Toca a matar,
Ou melhor, – a receitar!
 Mas eu, que sou seu cliente,
 Atesto solenemente
Que a mim você não matou...
Ao contrário, me salvou!
 Se eu disser dever à vida,
 Ao Martin, é que, na vida
Para não morrer de moço
E endurecer o pescoço,
 Quem, como eu, em poucos meses
 Adoece, às vezes, cem vezes,
Muda de facultativo...
A questão é ficar vivo!
 Até, pondo os dois na mão
 Cá na minha opinião
Você é menos pesado,
E não é mal-encarado!
 Da morte você também
 Me tomou. Fez muito bem!
Se exige de mim, eu juro,
Vou, pois, ler o seu futuro:

Se tem gramofone em casa,
Venda-o, ou dê, senão se arrasa!
Você fez uma careta?
Pois verá se eu digo peta!
Lá vai segundo conselho:
Vá poucas vezes ao espelho.
Se quer conservar saúde
Fique onde está, não se mude!
Nisto não faço descontos:
Terás centenas de contos.
(Quando eu lhe pedir dinheiro,
Em dar-mo seja ligeiro).
O parênteses deixando
Vou desta forma acabando:
Seus filhos serão letrados,
E alguns até bem casados.
Morrerá como eu: – depois
De completar cento e dois.
E, se acha que eu nada sei,
Vá consultar-se ao Charley!

Rio Branco, 26/03/1929

CARTA-HORÓSCOPO II

Amanajós de Araújo:
Eu, que já estou muito sujo
Com o Charley, o Helio e o Martin,
Não deixo para amanhã
Seu horóscopo. Que sorte!
Você, que parece forte,
Nasceu tão fraco e sumítico,
Que era mudo e paralítico,
Não falava, não andava
Só se babava e chorava!
Depois foi-se revelando...
E, uns anos depois, já quando
Entrou na escola primária,
Foi tão grande e extraordinária
A sua alta inteligência,
Que toda arte e toda ciência
Você aprendeu, e o anel
Conquistou de bacharel.

Orador aprimorado,
E jornalista, e advogado,
Só não fazia chover,
Por não gostar de beber
 Água de chuva, que é fria,
 E provoca hidropsia!
Você consente que eu diga?
A sua futura amiga
 Há-de chamar-se Tereza...
 E sem nenhuma beleza,
Sem elegância e sem graça,
Há-de fazer-lhe a desgraça!
 Quer livrar-se do tormento?
 Há um recurso: é o casamento!
Quanto a riquezas, meu caro,
Você que já foi avaro,
 Tão perfeito há de ser,
 Que bem pobre há de morrer!
Mas eu que não sou de ferro,
Hei de fazer seu enterro.
 E, à beira da sepultura,
 Eu, na eloquência mais pura,
Fingindo que estou chorando,
E o lenço aos olhos levando,
 Com cara de poeta lírico
 Farei seu panegírico!
Mas... Surpresa! Horror! Embuste
Muito embora isso me custe
 Porque o povo, que é maldoso,
 Vai chamar-me mentiroso,
Digo sem medo de errar
A quem quiser me escutar:
 Você ressuscitará
 E da tumba sairá!
E toda a cidade, pasma,
Verá o horrendo fantasma.
 Como, porém, o atestado,
 Não pode mais ser rasgado
E o Martin chega e confirma,
Por honra de sua firma,
 Que você morreu de fato,
 Você bem calmo e pacato

Dirá: – Não faço questão!
E se mete no caixão.
Eis aí, Amanajós,
Sua sorte. Aqui pra nós
Não vá lá se impressionar
Que eu estava a gracejar!

Abril – 1929

CARTA-HORÓSCOPO III

Vou hoje horoscopisar
José Lopes de Aguiar.
Nasceu sob um signo ruim,
O mesmo que coube a mim.
Taurus! Taurus! Companheiro,
Fique mesmo assim solteiro!
Você quando era pequeno,
Um dia bebeu veneno.
Mas chamando um boticário,
Por nome Antonio Macário,
Um antídoto aplicou
E você logo sarou.
Aos quatro anos, muito arteiro,
Foi trepar num mamoeiro,
Deu um quedaço danado
E ficou torto de um lado!
Nunca mais endireitou,
Mas, também, não se importou.
Logo que aprendeu a ler
E escrever, quis logo mestre ser.
E começou a ensinar,
Continuou a estudar.
Seja embora isso antipático,
Bem cedo se fez gramático.
Conseguiu ser bacharel
E no dedo pôs o anel.
E aqui ao Acre chegando,
Foi seu dinheiro guardando.
Ex-diretor da Instrução,
Hoje o é da Nutrição.
Ninguém da mente lhe tira
Que ter fastio é mentira.

Nunca matou, nem roubou,
Mesmo até nunca fumou.
 Não gosta de intrigalhadas,
 Nem de conversas fiadas.
Seu futuro é calmo e liso,
Nunca terá um prejuízo.
 Morrerá rico. Uns parentes,
 De agudos e afiados dentes,
Eu vejo comendo, ufanos,
O cobre que setenta anos
 Você viveu a guardar...
 O mundo é assim, Aguiar!

CARTA-HORÓSCOPO IV

Caro compadre Inocêncio:
Até hoje o meu silêncio
 Em decifrar sua sorte,
 É que eu, bem perto da morte
Estive uns dias. Já bom,
Vou falar-lhe neste tom:
 Você, embora choroso,
 Era um menino formoso:
Da vila de Papary
Veio até chegar aqui.
 Antes de ser o elefante,
 Que hoje é, já foi elegante.
Namorou muitas donzelas
Dando o fora em todas elas.
 Mas, afinal, se casou
 E boa esposa encontrou.
Tem quatro filhos. Mais quatro
Do mundo virão ao teatro.
 Um deles, para castigo
 Da boemia será amigo.
E nas farras, tal e qual
Seu compadre Juvenal
 Lhe dará muito cuidado,
 Até que magro, e cansado,
Sem ter na boca um só dente,
Como eu, cairá doente.
 Mas, fará uma promessa
 E ficará bom depressa.

Continue como banqueiro
Que há-de ganhar bem dinheiro.
 Para vender no balcão
 É bastante o Meletão.
Senão, vá buscar o Pedro,
Que era duro como cedro,
 Mas, como a gente se engana,
 Se transformou num banana.
Aos sessenta anos de idade
Você dessa obesidade
 Se curará. Na opulência
 Mangando na minha ciência,
Você, que é tão meu amigo,
Quererá brigar comigo.
 Mas eu lhe farei uns versos,
 Tão bem rimados e tersos
Que você dirá: “Compadre,
Em qualquer dia que quadre,
 Vem cá comigo almoçar,
 Que eu te quero conversar”.
E, me oferecendo um calix,
Dirá: “Para que não fales,
 Dou-te uma dúzia de vinho.
 Constantino. E, com carinho,
Com medo de que eu afraque,
Misturado com conhaque
 Me servirá o quinado.
 E eu direi: “Muito obrigado!”.
O resto da sua sina:
A morte, sempre assassina,
 Estando quase esquecida
 De você, para outra vida
Num dia de primavera
O levará. Qual sincera
 Há de ser a minha dor!
 É triste morrer... que horror!

CARTA-HORÓSCOPO V

Honório Alves das Neves:
Nestas poucas linhas breves,
 Depois de profundo estudo
 De você vou dizer tudo.

Vou decifrar, sabiamente,
Seu futuro e seu presente.
 O seu passado é passado,
 Não deve ser recordado.
Sem morar na Capital,
Vivendo em seu seringal,
 Você é bem capitalista,
 Com capital e com lista.
Não anda a contar histórias,
Nem a assinar promissórias.
 Seu coração é bondoso,
 Embora seja impetuoso.
Nunca será delinqüente,
Jamais há de matar gente.
 É sabido nos negócios,
 Mas nunca enganou seus sócios.
Será, pois, muito feliz...
É sua sorte que o diz!
 Só nunca terá ventura
 Com uma certa criatura.
Cujo nome só não digo
Pra não criar inimigo.
 E isso aqui nem o Charley
 Sabe dizer. Só eu sei!
É mulher? É homem? Creia
Que é mulher, e não é feia.
 Mas... o resto é reticência...
 Não digo, tenha paciência,
Nem por vinte sobretudos...
Meus lábios ficarão mudos!
 Trate de gozar a vida,
 Que daqui sua partida
Aos noventa anos será.
Se ela perto ou longe está,
 Quem sabe da sua idade,
 É você. Eis a verdade.

CARTA-HORÓSCOPO VI

Marcos José de Carvalho
E Oliveira: Que trabalho
 A sua sorte me deu!
 Você, logo que nasceu,

Gritou! E os olhos abrindo,
Achou tudo tão lindo,
 Que o mundo, de agradecido,
 Pra você bem bom tem sido.
Mas, convém não se fiar
Na vida, e desconfiar!
 Sobretudo, meu amigo,
 Aconselhe-se comigo.
Pode fazer certas “viagens”
Às colônias, sem friagens.
 Todo embaraço que tenha
 Com o Poeta conversar venha.
Pague aos outros mensalmente
E a ele semanalmente.
 Se eu me achar muito quebrado,
 Pague até adiantado.
Assim fazendo, eu lhe juro,
Será belo o seu futuro.
 Da Fazenda (olhe que é sério!)
 Irá para o Ministério.
E, que fato tão verídico!
Eu, seu consultor jurídico,
 Velarei por sua sorte
 Até que lhe chegue a morte.
Esta, para que negá-lo?
Virá, afinal, buscá-lo.
 Mas, você irá contente,
 Porque, tão velhinho e doente,
Quererá mesmo morrer,
Por não ter mais que fazer.
 Um seu filho, já formado,
 Será juiz nomeado.
E eu, que caipora! Que horror!
Feito ainda promotor!
 Mas, nesse tempo, o Abunã,
 Parece mentira vã!
Será capital do Império
E não o atual cemitério.
 Eu, porém, despindo a toga,
 Fugirei daquela droga.
E, do céu nós dois olhando
O que, por cá, vai passando,

Daremos boas gaitadas
E excelentes gargalhadas.
O Charley – errante eterno,
Nos escreverá do Inferno,
Pedindo uma proteção,
E a resposta será: “Não!
Você errou muita sorte,
Portanto, o Inferno suporte”!
Eis aqui Marcos querido,
Seu destino garantido.

CARTA-HORÓSCOPO VII

Doutor Sebastião de Mello:
Era o meu mais forte anelo
Dar-lhe uma sorte tão boa,
Embora falasse à toa,
Que inveja você causasse
Ao mundo; porém, em face,
Da responsabilidade
Que eu tenho, digo a verdade.
Você, que já nasceu feio,
Assim ficará; e creio
Que essa sua fealdade
Vai crescer de intensidade.
Quando chegar aos quarenta
Ninguém tal feiúra agüenta.
Mas, você, bem resignado,
Porque será sempre amado,
E, médico, sabe bem
Que nunca matou ninguém
Ser feio, nem dói, nem nada,
Terá vida descansada.
Você, já quase macróbio
Descobrirá um micróbio
Que o tornará milionário
E, que caso extraordinário!
Hei de seu eu, felizmente,
O seu primeiro cliente.
O bacilo qual será?
O da feiúra, aqui está!
E eu com uma só injeção,
Também de sua invenção,

Ficarei bonito; e novo
Qual pinto, quando sai do ovo.
Mas, que desgraça! Você
Que tal maravilha vê,
Toma a injeção, na certeza
De que há de alcançar beleza.
Toma outra, outra mais, mais uma,
E não tem melhora alguma!
Viverá noventa e sete,
É o que o horóscopo promete.
O resto do seu futuro
É bom. É feliz. Procuo
Ler alguma coisa a mais...
Nada! A morte, a eterna paz!

CARTA-HORÓSCOPO VIII

Eis do major Guilhermino
Bastos, a sorte: em menino,
Sabendo por lusos mil
Que era tão rico o Brasil,
Deixou a santa terrinha
E a namorada que tinha,
E veio aqui trabalhar,
Para depois, se casar.
A namorada escreveu,
Mas ele não respondeu.
A pobre, com tal desgosto,
Morreu num dia de Agosto.
Ele nem se incomodou,
Nem rezou, e nem chorou.
Fazendo-se negociante,
Fazendeiro e até marchante,
Nas horas vagas, político,
Com muito tino analítico,
Incansável, diligente,
E até mesmo inteligente,
Já encontrou (eu não creio!)
Quem não o achasse feio!
Aqui casou muito bem,
Com a boa esposa que tem.
Se a minha ciência não mente,
Há de ser pai brevemente.

Seu filho será maestro,
Com sentimento, e com estro.
Mas, por amor de uma atriz,
De rubicundo nariz,
Com cinqüenta anos de idade,
E pintada de alvaiade,
Sofrerá uma prisão.
Mas terá absolvição.
E, se tornando ajuizado,
Em breve é um rapaz casado.
Do seu futuro o restante
Será de prazer constante.
Por um milagre divino,
Suas pernas, Guilhermino,
Se tornarão tão linheiras,
Que assim como seringueiras.
Morrerá octogenário,
Quatro vezes milionário.
Comigo não seja ruim!
Deixe uns contecos a mim!

CARTA-HORÓSCOPO IX

Flaviano Flavio Baptista,
Você vai baixar a crista!
Não pense que eu tenho medo
De você. O seu segredo
Direi, de errar sem receio
Nem de tornar-me mais feio.
Vou nasceu no Piauí
E hoje vive por aqui.
Foi um menino danado,
Entre todos escovado.
Dos estudos não gostava
E o tempo a brincar levava.
Tem esposa dedicada.
De filhos, uma ninhada.
Você pode me ensinar
Direito. Horoscopisar
É ciência desconhecida
Para você, toda a vida!
Dado o ligeiro cavaco,
Vou descobrir o seu fraco:

Se quer se firmar na História,
Não queira ser palmatória
 Do mundo, que é sempre assim,
 Muito bom, ou muito ruim.
Nós dois, que assim tão de perto
Nos conhecemos, e, aberto,
 Um para o outro, o coração
 Temos na palma da mão,
Devemos ser superiores.
Rir das próprias dores!
 Você, meu colega e amigo,
 Desprezando o hábito antigo,
Passe a pensar como eu penso,
E, então, lucrará imenso!
 Não abra autos todo dia...
 É melhor fazer poesia.
Ninguém defenda de graça
Que isso, enfim, é uma desgraça.
 No duro banco de réu,
 Os inocentes, como eu,
Sentarem-se é muito raro,
Fique sabendo, meu caro!
 Quem fez qualquer coisa feia
 Vá trinta anos pra cadeia!
Se, porém, o criminoso
For malvado e dinheiroso,
 Aceite ser seu patrono.
 E, você, perdendo o sono,
Citando artigos de lei,
Mesmo os que eu não sei,
 Rebatendo o promotor,
 Seja embora ele doutor,
Faça o réu ser libertado.
Mas... não trabalhe fiado!
 A sua sorte, Flaviano,
 Vai mudar muito para o ano,
Você vai enriquecer,
E também emagrecer!
 E, parecendo esqueleto,
 Mais fino do que um espeto,
Só para comparação:
Tal qual o velho Galvão,

Enviuará. Novamente
Se casará, certamente.
E, por castigo do céu,
Desse segundo himineu
Terá mais dez filhos. Três
Serão negociantes. Seis,
Donzelas lindas serão
E depressa casarão.
Mas o décimo, coitado,
Com o Charley impressionado,
Comprando um baralho egípcio,
Sem ganhar nada, por vício,
Toda a vida há de levar
Como eu, a horoscopisar

CARTA-HORÓSCOPO X

Meu nobre Francisco Conde:
Você, que a si mesmo esconde,
E, quando está a falar,
Fica o segredo a guardar,
Vai ver nos olhos da rua
Sua sorte, crua e nua.
Para começar, não nego:
Você foi guia de cego!
Um ano foi seringueiro,
E no seguinte, caixeiro
Mas, um dia indigestando
E indo dormir, e sonhando
Que doutor podia ser,
Comprou livros, pôs-se a ler
E, tanto estudou e leu,
Que muita coisa aprendeu.
E, como eu, mas com mais jeito,
Se viu formado em direito.
Eu fiquei em promotor:
Mais feliz, governador
Você já foi. Por engano
Não chegou ao Vaticano.
O seu presente é de rosas
Sem passagens dolorosas.
Se não faz muitos amigos
Também não faz inimigos.

Não fala mal de ninguém
E se abasta com o que tem.
Sei que você não descrê
Que eu gosto bem de você...
 O seu futuro é supimpa;
 Sua sorte é toda limpa!
Quando houver segundo embrulho
Em Babel, você – que orgulho! –
 Que as línguas do mundo sabe,
 Chegue lá depressa, e acabe
Com essa confusão, que essa glória
Há de aparecer na História!
 E amores não faltarão
 A você, seu manganão!
Quem poderá ser rival
De um herói universal?
 E eu que nada então serei,
 De inveja arrebentarei.
Mas você bem triste e sério,
De volta do cemitério,
 Onde assistiu, consternado,
 Meu corpo ser enterrado,
Não mais terá alegrias.
E também, depois de uns dias,
 Sem comer e sem beber,
 De repente há de morrer.
Mas, o que me diz a sorte,
É que de nós dois a morte,
 Só em 2101
 Se realizará. Nenhum
De nós, Conde, certamente,
Há de ficar pra semente!
.....
.....
Se você, que sabe tudo,
Acha errado o meu estudo,
 Não se consulte ao Charley,
 Porque ele, pelo que eu sei,
Já não é mais feiticeiro.
Hoje é um simples hoteleiro!

CARTA-HORÓSCOPO XI

Meu querido Joca Rola:

Essa gente é muito tola!

 Porque eu sou muito ocupado,

 E, por isso, hei demorado

Em sua sorte tirar,

Anda aí a propalar

 Que você me subornou,

 Me deu bola, me comprou

Até o próprio Amaral,

Meu amigo tão cordial,

 Quase estava acreditando...

 Pelo menos, duvidando!

Você, ainda menino,

Atrapalhou seu destino.

 Em vez de ser fazendeiro

 Quis aqui ser seringueiro.

Meteu-se a vender fiado.

E quase acaba quebrado.

 Mas, de hoje em diante, eu lhe juro,

 Vai ser bom o seu futuro.

O seu cavalo, no prado,

Há de chegar adiantado.

 Você vai emagrecer

 E mais moço parecer.

E, sem nenhum sacrifício,

Deixará o feio vício

 De pedir cigarro à gente,

 Como faz atualmente,

Você depois da primeira

E segunda, vai terceira

 Vez se casar, mas, me creia

 Que a sua noiva é bem feia,

E é magra que causa espanto:

Chama-se... Morte! Entretanto,

 A Parca, enfim, atendendo

 A que você vai vivendo

Os meus conselhos seguindo,

E, além disso, presumindo

 Que você, deixa, indo embora,

 Muitas saudades, por hora,

Não há de querer matá-lo,
Mas, matará seu cavalo!
 E, vinte anos, eis o que é:
 Você andará a pé!
Quanto a seus filhos eu digo...
Quem não concorda comigo?
 Uns, velhos ficando vão,
 E outros se criarão.
No mais, quando a bóia em casa,
For má, aproveite a vasa:
 Corra ao hotel do Charley,
 Que cozinha bem, que eu sei!
A pensão do meu rival
Fica à rua Portugal.
 Ex-rival, porque o judeu
 Não lê mais sorte, só eu!

Maio – 1929

CARTA-HORÓSCOPO XII

Coronel Porfírio Sá:
A sua sorte aqui está.
 Se demorei em tirá-la
 A razão vou declará-la:
O meu colega, o Charley,
A quem eu ultrapassei,
 Já perdeu os seus fregueses.
 E eu, todo dia, cem vezes
Respondo às minhas consultas,
Que são julgadas mais cultas.
 Por falta de tempo, pois,
 Você ficou pra depois.
O seu passado risonho
Já lá se foi, como um sonho.
 Atualmente, coronel,
 Você bebe muito fel,
Bate na testa, medita,
Mas não se afoba, nem grita.
 O seu pouco ou muito juízo
 Ainda não sofreu prejuízo.
E o seu coração, tão velho,
Ainda lê o Evangelho

Do Amor. Tem força tenaz
Como se fosse um rapaz.
Pelo menos, assim julgo...
Mas, atrás da orelha, a pulga
 Eu sinto, aqui, a coçar-me,
 E a mentiroso chamar-me.
Sua vida embaraçada
Vai ser desembaraçada.
 Tirárá na loteria
 Grande sorte, qualquer dia.
Terá um filho formado,
Mas... mas.... mas... como eu, quebrado.
 Da sorte grande o tal prêmio
 Liquidará o boêmio,
Em poucos meses de vida
Preguiçosa e divertida.
 Enfim, faz bem dissipar
 O que não ganhou a suar.
A sua morte há de vir
Quando você se sentir
 Com vontade de morrer,
 Pois, sem andar e sem ver,
Todo pelado e sem dentes,
E ambos os braços dormentes,
 Achará que a vida é um peso,
 Que só merece desprezo.
O preço do meu serviço?
Não se incomode com isso!
 Pagará quando puder,
 E como e quanto quiser.

CARTA-HORÓSCOPO XIII

Eis José Martins de Freitas,
Bom bacharel, às direitas.
 Não sendo lá muito feio,
 Segundo a sorte que eu leio,
Era tão mal amanhado,
Com o fato tão machucado,
 Que muito bolo apanhou,
 Mas nunca se endireitou.
A roupa que ele vestia,
Nem para Judas servia.

Quando cresceu, homem feito,
Já na escola de Direito,
Tão mal trajado ainda andava,
Que o povo dele mangava.
Casou bem cedo. Enviuvou,
E segunda vez casou.
E, se outra vez, enviubar,
Quererá ainda casar.
Por seus colegas é tido
Por talentoso e sabido.
Versos outrora fazia,
Mas... não deu para a Poesia.
Rimava grilo com gato,
E perneira com sapato.
Caiu-lhe a crítica em cima...
E a namorada, uma prima,
Uma piauiense bonita,
Com dentinhos de catita,
O avisou, por um recado,
Que acabava com o noivado,
Ele, então, baixando a crista,
Pôs a estudar, e, jurista
Chegou a ser simplesmente...
E ainda o é atualmente.
O seu porvir é magnífico,
Ideal, quase mirífico!
Embora sem ter dinheiro,
Viverá bem prazenteiro.
Terá saúde robusta,
Assim, pois, à sua custa
Não farão experiência
Os da médica ciência.
Enfim, morrerá após
Enterrar a todos nós!

maio - 1929

CARTA-HORÓSCOPO XIV

Eis do Nemézio Moleiro

O horóscopo verdadeiro:

Veio ao mundo por engano...

Nasceu eu lugar de um mano!

Logo na faixa infantil
Sonhou em vir ao Brasil.
 E da Espanha aqui chegou
 E tempos depois comprou
O afamado Hotel Madrid.
Como e por quanto, não vi.
 Tem jeito para o negócio,
 Mais que o Avelino, seu sócio.
Dá “bóia” a muitos doutores,
Juízes e promotores.
 E hospede seringalistas
 Que, às vezes, só tem as listas!
Que coração bem formado!
Quando o freguês, atrasado,
 Não pode pagar a conta,
 Que a contos de réis já monta.
Ele aumenta de carinho
E dá-lhe o melhor pratinho.
 Mantém um câmbio, parece,
 Que, é natural, sobe e desce,
Conforme a situação
De quem vem tomar pensão.
 Subiu, já disse o Amaral,
 O câmbio do Juvenal.
Efeitos, talvez, de aumentos
Do poeta nos vencimentos!
 Quanto a mulher, só gostou
 E só gosta de pretinha;
Perdeu muito com o Ganot
E hoje vive na cozinha.
 (Esta quadra intercalada
 Não foi por mim fabricada,
É da lavra do Avelino...
A todos, pois, eu previno,
 Para que os maus, os perversos,
 Não me atribuam tais versos).
Moleiro se há de casar
Quando aos cinqüenta chegar.
 Terá filhos coronéis,
 Que irão gastar nos hotéis,
Para ter aplicação
A pena de Talião

Principalmente um menino,
Filho do major Balbino,
E que, com cara de herege,
Há de ser dono de um “frege”,
Onde os filhos do Moleiro
Irão gastar seu dinheiro,
De instrumentos servirá
Que a todos nós vingará!
Moleiro, já noutros mundos,
Soltará um ais profundos,
E virá fazer visagens
Pelos quartos de hospedagens!
E onde estará, lá no Inferno,
Região do sofrer eterno,
Quererá montar pensão;
Mas, a sua petição
Aliás, bem redigida,
Pelo Diabo é indeferida.
Antes desta publicar
Fui ao Charley consultar
E ele me disse: “Poeta,
Que sorte certa e completa”
Abril – 1929.

CARTA-HORÓSCOPO XV

Meu caro Manoel dos Passos,
Domingos Gomes: abraços!
Vou hoje o satisfazer:
Seu horóscopo vou ler.
A sua vida desanda:
Volte já para a quitanda!
Ser jornalista é buraco,
E você é muito fraco...
Se continuar na imprensa,
A sua desgraça é imensa!
Venda a “Pátria Portuguesa”
A quem tiver mais destreza.
Volte para Portugal,
Que me dizem que vai mal,
E sem perder um momento,
Pegue a pasta do Fomento.

Será bom o seu futuro,
Se em tudo ouvir-me, eu lhe juro.
 Eu vou lhe falar bem sério:
 Leve para o ministério,
Servindo de secretário,
Esse homem extraordinário,
 Como você, capitão
 Da acreana revolução.
É do Ciríaco que eu falo,
Não vá deixar de levá-lo.
 Para escrever nos jornais
 Uns artigos magistrals.
Leve também, de primeira,
O major Campos Pereira.
 E assim a terra querida
 Dos meus avós, bem regida,
Voltará, sem ser favor,
Ao seu antigo esplendor.
 E, se precisar de mim,
 Que ando aqui um pouco ruim,
É só me telegrafar
Que eu tratarei de embarcar.
 No mais, cuidado com as damas,
 Que não gozam boas famas.
Do Martin não diga nada,
Não se meta em trapalhada!
 É melhor ficar calado
 Do que sair apanhado.
Em Manaus, diga que este Acre
Está bem feliz e alacre,
 Que aqui vai tudo tão bem
 Que não se queixa ninguém.
Assim procedendo, amigo,
Poderá contar comigo,
 Não precisamos de guias,
 Não se faça de Messias!

ELOGIO DA PREGUIÇA¹

(A mim mesmo)

*“Preguiça amamenta muita virtude”
– Machado de Assis – (Relíquias de
Casa Velha, p. 50.)*

Benditas sejas tu, preguiça amada,
Que não consentes que eu me ocupe em nada.
 Mas, queiras tu, preguiça, ou tu não queiras
 Hei-de dizer, em verso, quatro asneiras.
Não permuto por toda a humana ciência
Esta minha honestíssima indolência.
 Está na Bíblia esta doutrina sã:
 Não te importes com o dia de amanhã.
Para mim já é grande sacrifício
Ter de engolir o bolo alimentício.
 Ó sábios! Dai à luz um novo invento:
 A nutrição ser feita pelo vento.
Todo trabalho humano em que se encerra?
Em, na paz, preparar a luta, a guerra.
 Dos tratados, e leis, e ordenações,
 Zomba a jurisprudência dos canhões.
Juristas, que queimais vossas pestanas!
Tudo o que legislais dá em pântanos.
 Plantas a terra, lavrador? Trabalhas
 Para atizar o fogo das batalhas.
Cresce o teu filho; é belo, é loiro.
Mais uma rês votada ao matadouro!
 Pois, se assim é, se os homens são chacais
 Se preferem a guerra à doce paz,
Que arda depressa a colossal fogueira
E morra, assada, a humanidade inteira!
 Não seria melhor que toda a gente,
 Em vez de trabalhar, fosse indolente?
Não seria melhor viver à sorte,
Se o fim de tudo é sempre o nada, a morte?
 Queres riquezas, glórias e poder...
 Para quê, se amanhã tens de morrer?
Qual mais feliz? O mísero sendeiro,
Sob o chicote e as pragas do cocheiro.

¹ Ressaltamos, lembrando, que este poema também pode ser classificado como “satírico-humorístico”, pois possui uma boa pitada dos dois gêneros.

Ou seus antepassados que, selvagens,
Comiam, livremente, nas pastagens?
Do trabalho por serem tão amigas,
Não sei se são felizes as formigas.
Talvez o sejam mais, vivendo em farras,
As preguiçosas, pálidas cigarras.
Ó Laura! Tu te queixas que eu, farsista,
Ontem faltei a hora da entrevista,
E que ingrato, volúvel e traidor,
Troquei o teu amor por outro amor,
Ou, que receando a fúria marital,
Não quis pular o muro do quintal,
Que me não faças mais essa injustiça!
Se, ontem, não te fui ver, foi por preguiça.
Mas, Juvenal, estás a trabalhar!
Larga a caneta e vai dormir, sonhar...
Num álbum de recordações:
“O que deseja ser?
Bom como Cristo, como Cristo amado
Sem acabar, porém, crucificado”.
“Deseja voar?
Eu, voar? Fico cá no meu cantinho,
Quem tem de voar já nasce passarinho”.
“Que prefere, a beleza ou a instrução?
Para que sabedoria
Tendo a barriga vazia?”
“É tempo de mirici
Cada um cuide de si”.

Abril - 1929

O PAPAGAIO

A João da Costa Carneiro

Ouviste, Laura, aquele papagaio?
É sem tirar, nem por,
Jornalista ou Doutor,
Que, tudo a falar, de nada entende.

Às vezes, Laura, eu caio
Nesta dúvida imensa:
O papagaio pensa?
Se pensa o desgraçado há de sofrer,

Não por falta de ciência,
Porém, por conveniência,
O martírio horroroso
De não poder dizer
 O que sente e o que quer.
 Se o raciocínio humano a ele se entende,
 Deve querer ser grande e poderoso...
 Deve aspirar ao amor,
Ter ilusões de glória
E sonhar com a vitória...
E abafar na garganta as próprias convicções,
Mudar de pensamento e mudar de opiniões...
 Melhor, portanto, para o pobre louro
 É ser apenas gramofone vivo.
 Porque é raro tesouro
 E certamente, um gozo,
Poder falar, falar,
Sem usar o sistema preventivo
(Enfadonho, aliás,
E que eu uso mais).
 Dos que se julgam sábios
 E não abrem os lábios
 Sem primeiro pensar!

O PERU

Existem, Laura, coisas neste mundo,
Que me causaram reparos e estranheza
E que me abismam n'um cismar profundo:
Porque foi que a potente Natureza
 Não fez todos iguais,
 Burros ou genais?
Porque a uns homens deu talento
E a outros só compostura?
Porque te deu tal sorte e formosura
E a outras só deu feiúra e sofrimento?
Porque não deu a todos os voadores
As mesmas asas de águias e condores?
Não dotou todo ser, desde o mais rude,
De igual dose de vício e de virtude?
E os naturais caprichos
Atingem mesmo os mais modestos bichos...
Ora repara o pobre do peru:

Eu e tu
Todos nós
Desde os nossos avós,
Quando vamos comer, antes bebemos
O nosso aperitivo;
No entanto, com o peru o que é que vemos?
Só lhe dão de beber
Quando o querem comer!
E ainda lhe fazem mais esta injustiça,
Que contra todos os homens o meu ódio atija:
Ao galináceo humilde e desgraçado
É sempre equiparado
Todo tolo ou cretino
E, afinal, a zombar, qualquer menino,
Com um círculo de giz ou de carvão,
Arma a sua prisão
Faz-me pena, peru teu mau destino!

SALVE! 29-12-1922

(Presente de Juvenal Antunes a Inocêncio Lopes Filho)

Compadre e amigo prezado:
O povo diz muito bem
No seu rifão consagrado:
– “Cada qual dá o que tem”.
Os jardins dão-nos flores
O sol nos dá claridade,
Maus sonhos nos dão temores,
O tempo dá-nos a idade
Dá cajus o cajueiro,
Os burros só dão pastadas,
Os ricos nos dão dinheiro,
As serpentes dão dentadas
A mulher nos dá ventura,
Quando é dedicada e amante;
Mas nos abre a sepultura
Quando é hipócrita e tratante
Amarguras dão-nos fel,
Dá o médico as receitas,
As abelhas dão-nos mel,
Dão as dúvidas suspeitas.

Os oradores dão prosas,
Os casamentos dão filhos,
As dúzias nos dão as grosas,
As pedras raras dão brilhos.
Os cinemas dão-nos fitas,
Os relógios dão-nos horas,
Volúpia dá sibaritas,
As aves canções sonoras.
Os mestres nos dão lições
Dão borracha as seringueiras,
Contos de réis dão milhões,
O vinho dá bebedeiras.
Dão audiências os ministros,
As Varas nos dão feixes,
Os desastres dão sinistros,
Os mares nos dão os peixes.
O padre dá sacramentos,
Os calendários os nomes,
O cérebro os pensamentos,
Os jejuns nos dão as fomes.

SONETO

*(No álbum da senhorita Branca de
Campos Pereira)*

Cumpro a promessa que lhe fiz... Vencendo
A indolência fatal que me consome,
Vou estes feios versos escrevendo,
Assim com cara de quem está com fome...

Porque não deixo, aqui, só o meu nome?
Nesta segunda quadra me metendo,
Antes que tinta novamente tome,
Com o diabo da preguiça estou me vendo!

Eis-me, enfim, no começo dos tercetos...
Se eu, um dia, encontrar esse malvado
Que inventou essa droga de sonetos,
Que D. Branca me consagre burro
Se eu não assassinar esse danado
Com uma facada, um ponta-pé, um murro!

Acre, 1929

VERSO SOLTO À LAURA

Oh! Minha Laura, estou aflito...
Quem foi que plantou tantas urtigas
No teu quintal?
E, agora, quando eu pular para te ver,
Hás de querer um pobre moribundo?

VOU PULAR COM O PÉ NA COVA

Saiba esse Acre amado,
Terra do meu coração
Da minha eterna louvação
E encantador exílio,
Que estou com o pé na cova
Mas não entrego os pontos.

Quero pular, frevar, cantar
Até o sol raiar e os galos cantarem.
Quero a bela madrugada, a madrugada,
Para apertar os peitinhos das meninas
Lá do bordel de Creuza, Creuzinha! (BIS)

A vida é boa, o mundo é lindo,
Vivam os amigos, os bons vinhos e os amores...
Coisas que nos alegram e fazem festejar
Os momentos fugazes deste carnaval.

Lá vem o bloco dos “mariquinhas”
Com suas plumas e trejeitinhos...
Deixe o passar, passar, passar...

É gente inofensiva, inocente,
No mundo não poderia ser tudo igual!

Quero pular, frevar, cantar
Até o sol raiar e os galos cantarem. Quero a bela madrugada,
a madrugada,
Para apertar os peitinhos das meninas
Lá do bordel de Creuza, Creuzinha! (BIS)

Mesmo com o pé na cova
Vou me vestindo de pierrô
E nesse carnaval me embriagar
E dizer ao velho Acre terra boa,
Que aqui cheguei e fiz misérias!

Vamos sacudir a poeira e tocar as cornetas
Acordar o Delegado para ele frevar
E dizer ao Sandoval que ele é muito chato
Só Sabe apelar, pedir “habeas corpus”
Pra seu cunhado Ferreira!

Quero pular, frevar, cantar
Até o sol raiar e os galos cantarem.
Quero a bela madrugada, a madrugada,
Para apertar os peitinhos das meninas
Lá do bordel de Creuza, Creuzinha! (BIS)

E se eu não puder sambar
Pensarei em minha Laura
E na grata esperança
De breve tê-la em meus braços
Pra morrer de amor!

Vamos parar com essas baboseiras
Porque estou com o pé na cova

Vendo a hora um vento forte
Empurrar-me ao cadafalso
E cadê o Juvenal?
Era besta e se acabou!

Quero pular, frevar, cantar
Até o sol raiar e os galos cantarem
Quero a bela madrugada, a madrugada,
Para apertar os peitinhos das meninas
Lá do bordel de Creuza...Creuzinha!

2. DOS POEMAS SATÍRICOS:

ELOGIO DA IGNORÂNCIA

Beati pauperes spiritu.

Ignorância! Sê tu sempre bendita,
Fonte de todo bem, de toda dita!

É um sábio quem nos diz: “Muito estudei,
Mas, afinal, só sei que nada sei”,

Certo, a maldade anda de par com a ciência;
Mas, a ignorância alia à inocência.

Despreza as letras, rude tabaréu!
É garantido o teu lugar no céu.

Galileu ante os padres se ajoelhou;
Só assim das fogueiras escapou.

E Sócrates, na mesma estéril luta,
Morreu envenenado com cicuta.

Creio que se Jesus sofreu horrores,
É que foi arengar entre os doutores.

Eva pecou junto à árvore frondosa
Da ciência, cuja fruta é venenosa.

Terra de sábios, vede essa Alemanha!
N’um mar de sangue a Europa inteira banha.

Congo, Bolívia, Haiti, Calábria, China,
Existe aí igual carnificina?

Ser jumento ou condor em nada influi:
É a razão de Calino contra Rui.

Nas bibliotecas, livros aos milhões..
Contra os mesmos, as balas dos canhões!

Devem ficar de cólera bem roxas,
Pelo prejuízo, as traças e as carochas!

Diante de proceder tão feio e abjeto,
Não é melhor ser burro e analfabeto?

Sempre esbarra na dúvida e no engano
O lerdo carro do saber humano.

A civilização, pelo que eu vejo,
Anda, mas anda como caranguejo...

Sendo que, às vezes, ela é tão madraça,
Que mesmo esse decápode ultrapassa.

Homens! Examinai vosso progresso!
Dai-nos paz e ventura... Pelo avesso.

Tu, ó Laura, mulher de poucas letras,
Que não falas francês, que mal soletras,

Que pronuncias fia em vez de filha
E não sabes pospor uma cedilha,

Em maneira de amor és tão constante,
Tão fiel, tão dedicada, tão amante,

E, embora sejas grande formosura,
Não enxergas em mim tanta feiúra,

E aturas com paciência tão louvável
Minha falta de juízo incomparável,

Que eu, como a ti, nunca ninguém amei;
Nem por outra mulher te trocarei!

EM VOZ ALTA

É por isso, talvez, que o mundo diz,
Que a minha vida é simples e feliz.

Quanto possível é, digo a verdade,
Amo a preguiça e adoro a liberdade.

Meu único trabalho só consiste
Em fingir-me de alegre, embora triste.

Nos áureos dias de passadas eras,
Embalaram-me crenças e quimeras...

Perdidas ilusões, que outrora eu tive!
Também sem sonhos e ideais se vive.

Em matéria de amor, sou justiceiro:
Nunca feri direitos de terceiros!

Muito embora, não raro, o coração
Ruja em meu peito, como feroz leão!

Afasto-me do santo matrimônio,
Como da cruz afasta-se o Demônio...

Creio que possa amar a quem me quadre,
Sem que requeira ao juiz, ou pague ao padre

Quanto ao deixar, da minha efígie, raça,
Meus senhores! A coisa tinha graça...

Pois eu teria a original maldade
De aumentar, neste mundo, a fealdade?!

Mas, não invejo, de ninguém, beleza;
Tu és mãe carinhosa, ó Natureza!

Esta minha raríssima feiúra,
É o que me dá, talvez, tanta ventura.

E é, certamente, por eu ser assim,
Que tu, Laura gentil, gostas de mim!

RESPOSTA ABERTA

Só depois de bem rogado,
Embora contrariado,
Por ter muito o que fazer,
Vou ao S. A. responder.

O seu tão longo bilhete
Muitos acharam “cacete”.
Os matutos do sertão
Fazem melhor produção.

Você no nome enganou-se...
É poeta d'água doce!
 Não faça versos errados,
 Vá tomar banhos salgados.
Quem rima como com sono,
Não é gente, virou mono.
 Porque, mesmo em mês de Abril,
 Não escreve em prosa vil?
Versalhada pé de viola,
Hoje a ninguém consola!
 Você, que tanto talento tem,
 Porque em prosa não vem?
Essas estâncias compridas,
Hoje são aborrecidas.
 Pratique quadras fazendo,
 Que você vai aprendendo.
Depois as parelhas faça,
Que o povo, então, acha graça!
 Chama de Seco a Saturno...
 Eu, no entanto, por meu turno
Defendo o planeta, e digo:
Seco é você, meu amigo!
 A terra tremeu? É o caso...
 Você entrou no Parnaso!!!
Se você continuar,
O mundo tem que acabar!
 O Sansão, além do mais,
 Que faz questão que haja paz,
Já prendeu o poeta Nato,
Que, no verso, é seu retrato!
 Se você aqui surgir,
 Irá no xadrez dormir.
Agora é um atentado
Escrever um verso errado.
 Ô língua dos meus avós!
 Você começa por "vós"
E cavando, qual tatu,
Acaba por "seu" e "tu"!
 Enfim, aceite um abraço
 E esta lição que lhe passo.

maio - 1929

SONETO AO DIABO

Diabo! Desde o feliz dia em que tu caíste
Do céu, e inauguraste a sulfureza morada,
Com teu gênio sem par e verve inesgotada,
Vives a divertir a humanidade triste.

Porque o gozo somente em pecado consiste...
E todo gozo vem da tua mão sagrada;
Creio que até a mulher, – a peregrina fada
Se existe nesse mundo, é porque o diabo existe.

No entanto amigo diabo, entre milhões de poetas,
Que enchem tanto papel de gordas letras pretas,
Nenhuma te dedicou uma estrofe sentida...

Nenhum te ofereceu um verso alexandrino!
O diabo é bem cruel e teu fado mofino...
E como a tua humanidade é mal agradecida!

3. DOS POEMAS LÍRICOS:

À CHEGADA DO AVIÃO TAQUARY

Chegou o Taquary. O passarinho,
Vendo-o cortando o espaço que antes era,
No inverno, no verão, na primavera,
Seu reservado e natural caminho,

Pensou: “Será que um dia até a fera,
Todo animal carnívoro e daninho
Venha violar o nosso casto ninho,
Fendendo a azúlea e luminosa esfera?”

É que as insontes aves não conhecem
Que todos os humanos obedecem
A poderosa lei da evolução.

Remos... Velas... Vapor... Asas agora...
Mais tarde, talvez deitem tudo fora...
E velharia seja a aviação!

À LAURA!

Laura! Não digas mais que és desgraçada,
Porque, se és desgraçada a culpa é minha!
És tão pura como a madrugada,
Tão inocente como uma andorinha!

Hoje, se por alguém és reprovada,
Se alguma criatura te amesquinha,
Continua serena em tua estrada,
E ninguém neste mundo te amesquinha!

Como arrojado cavaleiro andante,
Percorrerei até todo o universo,
Montado num moderno rocinante!

E a quem não te adorar nem fizer verso
Darei rápida morte fulminante,
Se houver alguém na terra tão perverso!

À LAURA II

Sim, **Laura!** Os poetas são bem esquisitos!
São compreendidos muito raramente...
Passam a vida assim como proscritos,
Mas, nenhum diz o que não sente!

Os homens são prosaicos, geralmente,
E dos poetas não ouvem os ais, nem gritos!
E a mulher, seja embora ainda inocente,
Bem pouco se lhe dá vê – los aflitos.

Mas tu, **Laura** adorada és talentosa!
Amas, a quem te ama, seja poeta ou não,
E, portanto, és tão grande e tão formosa!

E, como eu, nessa cruz dos teus amores,
Sabes qual o dever do coração?
Beijar as mágoas e abraçar as dores!

(grifos do autor)

À MARILDINHA

Abrindo este teu álbum de poesias,
Onde bons versos pedirão pousada,
Vejo que o que estudei não vale nada,
E sinto, Marildinha, as mãos tão frias!

Tens só quinze anos. Eu, descendo a escada
Da vida por ingentes penedias,
Já sei que a idade mata as fantasias,
E, em vão, quero tentar nova escalada.

Mas, porque sou, então já velho e enfermo,
Não me conformo, pressentindo o termo
Das ilusões que cultivei sonhando.

É que os poetas, por castigo ou glória,
No mundo de ventura transitória,
Hão de viver e de morrer amando!

A MULHER ACREANA

*(No álbum da senhorita Mercedes da
Silveira)*

Não é a mais bela das mulheres
A mulher que nasceu na terra acreana;
Como as outras, atraí, esquece, engana,
E tem no olhar idênticos poderes.

Também se sente venturosa e ufana,
Como o geral desses malvados seres,
Se alguém, a falta de outros afazeres,
Cai na tolice de “roer coraina” ...

Ela é a mesma criatura misteriosa
Que acha que o casamento é emblema régio
Mas chora quando vai às próprias bodas...

Só num ponto é a mais nobre, a mais gloriosa
Não sei porque divino privilégio,
Ama mais cedo que as outras todas.

À RAINHA DO FEMINISMO

Bertha Lutz! Eu vou tentar, afoito,
D'aqui, deste recanto em que me acoito,
 Enfeitando de rendas e de flores
 A minha lira, que só canta amores.
Tendo a mão sobre o cansado peito,
Render-te, em verso, um merecido preito.
 Pátria de Lamartine e de Severo,
 Subiu de ponto o amor com que te quero.
Vendo que tanto em guerra como no ar,
Há de te distinguir e de brilhar!
 Aqui a inteligência se nivela
 E a mulher potiguar não é só bela,
Nos contornos e forma material,
Mas, porque ao homens sendo, agora igual
 Escolhendo, afinal, seus deputados,
 Por elas preferidos e votados,
Pode gritar ao mundo, prazenteira:
Nasci neste Brasil, sou brasileira!
 Para mim, os campeões do Feminismo
 A obra completam do Abolicionismo!
O lema do auri-verde pavilhão
Tem, hoje, inteira significação.
 Só hoje temos mesmo de verdade
 Essa Igualdade e essa Fraternidade
E se à mulher o homem direitos tira,
Então a Liberdade é uma mentira!
 Deixemos que os espíritos pequenos,
 Que até no próprio Bem acham veneno!
Embora intimamente convencidos,
Rastejem na impotência dos vencidos.
 Tenhamos nós por muito natural,
 Tudo o que é grande, tudo o que é ideal.
Ergamos, orgulhosos, nossas fronteiras,
Fitemos dilatados horizontes.
 Deixemos que os perus fiquem no chão,
 Num círculo de giz ou de carvão.
Águias, condores, conquistando espaços,
Trocando beijos e estreitando abraços!
 E lá de cima, enfim, olhando o mundo
 Em erros e tolices, tão profundo!

Basta que a gente diga apenas isto:
“Perdoai-lhes, Pai!” como já disse Cristo!
E, eu, Bertha, não ser Rui para saudar-te!
E, eu, Bertha, não ser Deus para alcançar-te!
Oiteiro, 1/10/1928

A
Não quero que me leias, nem me entendas...
Quero, apenas, que saibas
Que aonde mesmo não subas e não caibas
Hás de subir comigo!

E que tudo o que é meu, – meus sonhos tersos,
O orgulho do meu nome e dos meus versos,
Os meus segredos, que só tu desvendas,
Meu malogrado amor!

Que é sempre a minha glória e o meu castigo;
Tudo o que me entusiasma e me entristece,
Minha virtude e meu pior defeito,

A força do meu braço e do meu peito,
Minha mais doce e mais sentida prece,
Tudo absolutamente, tudo, tudo,
Venho a teus pés depor!

ADEUS
Vai! Roda paixão na nossa idade,
E, creio até que em idade mais madura,
Por mais que dure, não será tão dura,
Que resista do tempo à tempestade.

Recuperemos, pois a liberdade;
Bendito o mel, e, mais bendita a cura!
Adeus, forma gentil de uma alma pura,
Sonho que se desfez em realidade!

Queres arcar com a lei do fatalismo...
Toca, de certo, as raias do heroísmo,
A persistência com que tudo arrostas...

Eu, no entanto, confesso-me vencido:
Não posso assim viver, de horror transido,
Com um cadáver de amor pregado às costas!

ALMA SOLÚVEL

Eu vou soltar as notas derradeiras,
Dessa triste canção de minha vida,
Decorrente, enfim, das ilusões fagueiras,
Dessa minh' alma agora empedernida!

Com a indiferença a alvejar como torturas,
Meu coração por ti despedaçado
Aniquilando – me as esperanças puras,
Desse meu peito, agora, dilacerado!

Já se apaga a última centelha,
Do fogo desse amor que se assemelha,
À escuridão de um matagal espesso...

Meu coração ama tantas mulheres,
Também te erguerei, assim o queres,
Alma solúvel, coração avesso!

Recife, 18/05/1900

ANJO CUSTÓDIO

Eis porque eu não me atrevo
A matar este amor, cheio de suavidade,
Isto que eu gozo e que é quase a felicidade,
A ti somente o devo.

De nada o que é profundo,
Tu queres entender, seja arte ou ciência,
Mas tens, em alto grau, a alta experiência
Deste precário mundo.

A argúcia feminina
Em ti tudo prevê, nota, observa, presente;
Seja por indução, ou inspirativamente,
Tudo, afinal, combina!

Desde que te conheço,
Que a faculdade de pensar dispenso;
Aquilo que eu desejo, alcanço e venço
Se, a ti, conselhos peço.

Dos vícios no atascal,
Quantas vez mergulhei desvairado e febril,
Mas, me apontava o bem a tua mão gentil,
Desviando-me do mal!

Longe, sem pai nem mãe,
Vivo por envias terras exilado;
É justo, pois, que teu olhar sagrado
Me guie e me acompanhe.

A tua força é imensa...
Fazes ressuscitar um Lazaro da cova...
E me fizeste ter, com uma lógica nova,
O que eu não tinha: – crença!

Quando, às vezes, ferindo
O teu orgulho de mulher honesta,
As farpas, sobre ti, a inveja assesta,
Tu respondes sorrindo.

Surda ao brado de alarme
Dos que fazem do amor contrato ou sacramento,
Sem vacilar me deste, em sublime momento,
O que tinhas a dar-me.

Sentes mesmo prazer
Em proclamar o laço, que nos liga:
Deixa que os néscios gritem, minha amiga,
Até enrouquecer!

A inveja e o feroz ódio
Não farão com que tu te cales, nem me cale;
Amemo-nos assim... o resto nada vale,
Meu lindo **Anjo Custódio**.

(grifo do autor)

AO DR. ANTONIO DE SOUZA:

Não te doam ingratidões
Dos ingratos e vilões.
Quem pretende escurecer
Esse teu alto saber?
“Os maus por si se destroem” ...
E o teu pedestal constroem.

AO MEU VIGOROSO SOBRINHO:
VICENTE IGNÁCIO PEREIRA.

Pobre de mim, porque já não me amas
E mais vontade de possuir te eu tenho!
E assim, das chamadas do desejo venho
E caio de desejo n'outras chamadas.

Carregarei, contudo, este meu lenho,
Com a paciência que mesmo tu proclamas,
Porque, vencendo oposições e tramas,
Ganharei o combate em que me empenho.

Hei de, afinal, qual mísero banido
Que volta ao pátrio solo estremecido,
Cingir te nos meus braços novamente.

E ao cume das delícias transportado,
Esquecerei o teu rigor passado
Que me punziu tão dolorosamente!

Post scriptum:

Vê, Mano, o que Laura me faz!
Ao Otávio Varela
Saudade! Grande dor e grande pena!
Se ainda tens teu grande coração,
Embora eterna essa separação,
Terás sempre saudade da morena!

AOS 24 ANOS

Apesar de homem feito,
Não é só veneração o que eu sinto por ti...
É mais do que respeito,
Vejo ainda, como vi,
Em menino, no teu olhar doce e sagrado,
O mesmo manancial
De ternura e carinho, ó velho ser amado!
Ó seio maternal!
Ainda o meu coração procura-te o calor...

Apesar de homem feito,
Não é só veneração o que eu sinto por ti,
E' mais do que respeito,
Sinto, como senti,
Em menino, este puro, este infantil amor.
Tenho um desgosto imenso
De ser grande e pesado,
Não ser mais carregado
Por teus braços, no Céu dos teus braços suspenso.

Se afagas um netinho,
Todo aquele carinho
É um roubo feito a mim, que ainda por ele anseio...
Talvez digam que é feio...
Seja! Confesso ter ciúme do teu olhar!

Se a morte me escutar,
Quando te vier buscar para a eterna viagem
E houver de arrebatá-me aos olhos tua imagem,
Faça com que também te siga, te acompanhe,
Minha querida mãe!

AOS 31 ANOS

Ao Alencar Mattos

A flor da mocidade é risonha e fagueira...
E é justo que se goze a fugaz mocidade!
Com que estranho vibrar, com que louca ansiedade,
Recebe-se do amor a carícia primeira!

Quanta vez, por beijo, um só, dá-se a alma inteira,
E ama-se o sofrimento, e adora-se a saudade...
No coração nos bate em cheio a claridade,
O ofuscante clarão da paixão verdadeira.

Depois, a realidade... os embates da vida,
A luta contra o mal, o egotismo, a traição,
Todo o cortejo vil das misérias do mundo!

A consciência tem sempre algo de dolorida;
Desprezamos o amor, fugimos da Ilusão,
E fica-nos somente um dissabor profundo.Sena

Madureira, 13/10/1914.

AOS 32 ANOS²

Entre as do mundo fúteis criaturas,
Já vivi muito mais de onze mil dias;
E, contando alegrias e amarguras,
Tive mais amarguras, que alegrias.

Engolfei em cismares e poesias,
Cantei, como poeta, as coisas puras,
Sem saber, coração, que recolhias
Desilusões passadas e futuras.

Hoje, céptico estou. Bem tarde embora,
Vejo só ter razão quem geme e chora,
E quanta ideia vã nos enfeitiça...

De orgulhos e vaidades me desprendo;
E, como um simples verme, vou vivendo
Na calma, na indolência, na preguiça!

Acre - 1940

AS SAUDADES

As saudades variam, são diversas,
Ah! Laura, até saudades de tristezas!
Saudades de mulheres bem perversas,
Saudades de feiúras e belezas!

² Possui este título no *Acreanas* (1922), mas foi publicado no jornal *O Alto Purús*, de Sena Madureira, em 1917, com o título de *Aos 33 anos* conforme Pereira & Albuquerque (2004).

Saudades das mais falsas ou mais tersas,
De volubilidades e firmezas!
De crueldades, de delicadezas!

Mas a saudade que mais dói, no entanto
Traz um padecimento quase santo,
Que só nos quiere mostrar as suavidades...

É a saudade que eu sinto, pois me ausento
E te levo comigo em pensamento...
Esta, Laura, é a maior de todas as saudades!

ASPIRAÇÃO

Amem a Glória os loucos visionários,
Desejem outros poderio e fama,
Buscar mais viva, mais brilhante chama,
Da força de milhões de alampadários.

Sejam outros humildes tributários
Da Riqueza – esquisita e falsa dama –
Que, de quem mais a quer, mais a reclama,
Foge, e entrega-se a braços milionários...

Olhem o Céu os religiosos crentes,
E, macerados, tristes, penitentes,
Juntem as mãos, em místico fervor...

Poder, Fama, Riqueza, Glória, Deus,
Tudo resume a luz dos olhos teus...
Eu quero unicamente o teu amor!

BIFRONTE

A J. Ferreira Sobrinho, poeta ilustre

Este é o que sempre usou, desde remota idade.
Um sistema feliz de interpretar a vida...
Alma dúbia e soez, e frente bi-partida,
Goza especial prazer nessa comodidade

Tanto lhe faz mentir, como falar verdade...
Movendo a língua vil na boca poluída,
Se agora te mordeu com uma frase fingida,
Amanhã te dará um beijo de amizade.

A dualidade é a lei, que rege a natureza:
Temos o bem e o mal, a intrepidez e o susto,
Desengano e ilusão, fealdade e beleza...

Por isso é que a ele, aqui, neste soneto, eu gabo...
E é por isso, também, que acho lógico e justo
Que ele acenda uma vela a Deus e uma outra ao Diabo!

Rio Branco, 1/5/1922

BRINDE

A Samuel Barreira

Firme, ereto, viril, na embalsamada mata,
Vê-se o altaneio roble as nuvens perfurando,
Os rudes furacões voa sobre ele passando,
Mas nada há que o amedronte e nem nada que o abata!

Também, na sociedade, o escol, a elite, a nata,
Compõe-se da que o ouvido às intrigas trancando,
Sabem, alto, zombar, calmos, filosofando,
Dos temporais da Inveja e da Calúnia ingrata.

Ergo o meu brinde, aqui, ao grande cidadão
Que, pela voz geral de virtuoso em que é tido,
Faz-me inclui-lo no escol da social comunhão.

Certo, ele gozará rara felicidade:
– A consciência de haver sempre o dever cumprido,
– A certeza, afinal, da própria dignidade.

Sena Madureira, 16/8/1914

CARTA À LAURA

És os sentidos sem nenhum faltar:
Ouvir, ver, apalpar, cheirar, gostar!

Breve como o prazer que é um só momento
E longa como a dor e o sofrimento.

Cerva dos bosques, trêmula, assustada...
E um feroz caçador de arma apontada.

Tímida rola à beira do caminho,
Pedrinhas procurando com o biquinho.

És a um tempo dócil e berço e tumba
E pia batismal e catacumba!

Clareza e confusão, doçura e fel,
Língua esperanto e torre de babel.

És Laura, como o próprio coração.
A razão desconhece – te a razão!

Turrís ebúrnea salis infirmorum,
Regina consolátris aflitorum.

És Golgotha e lauril. Rocha Tarpeia
E captólio...e idéia.

Abrió, abacate, cajarana,
Ubaia, ingá, maracujá, banana!

Tônico e estimulante, és agrião?
Coca, alfazema, anis, manjeriço!

**Teu corpo é saboroso como as uvas,
Com o gosto d'água das primeiras chuvas!**

CARTA À LAZARINA

Lazarina: Não foi minha preguiça,
Que eu tanto exalto em verso e em prosa,
Que me impediu de te escrever... Justiça!

Juro por tua boca perfumosa,
Por teu olhar, que me enfeitiça,
Que antes se apagaria a esplendorosa

A lâmpada do sol, no espaço infindo,
Do que este amor, fatal, imenso,
Que eu trago dentro d'alma refulgindo.

Tire-me Deus a inteligência, o senso,
Se te enganei, se estou mentindo,
Se, te escrevendo, digo o que não penso.

Sofra embora por ti, ó Lazarina,
O teu saudoso e terno amante,
Adora a estranha mágoa, que o assassina.

Do teu cheiroso colo tão distante,
Esta saudade me alucina;
Mas, seja alegre ou triste, chore ou cante,

Fonte de fel, ou fonte de doçura,
Atroz calvário, ou altar florido,
Esta paixão fará nossa ventura.

E seja o teu amor fiel ou fingido,
Amo e bendigo esta loucura,
Adeus! Saudades do meu peito fido.

Post-scriptum: Escreve-me! Em formato
Maior, consoante os meus desejos,
Mande-me, sem demora, o teu retrato.

.....
.....
Muitos beijos! Abraço-te! Mais beijos!

CARTAS DE UM LOUCO AMOR

(À *Laura*)

Beije teus beijos, meu amor! Beije – os
E achei todos com gostos diferentes...
Este me soube a lágrimas e anseios
E aquele a filtros demasiantes, ardentes!

Beije-os todos, beijos inocentes!
Fiz – lhes crueldades e martirizei-os!
E, se eu tivesse ao menos, uns dois dentes,
Ficariam teus beijos muito feios!

Mas, Laura, tu conheces teu amado!
Sabes que estou louco e desesperado
Por não satisfazer agora, os meus desejos!

Vem! Abre as tuas asas aquilinas!
Gasta o que for preciso em gasolinas,
Que eu quero dar-te 33 mil beijos!

Nota: Dedicado, também, aos manos Ezequiel Antunes e Etelvina.

CATIVO

Todo esse amor, tão vivo e tão profundo,
A que me apega um lúgubre destino
Faz-me descer ao desespero mais fundo,
Quanto seduz o teu perfil franzino!

Todo esse amor celestial, divino,
Que faz-me alheio, indiferente ao mundo,
Como ele é casto e puro e adamantino,
Que mata a dor e que o pesar confundo!

Basta que em mim o teu olhar retenhas,
Para que me libertes das ferrenhas
Garras cruéis da negra desventura!

Quando implorar os lábios num sorriso,
Abres – me a porta azul do paraíso,
Da sedutora e florida ventura!

Oiteiro, 16/02/1901

CIÚME

Anda sempre a perseguir-me
O medo de que me enganes,
Dizes-me, Laura: “Sou firme!
Porque essa idéia não banes?”
Mas, basta que alguém, falando
De ti, me digas és bela,
Vai a alma o ciúme entrando,
Como um touro uma cancela...
Quisera que a vista alheia
Em ti nunca visse fita,
Que os outros te achassem feia,
Só eu te achasse bonita!

Nunca me causa inveja,
Nem me enche a boca d'água,
Se alguma vez diviso
Um terno par que se ama e que se beija.
Tudo na vida passa,
Ou ventura, ou desgraça...
Existe em cada mágoa
Um laivo de esperança;
E a gênese da dor mora e descansa
Dentro de cada riso.

COM A MÃO SOBRE A CHAGA

*(Escrito por Juvenal Antunes, aos 16
anos, em Ceará – Mirim)*

Felizes os que vivem de fingidos
Carinhos e de falsos juramentos,
A alma lhe nutre vãos contentamentos...
Felizes...Venturosos os iludidos!

Felizes os que em beijos e gemidos
De amor, nos seus dourados pensamentos;
Abrasam – se em gelados fingimentos,
Felizes...Venturosos os traídos!

Felizes os que em lúbricos amores,
A que a matéria infinda se lança
Acham o alívio para certas dores...

Mas...infinidamente desgraçados,
Os que não vêm um raio de esperança,
Os repudiados, os desgraçados!

COMO SÃO OS TEUS OLHOS, LAURA?

Olhos negros, macios e clementes,
Luminosos, fatais, fosforescentes!

Olhos de febre, exaltação, delírio,
Olhos que são o meu primeiro ardor e meu mistério!

E eu que não preveni esses abrolhos
E me despedacei contra os teus olhos!

Olhos que a estes meus olhos abençoam
E os meus pecados mais mortais perdoam!

Olhos de quem absolve e de quem pune,
De quem a compaixão ao ódio une!

Olhos de quem suplica e de quem manda,
Ante os quais minha vida anda e desanda!

Olhos de Apázias, olhos de Lucréias,
De Romas novas e de novas Grécias!

Olhos magoados, olhos merencórios,
Olhos que abrandam corações marcados!

Faze, querida Laura, como os cisnes...
As asas da tu'alma nunca tises!

Teu corpo, Laura, tem o sabor das uvas,
E o gosto d'água das primeiras chuvas!

Teus olhos! Que diria desses dois globos
Que ora cordeiros são, ora lobos?

E parecendo delinqüentes
São dois cândidos olhos inocentes?

Olhos que eu vejo, às vezes, sorridentes,
E ora cheios de lágrimas ardentes!

Olhos egípcios, núbios, africanos,
Fontes de enganos e desenganos!

O Criador não tem mais o que caprichar
Depois que fez teus olhos do azeviche brilhar!

Olhos de Messalinas e devotas,
Olhos cosmopolitas, poliglotas!

Quanto poder, quanto domínio encerra
Esse olhar de mulher por sobre a terra!

Olhos que dizem sim e dizem não,
Olhos de salvação e perdição!

Ando em constante dúvida metido
Pois não sei se estou salvo ou estou perdido!

Olhos que têm as erupções vulcânicas
E o alto poder das tentações satânicas!

Olhos, mau grado meu, adultérios,
Que eu bem quisera puros, cristalinos!

O festim se fez meu inimigo
Por que razão eu não casei contigo?

Olhos de minha mãe junto ao meu berço,
Olhos de minha mãe rezando o terço!

Mas, mesmo assim, olhos ambicionados
Pelos meus olhos sempre procurados!

Acre, 1940

CONSELHO

Pairo bem longe, muito longe, acima
De tudo, e vivo num sonhar jocundo,
Tão poderoso é o teu amor profundo,
Que este meu ser espiritual anima.

Almoço e janto os teus; e, ó prima,
Se estou assim tão magro e de olho fundo,
Que até pareço uma alma do outro mundo,
A culpa, não há duvida, é do clima.

Mas, Juvenal Antunes, quem lhe disse,
Quem lhe meteu nessa cabeça idiota,
Que se pode viver na malandrice?

De ilusões e poesias ninguém come...
Se o meu amigo não mudar de rota,
Tem, com certeza, que morrer de fome!

CONTRADITA

A Sérvulo do Amaral

Requestada por mim, disse Constância:
Nunca amarei os poetas e os cantores!
Passam a vida em plena extravagância,
E só nos dão cuidado e dissabores.

Disse Marta, arfando o seio, em ânsia:
Enquanto um louco sonhador tu fores,
De ti só quero os versos e a distância,
Porque não creio em tuas falsas dores!

Mas Laura, que as ouvira silenciosamente,
Abriu os lindos lábios cor-de-rosa,
E, indignada, exclamou: Que grande absurdo!

Se o poeta me quiser, a ele me entrego,
Pois sempre ouvir dizer, que o amor é cego,
Pois sempre ouvi dizer, que o amor é surdo.

CONTROVÉRSIA

Sim! O primeiro amor, dizia Alfredo,
É cego, é louco, é virginal e casto
Chega-nos muito tarde, ou muito cedo,
E enche, sozinho, o coração mais vasto.

Povoa-nos o peito insonte ou gasto,
Entra-nos a alma docemente, a medo,
Sendo em geral, um crime tão nefasto
Que se confessa assim como um segredo...

Mas Laura, que cismática e calada,
Ainda nada dissera, interpelada
Sobre o magno assunto transcendente,

Respondeu com um sorriso feiticeiro:
Para mim todo amor é o amor primeiro,
Porque o primeiro amor é o amor presente!

DEFESA

O amor que se agasalha em peito feminino
Tem o poder da fé e a força do destino.

Negar-se que a mulher seja terna e constante,
É cometer-se enorme injustiça flagrante.

As Francesca e as Beatriz, As Virgínia e as Julieta,
Não são simples ficções de cérebro de poeta.

Da mulher se conquista o firme coração
A golpes de carinho e de dedicação.

O amor atrai o amor, o desprezo desdém,
Como, de modo igual, o bem atrai o bem.

Saio em defesa, pois, da mulher indefesa,
Da mulher que é o primor de toda a Natureza!

Sena Madureira, 17/9/1913.

DE PÉ

Perdoa, se não estou ajoelhado
E falo de pé, Laura, preciosa!
Vi o que há de mais belo em cravo e rosa
Nos cheirosos jardins por onde fui passando.

Vi meu caminho todo enluarado
E no celeste azul e luminoso,
A sombra de um anjo enciumado
A me sorrir co porte altivo e vigoroso!

Olha-me! Quero a luz marcante
Desses teus olhos, adorada amante.
Olha-me, Laura, assim bem fixamente.

Lança os teus olhos sobre os meus passos para eu ficar
Feliz, que logo após me purificar,
Eu volto a ser teu poeta, teu somente!

Acre, 1922

DESENGANADO

Foi em tardes de abril. Meu pensamento
Vagava acelerado, doidamente,
Pelas terras azuis do firmamento
Onde as nuvens corriam docemente.

Estando assim, nesse cismar tão forte,
Em céu, às vezes se põe um pobre amante,
Esperando contrito, pela morte,
Como nesse luar distante...

Meu coração, geralmente desaba,
Cessaria o sofrer a morte escura,
É consolo cruel, mas tudo acaba.

Não pode um jeito, qual hotel no oceano,
Permanecer assim, sem sepultura,
Sobre as ondas cruéis, terem desengano!

Recife, 02/1900.

DILEMA

Sinto, dentro em meu ser, duas contrárias vozes:
Uma é doce e gentil, cristalina e macia,
A outra é dura e profunda, é soturna e sombria,
Tem sibilos de vento e entonações ferozes.

Minh'alma se debate em tormentos atrozes:
Crente, escuta o que a voz carinhosa cicia...
Mas, protesta a outra voz... e à minh'alma crucia
A dúvida – o mais vil de todos os algozes.

Repara! Cola o ouvido a este velho arcabouço...
Cola ao meu coração teu ouvido, e procura
Estas vozes ouvir, que, claramente eu ouço!

Ouve! Uma te condena, enquanto a outra te exalta:
É pura, é pura, é pura, é pura, é pura, é pura!
É falsa, é falsa, é falsa, é falsa, é falsa, é falsa!

DO FUNDO DO ABISSMO

Um me diz, de invejoso: – Felizardo!
Amas, e igual amor se te oferece...
Ah! Se eu desta existência alguém tivesse
Que me ajudasse a carregar o fardo!

Diz-me outro: – É sorte! Há quanto tempo eu ar...
Eu choro, eu gemo e elevo a minha prece,
Sem que nunca jamais Ela entendesse
O afeto ardente que em meu peito eu guardo!

Mas, a ambos eu respondo: – Inexperientes!
Não sente amor, não está de amor ferido,
Quem só de glórias e prazer se jacta...

Calai as vossas bocas imprudentes!
Pois o amor, seja ou não correspondido,
É um mal que delicia e um bem que mata.

DO GOZO!

Vamos gozar o nosso amor, Laura,
Nesse leito de flores e de arminho.
É tempo para que a sussurrante brisa,
Já lá se foi em busca de carinho!

A juriti já solta os seus trinados
Batendo asas já errou de estrada,
Também se foi em busca de outras plagas,
A encantadora e alegre passarada!

Vamos, querida, não desprezes o amor;
Pois tu bem sabes que na terra andando,
Também amou o nosso Redentor!

Quero morrer de gozo, aos cem chegando,
Darão abrigo ao milagre do amor,
E, lá mesmo do céu, te ficará amando!

DOR CALADA

Nunca ouvirás de mim um só queixume,
Que te provoque um riso zombeteiro;
Sei sufocar os ecos do ciúme,
Pois tu não és o meu amor primeiro.

Como das flores o sutil perfume,
O afeto da mulher sempre é ligeiro;
Mas, a abraçar nesse estranho lume,
Hei consumido o meu viver inteiro.

Seja bonito ou feio, rico ou pobre,
Neste vasto planeta, que o sol cobre,
Ainda ninguém amou, que não sofresse...

Todo amante se julga um desgraçado;
No entanto, si eu me visse condenado
A existir sem amar, antes morresse!

DORMINDO

Era à margem de um córrego cantante...
No alto do céu azul, a lua-cheia;
E, nós dois assentados sobre a areia,
Me confessavas teu amor constante.

Era visão o quadro deslumbrante...
Eu sonhava... Porém, minh'alma alheia
À realidade, na ilusão da idéia,
Me transformava n'um feliz amante.

Mas, neste mundo, quem não tem ventura,
Quem nasceu desgraçado, até dormindo
Perde o bem que, acordado, em vão procura,

E, assim, mal esse sonho terminara,
Sonho impossível, mas tão doce e lindo,
Eu sonhei que era sonho o que eu sonhara!

DÚVIDAS

Acho tudo na vida duvidoso...
Duvido do que vi e tenho ouvido,
Da glória do saber, da dor, do gozo,
Mesmo do teu amor, Laura, duvido.

Duvido do que é feio e do que é formoso,
Duvido do leito e tenho lido,
E a duvidar, sem nunca ter repouso,
Em dúvidas cruéis ando perdido.

Confundo as ilusões com a realidade,
E o presente e o passado comparado,
Vejo a igualdade na desigualdade...

Duvido da mentira, quando minto,
E todas as coisas duvidando
Duvido até das dúvidas que sinto!

ELOGIO DA SOLIDÃO³

Aqui, nesta erma e grata solidão,
Vem descansar, em paz, meu coração.

É bom viver assim, longe do mundo,
Encastelado num desdém profundo.

Cortando o vôo altivo ao pensamento,
Como um frade, nas grades do convento,

Com um pouco de egoísmo e de avareza,
Tão propícios à humana natureza,

Contra mim mesmo os próprios olhos volto
E, dos delitos meus, me julgo e absolvo.

Beijos semeado em bocas tão formosas,
Colhi somente eupórbias venenosas.

Protesto de firmeza, olhar luzente,
Blandiciosas carícias, tudo mente!

³ Foi publicado no jornal *Alto Purus*, de Sena Madureira, em 1917, com o título de *In Pace*, conforme pesquisa de Pereira & Albuquerque (2004).

A alma enfeitando de ilusões e flores,
Quis conhecer o Amor e seus favores...

Daí me veio este meu mal sem cura,
Porque só vi pesar, tédio, amargura.

Hoje, morre-me à boca o riso franco
E o peito às expansões mais ternas tranco.

Atestando os desgostos e os trabalhos,
Os meus cabelos tornam grisalhos...

Já estou na idade de pensar, querida,
No problema econômico da vida.

Em ti é natural que prevaleça
Ainda o coração sobre a cabeça;

És mulher; e a mulher, em toda idade,
Tem grandes doses de infantilidade.

Enfim, Deus te conserve idealista
E te livre da seita sufragista!

Quero a mulher feliz, dominadora,
Não como deputada ou senadora,

Minto! Terei coragem para amar-te
De qualquer forma, sempre e em toda parte!

Contudo, ó Laura, decretamos um
Modus-vivendi, para o bem comum;

Tu ficas onde estás e eu fico aqui,
Daí pensas em mim e eu penso em ti,

Para que o ciúme nunca mais, mais nunca,
Venha cravar-me a sua garra adunca!

Grave-se, embora, como uma ária flébil,
Esta saudade na minh'alma débil!

Das regiões ideais, a que te libras,
Tentas tocar-me as mais sensíveis fibras;

Mas, eu, que não ascendo aos altos cumes,
A “ouvir estrelas” e a “beber perfumes”,

Quero, em paz, descansar meu coração,
Aqui, nesta erma e grata solidão!

ELOGIO DA VELHICE

A minha musa tão brejeira e álcacre,
Que me acompanha neste exílio do Acre,

Cheia de unção e cheia de meiguice,
Hoje te canta, ó cândida Velhice!

Matutino crepúsculo da vida,
Ó Juventude! És sempre dolorida.

A serpente do Amor, em seus amplexos,
Enlaça, engana e tiraniza os sexos.

Mas tu, Velhice, és tão serena e casta,
Que o tempo, apenas, te consome e gasta.

A cavalheiro das paixões mundanas,
Das intrigas e as cóleras humanas,

Rezas, contrita, as tuas orações
Na igreja de ouro das recordações...

Desprezado ambições, poder, vaidade,
Somos, enfim, felizes nessa idade.

Sentimos a alma docemente presa
Nos grilhões de santíssima pureza.

A avozinha que embala, com carinho,
No berço azul, o seu gentil netinho,

Quer cante ou ria, ou se debilhe em pranto,
Tem qualquer coisa de sublime e santo.

Dentro em minh'alma satisfeita, brilha
A glória de ser pai de minha filha.

És meu tesouro, és preciosa gema,
És, com certeza, o meu melhor poema,

Filha do livre amor independente,
Poderoso, sincero, heroico, ardente,

Sem escritura e cerimônias graves,
Cheio de encanto e de alegrias suaves!

De lindos sonhos povoarás, por certo,
A minha senectude, que vem perto.

Pois, felizmente, esta fatal ladeira
Da vida, desço em célere carreira.

Hoje, a maior das minhas alegrias
É ver que fogem, rápidos, os dias.

Passo semanas que não vou ao espelho...
Descuido próprio de quem fica velho!

Velhice! Vem, com teus prazeres francos,
Cobrir-me a fronte de cabelos brancos.

Que me faça esquecer tua virtude
Os delitos sensuais da juventude.

Dá que eu te goze os simples afetos,
Rodeado dos meus netos e bisnetos!

ELOGIO DE LAURA

Quase em meio da minha inútil existência,
Perdida a fé n'um Deus, ou n'uma ciência,

Tenho, a me iluminar, entre parcéis e abrolhos,
O divino clarão dos teus formosos olhos,

Leve o diabo o rapaz, (se é que o diabo ainda o quer)
Que não possui, na Terra, o amor de uma mulher!

Tudo que o coração me pede e a alma me ordena,
Eu costumo fazer, valha ou não valha a pena.

É por isso que eu te amo, ó Laura cobiçada,
Sem procurar saber se vales tudo, ou nada.

E assim, meço e aquilato o teu alto valor,
Na mesma proporção do meu imenso amor,

E adora, por igual, tanto a tua bondade
Como as farpas sutil da tua crueldade.

Porque em tudo és sincera, és franca, és corajosa,
E, embora espinhos tendo, és uma linda rosa.

Um dia, por querer o teu gesto olvidar,
Foi o meu coração no lodo conspurcar...

Fiz como aquele louco e pálido Roger,
Que tentou, mas em vão, a Fanny esquecer,

Mas, na orgia, no jogo, e mesmo na embriaguez,
Não te pude esquecer uma única vez!

Nos dados, no baralho, ou no copo de vinho.
Tu me estavas a olhar, com um sorriso escarninho.

E, as mulheres prendendo em demorado amplexo.
Era muda a minh'alma e era frio o meu sexo!

... ..
... ..

Portanto, aqui me tens, como os molossos fieis,
A te pedir perdão e a te beijar os pés!

ELOGIO DE RUY BARBOSA

Musa! Dá ao meu plectro a doçura, a pureza,
Quero elevar-me além da humana natureza.

Quero as cordas pulsando a minha lira rude,
Render meu peito ao gênio e exaltar a virtude.

Pobre e adorada pátria, abençoada nação,
Rasga indivisível dor teu vasto coração.

Sacerdote da lei, rezaste a melhor missa
O cantor do direito e o poeta da justiça!

Essa missa transpondo os brasílicos mares,
Tu foste celebrar, também, noutros altares.

E o estrangeiro te olhou, a princípio, com pasmo,
Para, depois, citar teu nome com entusiasmo.

Só com a palavra augusta e o teu sublime exemplo,
Novo Jesus, baniste os vendilhões do templo.

Eras a claridade a afugentar as trevas,
Da mentira vencendo as fementidas levas

Em meio à multidão dos mais conspícuos sábios,
A verdade e a razão brotaram dos teus lábios.

E quando velho já, aureolado de cãs,
Profanaram-te a glória as intrigas malsãs.

Era lindo de ver como o teu verbo culto
Sabia dirimir e desprezar o insulto.

Foste como uma estrela altaneira, isolada,
Guiando o nosso Brasil à ventura sonhada.

Ninguém logrou manchar o teu manto inconsútil,
Num meio em que se apoda o sábio e abraça o fútil.

Mas, a época virá em que o Brasil te sagre,
Homem prodígio, homem-exceção, homem-milage!

A pátria há-de, afinal, ser-te mãe justiceira,
Conselheiro da pátria, alma da pátria inteira!

O tempo, que é um fator de justiça e de calma,
Há-de valorizar o espólio de tua alma.

Como herói que tu foste, é certa a tua glória:
Terás, enfim, justiça – a justiça da História.

ELOGIO DO AMOR LIVRE⁴

Beati qui lugent.

Choramos, longo tempo, separados;
Por isso, agora, fomos consolados.

Adoramos as flores e a poesia...
É do amor que nos vem tanta alegria.

Quando se traz o coração repleto
Dum grande, nobre, alevantado afeto,

Então nos aparece, soberana,
A parte sã da natureza humana.

Ascendamos, embora, altos calvários,
Somos felizes, crentes, milionários.

De sensível e fraco é minha fama,
Pois não sei como vive quem não ama.

Porque assim és também, querida amiga,
Os nossos corações fizeram liga.

Por mais original que isto pareça,
O coração governa-me a cabeça.

Tu não serás mais forte! Certamente,
Dá-se contigo o mesmo, exatamente.

Desde que colhi o delicioso favo
Dos teus lábios, tornei-me logo escravo;

E, soando para mim a hora exícia,
Venha de ti a última carícia!

⁴ Optamos por este título que consta no livro *Acreanas* (1922), no entanto, há registro do mesmo poema com o título de *Amor livre* no jornal senamadureirense *Alto Purús*, em 1913, conforme documentação de Pereira e Albuquerque (2004).

Que somos loucos, nós reconhecemos;
No entanto, esta loucura bendizemos.

De fato, em que consiste o prejuízo
Dessa apregoada falta de juízo?!

Respeitamos as leis da sociedade,
Não vem de nós a mínima maldade...

Livres como a ave, que os espaços fende
A própria liberdade é que nos prende.

Não procuro saber quantos amaste,
Nem quantas eu amei tu indagaste.

Que falta faz de laranjeira a palma
A quem conserva a virgindade d'alma?

Sempre se encontram corações de pedra...
E é na desdita que a virtude medra.

Só nos cumpre saber é que, atualmente,
Nós nos amamos deliciosamente...

Sobre o passado, cerre-se a cortina;
Viva o amor, que nos une e nos domina!

Concedam-nos matar nossos desejos,
E trocar livremente os nossos beijos,

Enquanto vivos, n'uma mesma alcova,
Depois de mortos, n'uma mesma cova,

Deixem-nos, sim esta ilusão de poeta,
E fiquem com o restante do planeta!

EM 12 HORAS

No breve espaço de um dia,
Quanta coisa sucedeu!
Eu, – quem tal suspeitaria?
Fui teu, deixei de ser teu.

Do sol ao primeiro raio,
Tive o primeiro desejo...
Naquela manhã de Maio,
Dei-te o meu primeiro beijo

Mas quando, tristonha e calma,
Veio à lua o sol depor,
Encontrou posto em minh'alma

O sol de tão louco amor.

No breve espaço de um dia,
Quanta coisa sucedeu!
Eu, – quem tal suspeitaria?
Fui teu, deixei de ser teu...

ERROS

Ridendo castigat mores.

Andamos todos, neste mundo, às tontas,
Pois tu, ventura, a muito pouco montas.

Rindo, profligarei da humanidade
Os seus erros, agrade ou desagrade.

Poderio, riqueza, glória, fama,
Sois pouco mais, ou menos, do que lama.

Pesar disso, entrechocam-se ambições
N'um combate de hienas e de leões.

A civilização, dizem, progride;
Mas, cada vez aumenta a feroz lide.

Há de ser sempre um sonho, um louco ideal,
Uma utopia, a paz universal.

Sempre se afastará da humana liça.
Envergonhada, a cândida Justiça.

Existe o forte e existe o fraco; logo,
Dirimem-se as questões a ferro e a fogo.

Assim, os homens vão, de vez em quando,
Do tempo de selvagens se lembrando,

E a moral do sublime cristianismo
Sacrificando, em honra do atavismo.

Legisle a sociedade, sonde, estude,
Por fim, confunde o vício com a virtude.

Sim! Pautamos a vida pela norma
Em que a substancia é menos do que a forma.

Para a satisfação de preconceitos,
Erramos nas razões e nos conceitos;

E, por falsos respeitos, nós mentimos
E ocultamos aquilo que sentimos.

Sempre será um tenebroso arcano
O incontentável coração humano.

De que te serve conquistar, subir?
Melhor é desejar do que possuir.

Não raro, o que parece a nós propício
É o florido carel de um precipício.

A idéia de amanhã não te persiga.
Se antes a cigarra, que a formiga.

Pois sente menos da desdita as garras
Quem só vive a cantar, como as cigarras.

Sofres? Vejo-te os olhos rasos d'água...
Tira a consolação da própria mágoa!

Ris? Aproveita esse fugaz prazer...
Prepara o coração para sofrer!

Só quero, pois, que um bem me seja dado:
É, livremente, amar e ser amado.

Tudo o mais que a alma humana exalta e agita,
Não vale um beijo de mulher bonita.

Pois tu, Amor, aos teus fiéis servidores
Abres um paraíso de esplendores.

Só tu, reinando, a Terra mudarias
Num céu de incomparáveis alegrias.

És sempre bolo e nobre, embora surjas
Do meio de infectíssimas alfurjas.

Feres; mas, das feridas dolorosas,
Fazes brotar mil perolas e rosas.

Vences; mas, do vencido fazes rei

Glorioso por dobra-se á tua lei.

... ..
... ..

Tu, minha doce amante estremecida.
Que és o único porquê de minha vida,

E, com tuas carícias perfumadas,
Me encheste as noites de ilusões douradas,

Tu, que apesar dos dias e as distâncias,
És desejada com ferventes anciãs,

Abate os invejosos com o desprezo
E preza-te de amar, como eu me prezo!

EU SÓ!

Quisera que uma língua tu falasse
Que eu só e mais ninguém, a compreendesse!
E que toda palavra que eu dissesse,
Só tu e ninguém mais a interpretasse!

Que em nossa linguagem só houvesse,
O doce verbo amar que, unindo as faces,
A minha à tua, só tu conjugasses,
Como se a Deus erguesses uma prece!

Que tu fosses maior do que tens sido...
E aperfeiçoasses tua perfeição,
E eu fosse, **Laura**, ainda mais diminuído!

Que, de amor e bondade bem ungida,
Rindo, me conduzisses pela mão...
Assim darias vida à minha vida!

FADO DO CEARÁ-MIRIM

Sofro demais, se estou longe
Do Ceará-Mirim querido,
Do meu berço sem igual.
Pareço tristonho monge
Numa cela encarcerado,
Esquecido e abandonado.

Viver lá é ser cigarra,
É passar a noite em farra,
No poker se divertir...
Beber uísque e água de coco
E deixar que o tempo louco
Vá fugindo a bem fugir.

No circo, se Dona Dina
Aparece tão divina
No trapézio a trabalhar,
Sinto no peito uma chama.
Infeliz de quem não ama
E lá não pode morar.

Na igreja, o terço de maio
A alma me traz num desmaio
De tantas belezas ver...
Não sei como escolher:
Se as santas que estão nos nichos
Ou a mulher em seus caprichos.

FALAM DE NÓS

Falam de nós como se fosse ofensa
Ao Criador ou à sábia Natureza!
Andamos a cumprir esta sentença:
Amamo-nos, os dois, com tal clareza!

Amamo-nos com brilhos e riqueza
E julgam que nenhum de nós dois pensa!
E dizem muitos com tristeza imensa:
Quem pensa assim é louco, com certeza!

O nosso amor é um rico patrimônio...
Por ele, desprezamos atitudes
E zombamos até do matrimônio...

Mas tu sabes que, embora fosses fera,
Para mim tinhas todas as virtudes...
É assim o amor que em meu peito impera!

Acre, 1928

FASCINAÇÃO

(À Laura)

És para o mundo a pérfida, a perdida,
Degradada no vício e no pecado.
Para mim és um anjo, imaculado,
Que eu nunca deixei de amar na vida!

Para os outros a esfinge incompreendida
De lábios mudos e de olhar gelado.
Para mim és mistério decifrado
Pela minha paixão esclarecida!

Maltratas-me, atraíças-me, espedaças
O coração que é teu com tal extremo...
Mas... não posso viver sem tuas graças!

Perdôo todo o mal que me fizeres,
Pois, tudo se reduz ao bem supremo
De te amar sobre todas as mulheres.

Ceará-Mirin, 1920

FILOSOFIA

A vida, meu caro, é uma pilhéria
De mau gosto e de péssimo desfecho;
Só quem é tolo a considera séria,
E por isso, eu não choro nem me queixo.

Vivendo na abundância, ou na miséria,
Repleto de virtude ou de desleixo,
Somos sempre uns escravos da matéria
Sobre a terra, que gira no seu eixo.

Tudo não vale nada e nada é tudo...
Devemos todos compreender que o mundo
Nada mais é que palhaça e entrudo

Pilheriemos, portanto, a vida inteira...
Penso, como filósofo profundo,
Que quem não faz assim, faz grande asneira.

FINALIDADE

Não me dirás, meu caro, o que é que ganhas
Em trabalhar assim, desde a alvorada,
– Larga frente de suores inundada –
Até que o sol se oculte entre as montanhas?

A vida pode ser simbolizada
Pelo exemplo das moscas e as aranhas;
Ciências, amores, glórias e façanhas,
Tudo termina em nada, nada e nada.

O gato come o rato; o lobo a ovelha;
Pelo micróbio mínimo e perverso
O homem, que tudo come, é consumido...

Nisso o grande ao pequeno se assemelha...
E o destino de todos, no Universo,
Resume-se em comer e ser comido!

FOLHA FELIZ

(À Áurea, para a abertura do seu precioso álbum de recordações)

Feliz de ti que tens, ó folha amena,
A sorte de abrigar essa divina
Alma de artista que vazou da pena,
O verso de ouro e a forma peregrina!

Borrifaram-me gotas de neblina
Numa manhã hibernal, doce e serena!
Invejaram as outras tua sina...
Folha que salva, folha que envenena!

Pesares, mágoas, infortúnio, tudo
Vejo mudar-se misteriosamente,
Em macias carícias de veludo...

Feliz de ti que em vez de mentirosas
Frases de efeito, cuidadosamente
Guardas um ramo de aromadas rosas.

Ceará-Mirin, 10/1926

FORTE AMOR II

Esse amor, que longe andava,
Ou de morto se fingia,
Maganão! Bem vivo estava,
Bem vivia!

No meu peito se escondera,
Presa de um breve torpor,
Apenas adormecera,
Forte amor!

Mas agora reaparece,
Cheio de vício e frescor,
E os membros desentorpece,
Forte amor!

E o olhar em redor lançando,
Se outro viu, logo, sem dó,
No esquecimento o abismando,
Ficou só!

FRACO AMOR I

Esse amor, que longe vai,
Que já não vive, não dói,
Qual breve gemido, ou um ai
Breve foi.

Não passou de uma esperança
Pálida e inodora flor –
Não deixou uma lembrança,
Fraco amor!

Da minh'alma a flor primeira,
Perdeu depressa o frescor,
Como a rosa na roseira...
Fraco amor!

Teve um momento de vida,
De fugaz vida e esplendor,
Para morrer em seguida,
Fraco amor!

Seu clarão era uma réstia,
Aparente o seu vigor;
Qual foi a sua moléstia?
Fraco amor!

Tratei-me com muito jeito,
Sem um descuido ou um rigor,
Já não o encontro em meu peito...
Fraco amor!

E até na morte acabou
Covarde, como nasceu:
Chorou, gemeu, soluçou...
E morreu!

INCONSOLADO

Amava o humilde, o tímido, o pequeno,
Como se lê nas santas Escrituras.
O Rabino de olhar meigo e sereno
Que reanimava o pó das sepulturas.

Aspergia delícias e ternuras,
As agonias transformava em pleno
Prazer, curando chagas e torturas,
Mudando a tempestade em céu ameno.

Mas, só aliviou físicas dores,
Governou elementos naturais,
Nunca salvando quem morreu de amores.

Seu coração foi liso mar sem fráguas,
E não tendo amarguras passionais,
Nada pôde fazer por minhas mágoas.

J E S U S

À minha irmã Madalena

Entre os golpes da dor e a vozeria
Do populacho torpe amotinado
Vê-se a figura pálida e sombria
Do doloroso Cristo ensangüentado!

Que a multidão cruel pragueje e ria...
Pouco lhe importa ao meigo condenado,
Entre as garras da tétrica agonia,
Oculta o olhar de lágrimas banhado!

E qual saudoso e pensativo amante,
Que, mudo e morbidamente se interna
Nos misteriosos êxtases do Amor!

De Cristo o lábio no supremo instante,
Um pensamento caridoso externa:
Perdão! Murmura, Perdoai, Senhor!

Nota: escrito na sexta feira da Paixão, em 1939, em Rio Branco/
Acre, oferecido à sua irmã e confidente Madalena Antunes.

LÁGRIMAS

Só, já acalmada a minha dor, eu penso
No que vos mudareis, gotas ardentes,
Caídas, de olhos falsos e inocentes,
Todas no linho alvíssimo d'um lenço...

No mais aterrador, no mais intenso
Da pena, vós sois bálsamos clementes...
Eu, ainda as mais cruéis, as mais pungentes
Mágoas do coração, chorando, venço!

Lagrimas! Vós, que sois tão poderosas,
Que tanto alívio dais ao meu tormento,
E afogais tantas anciãs dolorosas,

Que ireis, depois, compor ou decompor?
E tu, que serás tu neste momento,
Minha primeira lágrima de Amor?

LAURA

Falam de ti, de mim, de nós... Quem há-de
Tentar fechar as bocas viperinas?
Cada dia, mais cresce a intensidade
Do meu desprezo às almas pequeninas.

És a maior de todas as heroínas,
Com esse desdém e essa serenidade...
Que eu beije sempre as tuas mãos divinas,
Minha dor! Meu prazer! Minha saudade!

Façamos deste amor um relicário,
A pirâmide, o túmulo, o sacrário,
Onde a nossa paixão seja guardada!

Vivamos, Laura, assim por toda a vida!
E, embora nunca sejas a Possuída,
Para mim serás sempre a Desejada!

LAURA (A MAIS SÁBIA DAS MULHERES)

És estro e inspiração! Mel e veludo,
N'alma e no corpo me resumes tudo.
A essência das essências do que existe.

Tudo o que há de mais nobre e extraordinário,
O perdão de Jesus sobre o Calvário,
Tudo o que há de maior por sobre o mundo!

Contigo, tudo estudo e tudo aprendo,
Porque assim, tão modesta aparecendo,
A tua ciência tanto em mim influi
Que te julgo mais sábia do que Rui.

Sem pergaminhos, sem anéis, sem becas,
Vales, sozinha, mil bibliotecas.
E se nada inventaste, é que, avisada,
Sabes que a ciência, enfim, não vale nada!

Eu, pelo menos, acho tal poesia
Nos erros de sintaxe e ortografia,
Que, das cartas que, às vezes tu me escreves,

Sem nenhuma gramática, tão leves,
Coloco os erros todos sobre os lábios
E rio de filólogas e sábias!

As tuas mãos, como são macias,
Às vezes quentes e outras vezes frias
Quando apertando as minhas, tudo dizem
E mesmo, muitas coisas me predizem!

Como nem sabem ler dentro do crânio,
O pensamento mais extenso é escapulário!
Tens mãos de estadista ao empunhar com calma
As rédeas do governante de minha alma!

LAURA II

Encarnação da máxima bondade,
Imagem de candura e de beleza,
Fardou-te a perdulária Natureza
Exemplo de ternura e castidade.

No indizível horror desta saudade,
Em que minh'alma se debate, preza,
Fazes da própria mágoa, e de tristeza,
Um misto de tortura e suavidade.

Bendita seja, pois, mulher querida,
Que escreves e dispões de minha sina,
Como causa e razão de minha vida...

Realças na confecção de qualquer verso:
E, sendo assim tão fraca e tão franzina,
És a obra mais perfeita do Universo!

LÓGICA

Se amar é ser escravo e não altivo,
Alienar a vontade e o movimento,
Ter em céus e infernos, como vivo;

Se amar é bem mal tão exaustivo,
Que embota, fecha, cega o entendimento,
Se amar é padecer tal sofrimento,
Sem um remédio, sem um lenitivo,

Se amar é ver fugirem calma e sono,
Não saber explicar o que a alma sente,
Ambicionar aquilo que ambiciono,

Ter sempre alguém no coração presente,
Sentindo solidão, vácuo, abandono,
Então já sei que te amo ardentemente!

LOUCO AMOR III

Ficaste só. Mas, agora,
Mostraste mau e inclemente,
E ouves a voz tentadora
Da serpente.

Da serpente do ciúme
Que ao peito traz-me esta dor,
E enterra-lhe o fino gume,
Louco amor!

E ninguém me ouve o gemido.
Cheio de horror e ansiedade...
Antes tivesses morrido
De verdade!

MAIS NADA

Para possuir-te, ó bela flor sublime,
Não vacilei ante a perfídia e o dolo,
Para dormir no leito do teu colo,
Loucura cometi, que não se exprime.

Para acalmar esta anciã, que me oprime,
Só nos teus braços sei achar consolo...
Por ti, sem pejo nem temores, rolo
Pela ladeira aspérrima do crime.

Mas, Juvenal, e o teu orgulho de homem?
E as nobres ambições, que nos consomem,
A glória, a inteligência, o bem, o estudo?

Quanto a essas coisas, meu desdém profundo!
Mais nada me interessa neste mundo...
Só tu, querida, para mim, és tudo.

MAL DITOSO

Não sou como esses triviais amantes,
Que notam faltas na mulher amada;
És, para mim, tão pura e dedicada,
Como as que são mais castas e constantes.

Quanto mais juras, quanto mais garantes,
Mentindo sempre à jura formulada,
A minh'alma, a teus pés ajoelhada,
Julga um bem todo mal com que a quebrantes.

Por ti faria acerbos sacrifícios...
Acho adoráveis todos os teus vícios
E justíssima a tua iniquidade.

Faze de mim, se queres, um bandido!
Por teu amor é gloria haver perdido
Honras, brio, fortuna e probidade!

MEU CORAÇÃO

Meu coração é monstro multiforme,
É urze e girassol, pomba e serpente,
Ora, insone, no berço, ou chora ou dorme,
Ora mostra, a ranger, canino dente.

Quantas vezes, d'um nobre sentimento
Sente-se presa, em plácido abandono,
Mas, é pomba a serpente um só momento,
Enganando e mentindo ao próprio dono.
Vê se o seu jugo, ó meu amor, sacodes!
Foge de mim e odeia-me, se podes!

MEU DESEJO

Quisera ser um déspota, um tirano,
Sem coração, sem alma, sem piedade,
E cheio de ódio contra a humanidade
Satisfazer o meu furor insano!

Mandar Herodes degolar, (não se lê a palavra)
As crianças, num requinte de crueldade;
E, vendo um crime na maturidade,
Matar as mães...Que prodigioso plano.

Os Sócrates, Catões, Confúcius, Budas,
Mandaria enforcar sumariamente
E seria amicíssimo de Judas!

Quanto ao Cristo, esse deus imaginário,
Se ele voltasse ao mundo, fatalmente,
Teria de subir novo calvário!

Acre, 1922

MINHA FLOR!

Meu imortal amor! És a querida
Mulher que eu amarei por toda a vida!
E sempre desejada e possuída
E ardentemente, sempre amada!

Nas orgias de sonhos, eu, de um nada,
Tirava tudo! A minha alma ajoelhada,
Gigantesca se sente, engrandecida,
E com a força de amar reproduzida!

Algum dia (como isso me apavora!)
Meu coração há de marcar a hora
Em que falecerá o nosso amor?

Não, Laura! Porque o nosso amor é constante,
Viverá mais do que o judeu-errante
Minha cheirosa e envenenada flor!

MISTÉRIOS

Interrogues o Espaço, amplo e azulado,
E ambas as mãos, no vácuo, ergas e agites,
A noite geme... o mar freme, agitado...
Pouco importa que, assim, anseies e grites!

Lá vem a fresca aurora, alva e rosada,
Branqueando os montes, acordando os ninhos;
Cantas, tendo, no entanto, a alma magoada...
Sofrerão, por acaso, os passarinhos?

Porque entre espinhos linda rosa medra,
É eternamente inútil que perguntes;
E, quem sabe se a flor, ou a dura pedra,
Não sangra sob o pé dos transeuntes?

Ó sol! Lá vem gastar, prodigamente,
A sua luz, de mágico esplendor!
Todos os dias, invariavelmente,
Vem aclarar tanta miséria e dor!

És, como disse Antero de Quental,
Amarga ao coração, ó luz radiosa!
És hipócrita, pérfida e mortal,
Sempre perjura, sempre mentirosa!

E assim se encontra o vício entre a virtude,
O negro, o horrendo, junto ao bolo está...
O mistério sutil, por mais que o estude,
Por mais que o sinta, quem me explicará?

MULHER

*Original oferecido ao meu distinto
colega, Dr. Nembri de Brito*

Amo-te assim, tão pálida e alquebrada,
Pelas noites de insônia e de delírio;
E velo, ao lado teu, – funéreo círio,-
Até que o dia vença a madrugada...

Não estás nem vencida nem saciada...
Apenas, para o teu e o meu martírio,
És frágil como a pétala de um lírio,
E eu tenho uma alma ao corpo escravizada

Nunca ouvirás de minha boca o insulto,
Que te rebaixa ao nível das rameiras...
Voto-te um nobre e imperfectível culto!

Perante o meu amor, és pura e casta,
Se és falsa, escolho-te entre as verdadeiras;
És mulher... Para mim é quanto basta!

NÃO FINDA

Não finda o nosso amor... Não findaria
Nem que a terra o seu giro terminasse
E se o sol, pai da luz, não mais brilhasse,
Nem mesmo assim ele se acabaria!

Se ele morresse ressuscitaria
Com a mesma intensidade e a mesma face
Ou, se em mundos longínquos se ocultasse,
Em pouco tempo se descobriria.

Tu, dizes bem! Minh'alma é a residência
Desta paixão por te, que tens a ciência,
E as belas artes com que me cativas!

Vem logo! Não me faças esperar!
Vamos amar, amar, amar, amar...
Vem, irmã das perpétuas sempre – vivas!

NÃO MARQUES NUNCA

Não marques nunca a hora da entrevista!
Isso de estar sujeito ao tempo inculto
E dele tendo medo, amar à vista,
Para mim é mais grave que um insulto!

Vê, Laura, a formosura do meu culto:
Adoto tudo que te alegra, ou entristeça
E seja engano, ou não, vendo o teu vulto,
Peço que o nosso amor não feneça!

O meu amor por ti, Laura, não morre!
Serenamente ele deflue, escorre,
E é sempre o amor que amas e que amarás!

Estou, agora, tão comprometido,
E a teus aromas deveras submetido,
Que, em hora marcada, tu não me verás!

Acre, 1922

NÃO MINTAS

Não mintas! Se algum dia me enganares,
Por capricho ou vaidade feminina,
Ou, de outra forma, ao meu amor faltares,
Por isso, não serás menos divina.

Quantas estão no nicho, sobre altares,
Antes os quais tanta gente o joelho inclina,
Que tiveram amores aos milhares
E que santas o povo denomina!

Teu crente eu sou também! Quero adorar-te
Na superioridade de minha este
Do que só tu na terra és merecedora!

Não mintas, pois, jamais, Laura querida,
Por teu orgulho acima até da vida...
Sê sempre ativa, embora pecadora!

NÃO OLHES

(À Laura)

Não olhes para os astros do infinito!
Eu, por olhar o sol e olhar a lua,
Fiquei, depois, fitando a imagem tua
Como escravo humilíssimo contrito!

Não soltei uma queixa, nem um grito,
Nunca! A vagar na vida pela rua,
Ainda hoje o teu sorriso continua
A consolar meu coração aflito!

Só os poetas são dons do Universo...
E, num simples soneto, ou num simples verso,
Tudo aquilo que sentem vão mostrando!

Se eu tivesse cem milhões de vidas,
Por milhões e milhões reproduzidas,
Laura, continuarias me matando?

Acre, 1939

NÃO OUÇAS

Não ouças, Laura, o que dizem. Tranca os ouvidos
Que eu hei de te explicar pessoalmente
Que o poeta que em verso te fala, a estranhos mente,
Mas não mente jamais aos teus olhos tão queridos.

Não te minto! Aos teus olhos obedientes
Cumprirei mais ordens ou pedidos...
Pedidos e ordens, tão bem acolhidos,
Como se recebesse altos presentes!

Acre, 1940

NÃO RIAS

Não rias nunca desses infelizes,
Não zombes nunca desses desgraçados!
Se vivemos aos beijos abraçados,
Eles, no amor, jamais serão felizes!

Se és venturosa, Laura, como dizes,
Não rias desses pobres condenados
Desses tristes amantes desprezados,
Cobertos de indeléveis cicatrizes!

Não rias dos que são sempre traídos
E a vida passam na ansiedade louca
De serem no amor correspondidos!

O mundo só teria perfeição
Se um pão houvesse para cada boca
E um amor para cada coração!

NÃO TE ABANDONAREI...
Não te abandonarei, Laura me disse,
Com o colo por mil lágrimas banhado...
Tu me julgas capaz de uma doidice?
Nunca serás por mim, Abandonado!

Se eu te dei todo o amor, toda a meiguice,
Para alguém que melhor...me retribuísse,
Meu coração por isso é condenado?

Pois seja ele esse tristíssimo suicida!
Vou sobre ele lançar, por despedida,
De úmida terra a derradeira pá.

Teu coração que assim tornei tão forte,
Que ri de tudo, rindo até da morte,
Por mim batendo sobreviverá!

NO CAMPO

Aqui, em paz, gozamos
Dias de sol e noites de luar.
Muito mais nos amamos.
Tem mais forças de amar
A alma que sorve o aroma da floresta
E ouve o canto das aves...
O amor entra a alma em festa
E toca em novas claves...

Tu, ó Laura, estás livre do espartilho,
E eu liberto da incômoda gravata,
Tens no olhar um novo brilho,
Riso mais franco o lábio teu desata.
Pareces mais nutrida,
Muito mais gordo estou,
Teu histerismo, ou coisa parecida.
Bateu as asas, voou...
És bem capaz de não me achares feio
E eu te acho, simplesmente,
Como, aliás, toda gente,
A mais bela de todas as mulheres,
E, sobretudo, agora,
Que é o que eu quero e tu queres,
Triunfando a num dia, ou uma hora,
Nos enche o peito esta ideal ventura,
Pois que, num dia, ou uma hora,
A Natureza, medica, nos cura,
Com misteriosa mão,
O corpo e o coração!

NO CÉU

Quando eu me for deste desgraçado Globo,
Transpondo a imensa e luminosa esfera,
Quero achar-te no céu, em doce arroubo,
Carinhosa e feliz, à minha espera.

Se cordeiro não sou, nunca fui lobo,
Somente o Amor dentro em minh'alma impera.
Nunca matei,e, se roubei, meu roubo
Foi o teu coração, que meu não era.

Mereço, pois, o prêmio cobiçado
De, em troca do que tenho aqui sofrido,
Gozar a eterna glória e a eterna paz...

Salvo se Deus julgar mortal pecado
Ter eu milhões de vezes te mentindo
E ter vontade de mentir-te mais!

NO TRIBUNAL

Como se chama o réu? Chamo-me Amor.
De idade, que anos tem? Não conto idade.
Onde mora? No campo e na cidade.
A sua profissão? Sou trovador.

Nasceu...? não tenho naturalidade.
Sabe ler e escrever? Como um doutor.
Sabe o réu porque veio aqui depor?
Por um crime de bárbara crueldade.

Conhece aquela seta e aquela aljava?
São minhas, tanto a aljava, como a seta.
Confessa o crime hediondo? Não nego.

Teve cúmplices? Só com ciúme andava.
O réu feriu um coração poeta...
Em defesa, o que alega? Que sou cego!

O ACRE

Terra gigânteia e nova, opulenta e feraz,
Que a miséria e ambição povoaram de repente,
Como virgem pudica, amorosa e inocente,
Entregaste o teu seio ao nordestino audaz.

Aqui corria outrora, em imensas caudais,
O rio do dinheiro, em tumultuosa enchente;
E era belo de ver como esta heróica gente
Disputava o bastão de quem gastava mais.

Das espigas, porém, como no Egito, plenas,
O septênio passou; e, hoje, num triste drama,
Vemos, representando o seu papel, apenas,

Seringueiros, que a fome encova as faces lívidas,
A borracha a dois mil e pouco o Kilograma,
Bacharéis sem questões e coronéis com dívidas!

O CARREIRO

Brincam juntos, mo terreiro
Do engenho, faz mais de um' hora
Joaquim, filho de um carreiro,
Com a filha de D. Aurora.

Alice já fez seis anos,
Completoou nove o Joaquim;
Só nessa quadra de enganos
Existe igualdade assim!

Marido e mulher se chamam,
Comem na mesma tigela...
Para prova de que se amam,
Nada deixam dentro dela.

Faz de carreiro o menino
E vai buscar a boiada;
Tem Alice outro destino:
Fazer renda de almofada.

Lá vem o carro cantando,
Puxado por quatro bois...
E o carreiro, praguejando,
Fala a um, a outro depois.

Feliz inocência a tua,
Filho de um pobre carreiro!
Pensas que és dono da LUA,
E brincas o dia inteiro!

Homem, suarás com um mouro,
E não serás livre um' hora...
Nem hás de ter mais namoro
Com a filha de D. Aurora!

O DIREITO DE AMAR

Guarda, esconde estes versos no teu seio!
Talvez, um dia, lendo-os novamente,
Teu coração, ao meu amor alheio,
Creia, afinal, no que minh'alma sente.

Sei que te sou de todo indiferente...
Mas, se o meu coração está tão cheio
De ti, serei, por isso, um delinqüente,
Se até nem sei de onde este amor me veio?

Sê feliz! Seguirei o meu destino...
Conheço, enfim, meu grande desatino
De possível julgar este impossível...

Mas, o direito de te amar, suponho,
Ninguém me roubará... De amor um sonho,
Não foi, não é, nunca será punível!

Rio Branco, 4/11/1929.

O MEU MISTÉRIO

Laura, depois de ouvir as minhas queixas,
Estavas iluminada e luminosa!
Nas faces de uma suplicada rosa...
Poeta, quero dormir, tu não me deixas!

Não deixo! És muito mentirosa!
Queres mais um soneto? Não te mexas,
Alisa, minha Laura, essas madeixas.
Assim... Ficastes agora mais formosa!

Ora! Não sabes em que estou pensando...
A vida, disse Laura, me abraçando,
Não pode ser por mim, levada a sério!

Sou a mulher, meu Poeta, que seduzes...
Mas, não entendes nunca, nem traduzes,
Porque eu devo ser o teu mistério!

OBSESSÃO

Meu casto e doce amor tão peregrino,
Que não chegaste à glória do pecado,
Serás por mim querido e abençoado,
Porque és um bem suavíssimo e divino.

Escreveste, num dia, o meu destino,
Que é sempre idolatrar-te, ajoelhado,
Apesar de viver desesperado,
Sedento e miserável beduíno

No deserto da vida, a que me lanço,
És os oásis que eu sei que não alcanço,
Mas te busco, esperança fementida!

E assim como Jacó, sempre a buscar-te,
Lamento apenas que, para alcançar-te,
Seja tão curta a duração da vida.

OUTRORA

O “exilado sentimental”

Para os beijos de outrora, não me chamas,
Nem teus braços me chamam como outrora...
Chamo-te em vão! Não vens! Já não me amas...
Amas a outro, talvez que a alma te implora!

Que vale um poeta que se queixa e que chora,
Por quem nem uma lágrima derramas?
E quem se desengana de hora em hora,
Sem decifrar, indecifráveis tramas?

Laura, hoje eu sou um mísero exilado
Que, para alheias terras exportado,
Há de morrer em breve de saudade!

Mas, se a vida no espaço continua,
De lá, do quente sol ou da fria lua,
Eu te amarei com a mesma intensidade!

Acre, 1940

PASSAS POR MIM

Passas por mim tão orgulhosa... Nada
Sou no teu coração? Pois eu queria
Ser ao menos a humílima calçada
Que tu pisas, com força, todo dia!

Mas, não me queres mal... Que se diria
Se tu fosses tão frias e tão malvada
Que, desprezando a minha idolatria,
Transformasses-me em folha bem rasgada?

Não! Tu és mais mulher do que pareces...
Sabes amar e sabes fazer preces
Pela felicidade de quem te ama!

Porque é, enfim, meu sonho verdadeiro,
És meu amor primeiro e derradeiro
E, da minh'alma, Laura, a última chama!

Acre, 03/05/1940

PERDOA!

Perdoa inda uma vez esta franqueza
Minha sede de beijos, minha fome,
Este anseio de amar que me consome,
Pois não sei dominar a natureza.

Perdoa, porque eu juro por teu nome,
Pela tua magnética beleza,
Que a minha vida a ti vive tão presa,
Que não há quem de ti me aparte ou tome.

O amor que às outras eu concedo, juro,
É o passageiro amor, o amor impuro,
Que a mais leve dos sopros esboroa.

Meu coração é teu por toda a vida...
Tu somente, só tu serás querida!
Dá-me um beijo dos teus, Laura, e... perdoa!

PIFÃO

Serei teu Tasso, Laura! E, fosses
Embora menos bela que Beatriz,
Eu, recebendo esses teus beijos doces,
Convencia-me, até, que era feliz!

Ora! Eu digo o que muita gente diz:
Adoro-te, sou teu! Esses teus concos
Que, achados, são não de perdiz,
São beijos de vestais, não dos alcances.

Assim, bebendo rum, whisky, cachaça,
O poeta profanava a própria graça
E da mulher, que amava, se esquecia...

Mas, chega Laura, o poeta fica mudo.
Laura, a garrafa olhando e o conteúdo,
Disse: **"Poeta, morreu tua poesia ?!"**

POBRE POETA

Zombei dos seres puros, mais minúsculos,
Exaltei até crimes, se maiúsculos,
Com uma falta de senso incorrigível...
Pobre Poeta, tão frágil, que dominas,
E quando queres, Laura, prendes e assassinas
Com o gesto altivo e a maldade incrível!

Acre, 1940

PRAGA INFERNAL

Reuniram-se três deuses vis do Averno.
Para perder-me. Disse o mais irado:
Façamo-lo imortal, pobre e aleijado,
Demos-lhe eterna vida e um mal eterno!

Disse o segundo: Demos-lhe um tão terno
Peito de pai que, ao ver o filho amado
Por um braço homicida apunhalado,
Sofra dor que comova ao próprio Inferno.

Mas, o último dos três, com voz estranha,
Cujo som abalou uma montanha,
A despedir do olhar sulfúreo lume,

Por mais encanecido e desumano
Na ciência de infligir tortura e dano,
Praguejou: Basta que ame e tenha ciúme!

QUADRO NATURAL

O quadro natural era formoso...
Morreu o sol, mas o luar macio,
Beijava a mata, mais além, o rio...
E, no alto, o Firmamento luminoso!

O luar, não calculas, é deleitoso...
É suave, brando, sem um arrepio,
Não inveja do sol o poderio...
Talvez o solo seja mais invejoso!

Mas, Laura, disse vendo que era pouca
A sua visão, o seu pensar inverso,
E notando-me a voz cansada e rouca:

Poeta! Vamos fazer o mais lindo verso!
Beija-me! Une esta boca à tua boca
E, não penses no resto da humanidade louca!

Acre, 1940

RESPOSTA

Não podes calcular o meu espanto,
Por ver – te, qual te vejo, a mim rendida;
Quase extinta visão, quase esquecida,
Origem do meu mal e do meu pranto!

Tua cartinha ando a reler: “garanto
Que agora te amarei por toda a vida”...
Perde a valia coisa oferecida,
Dizem, mas, tal não diz quem te ama tanto!

Meu torturante ideal abre – te os braços!
Que importa o que se deu se ainda te quero,
Se o teu olhar ainda me traz cativo?

Prendam – me o coração em doces laços.
Espera, crês? Eu também creio e espero,
Vives só para mim? Para ti vivo.

SALTIMBANCO

Fui um dia servir de saltimbanco,
E o circo estava cheio. Com um decote,
Que punha à descoberta o seio branco,
Laura estava a me olhar, num camarote.

Saltei escandaloso riso franco
E em seguida fingi guerreiro forte...
Comi espadas, engoli tamanco,
Jurei devorar a própria morte!

A platéia gritava, gargalhando,
Meu olhar, com o de **Laura**, se cruzou
E vi os olhos seus lacrimejando...

Porque **Laura** não ria, só chorava?
Laura, depois que os olhos enxugou,
Assim me respondeu: **porque te amava!**

SAUDAÇÃO A MISS RIO BRANCO

Em nome da Folha do Acre

Miss! Só mesmo assim, em nobre verso,
Que é a música mais bela do Universo,

Devo erguer minha voz para saudar-vos
De rimas brilhantes coroar-vos!

A vossa glória é a glória mais perfeita...
Essa excelsa conquista não é feita

Com os gemidos e o sangue das batalhas,
Ao rouco som das bombas e metralhas,

Ela vos vem da própria Natureza,
Que vos dotou de esplêndida beleza!

Representais a nossa Pátria rica,
Onde tudo o que é belo frutifica,

Sois a terra de tantos esplendores,
Ninho augusto de sábios e cantores,

Sois do próprio Brasil a imensidade,
Banhada pelo sol da Liberdade!

Se feris com o punhal de vossos olhos,
Onde outros olhos acharão escolhos,

Se condenais ou absolveis com um riso,
Que pode ser inferno, ou paraíso,

Sois um suave poder, um terno jugo,
E, como o próprio Amor, doce verdugo.

Que do tempo inconsciente a brisa impura
Nunca macule a vossa formosura!

Que vós, qual a perpétua e a sempre-viva,
Na vossa mocidade sempre ativa,

De ser formosa não deixeis jamais,
E nunca, Miss, nunca envelheçais!

E que, tão linda assim, sempre se esconde
O vosso coração em tal virtude,

Que mereçais na vida, em toda idade,
Somente beijos de felicidade!

Aceitai, pois, o preito deste dia,
E, dum pobre poeta, esta poesia!

Rio Branco, 15/11/1929.

SAUDADE

Essa saudade que jamais se farta,
De corroer-me a alma dolorida,
Faz-me temer que o coração se parta,
Aniquilando-me tão pesada vida!

E assim, vou folheando o livro triste,
Do nosso amor já transformado em pranto,
Hoje que dos meus olhos tu fugiste,
Envolvendo-te de morte o negro manto.

Até que, dessa saudade as dores,
Libertem-me de vez dos amargores
Dessa maldita e insuportável vida.

Porque, as nossas almas se juntando,
(Dessa matéria vil se libertando)
Eternamente se amarão, querida.

Recife, 05/05/1900

SEM TÍTULO – DÍSTICOS FRAGMENTADOS

(...)

.....
.....
Ninguém pode matar o nosso amor,
O resto é bagatela sem valor.

Na vida o mais acerbo padecer
É querer esquecer e não poder.

É ter no coração vivo, latente,
A dor que só nos dá ocultamente.

Tanto somos mendigos na riqueza,
Como somos milionários na pobreza.

Se eu pudesse, te punha num altar,
Para humilde e contrito te adorar!

Colocarei à tua frente feiticeira,
A coroa de flor de laranjeira.

E sem seres de Maria, de ano em ano
Eu te rezava o terço mariano.

E as minhas mágoas, todas curarias
E milagres maiores tu farias.

És como o sol, fulgores espalhando
E eu, como helianto, sempre te fitando!

Corpo aromal, alma sem par, culminas
As perfeições humanas e divinas!

E és, sendo assim, tão grande, tão pequena,
És bogarí, angélica, verbena!

És ilusão, és fantasia, és sonho,
És tudo o que é alegre e o que é tristonho.

És gargalhada franca de alegria
E amargor do soluço de agonia,

És tudo o mais que eu te dizer não posso,
Monumento, pirâmide, colosso!

És tudo o que há de rude e o que há de forte,
Ventania, tufão, castigo, morte!

És espada, tortura, inquisição,
Ameaça, injúria, rapto e maldição.

És um segredo a que ninguém atinge.
És arcano insondável, és esfinge.

E, ao mesmo tempo, és bálsamo, és piedade,
És benção, redenção, amor, saudade!

És o maior da química, milagre.
Sendo o teu amorzinho, vinagre!

Tens um sabor tão doce para mim,
Que parece dulcíssimo alfinim!

És inquieto que a um sopro te vergava,
O orgulho vegetal da ilha de Java!

Lá, na mata amazônica serias,
As seringueiras viridas, esguias.

Prenhes da seiva fáctea, exuberantes
Desafiando a ambição dos traficantes.

E a despeito de tudo, és todas as favas,
E o teu cheiro é melhor do que o dos cravos!

SEM TÍTULO II

Talvez tenhas razão... também suponho
Meditando no nosso encantamento,
Que tudo neste mundo é simples sonho,
Que tudo passa, como o vento.

Esta felicidade de momento,
Este ambiente de calma e céu risonho,
Vem dar-me sempre a idéia, que afugento,
De outro cenário, trágico e medonho.

Preparemos o espírito, querida,
Para o mudar desta feliz bonança
Na escura, na terrível tempestade...

Foi sempre assim, e assim será na vida:
Quimeras, ilusões, sonho, esperança,
Desenganos cruéis e realidade!

SE O MAR SECASSE...

Se o mar secasse e um monte de asas tivesse,
Mesmo assim nosso amor continuaria!
Tornando-se mais puro, dia a dia,
Sem necessário ser que se escondesse!

Falava alto, feliz, cantava e ria,
Sem que uma triste lágrima vertesse!
Se à nossa volta, tudo percesse,
Não sofrerias e eu não sofreria!

Ficáramos nós...e o nosso amor,
Sem sobressaltos, sem nenhuma dor,
Num leito de prazeres infindáveis!

E quando o sol nascesse, após a aurora,
Eu dos teus braços não iria embora...
Como os poetas têm sonhos inefáveis!

SIM OU NÃO

Sem essas frases tão frias,
Fosse tudo – sim ou não,
Muito menos sofreria,
Coração!

Aquela boca formosa
Sente o que está a dizer?
Responde a alma, duvidosa:
Pode ser...

Diz o roceiro, cismando:
Esta noite choverá?
E a mulher, o céu olhando:
Eu sei cá?

Esta dor, que estou sentindo,
Terá depressa o seu fim?
Acode o doutor, sorrindo:
Talvez sim...

Dos anjos vive no bando
Meu filhinho, que morreu...
Logo um descrente, zombando:
Se houver céu!

Ah! Ingrata, se adivinho
A tua infame traição!
Diz-lhe uma irmã, com carinho:
Talvez não...

Só pensa em mim, noite e dia,
Embora o mundo desabe!
Mas, alguém, com, ironia,
Diz: Quem sabe?

E Laura, espiando a estrada:
Virá? Que ausência ele fez!
Passa a brisa, e, de malvada,
Diz: Talvez...

Sem essas frases tão frias,
Fosse tudo – sim ou não,
Muito menos sofrerias,
Coração!

SONETO À LAURA

No seu semblante angelical brilhava,
A incandescente estrela da alegria!
Ébrio de amor o coração sorria
O branco seio em gozo palpitava!

Da florida ventura então ardia
Nos olhos seus, captosa lava,
A boca ardente em canção soltava
Todo o seu corpo em convulsão tremia!

Entrou na alcova e de repente abrindo
O costureiro, os dedos seus tocaram
Num objeto perfumoso lírio brando.

Ocultamente aproximou-me da sua interior paz
Os lábios seus, quais colibris beijaram,
Uma fotografia minha de rapaz!

Oiteiro, 22/02/1901

SONETO DE AUTO-RETRATO

Um ser franzino, pálido, cansado,
Assim como eu, que ao menor mal me assusto,
Um ser que, miserável, anda a custo
Arrastando a existência acabrunhado...

Ser que, assim mesmo, inda se vê robusto
E corre atrás de lindo sonho alado...
Mas, tendo, eterno, o coração em susto,
Sente vulcões no cérebro incendiado.

Um ser que, ao murmurar tais coisas, chora,
Que faz do amor, na vida, o único fim,
Sem crer no bem daquela a quem adora...

Funesto e rude ser incompreendido,
Inútil, fraco e mau... Um ser assim
Melhor lhe fora jamais haver nascido.

SONETO DEDICADO AO MAESTRO HERMÍNIO BARBOSA

Hoje, querido amor, que desditosos
Estamos separados pelos mares,
Pego do meu violino, e os vãos pesares
Fogem celeremente aos sons maviosos.

Desferirei acordes harmonioso,
Sob o suave clarão desses luares.
Ó morena gentil dos meus sonhos!
Ó fonte pura dos meus puros gozos!

Sozinho, no meu triste isolamento,
Repilo para longe o metro e a rima,
Para abraçar meu mágico instrumento.

Mas, eis que aumenta a minha soledade...
Pois do violino a gemedora prima
É a corda gemedora da saudade.

SONETO DE UMA MÁGOA DE LAURA

*(Repartindo com o sobrinho Vicente
Ignácio Pereira)*

Pobre de mim, porque já não me amas
E mais vontade de possuir – te eu tenho!
E, assim, das chamas do desejo venho
E caio do desejo noutras chamas!

Carregarei, contudo, este meu lenho,
Com a paciência que mesmo tu proclamas;
Porque, vencendo oposição e tramas,
Ganharei o combate em que me empenho!

Hei de, afinal, qual mísero banido,
Que volta ao pátrio solo estremecido
Cingir – te nos meus braços novamente!

E ao cume das delícias transportado,
Esquecerei o teu rigor passado,
Que me punziu tão dolorosamente!

SONETO I

*(Ao meu irmão Ezequiel Antunes, no
dia de sua partida para o Salvador –
Bahia, em Recife, 16-04-1900)*

Às vezes quando assim me interno,
Num eterno cismar, eu me recordo,
Daquele adeus tão prolongado e terno
Quando de te eu despedi-me a bordo!

Partiste, caro irmão e de meus olhos,
Lágrimas quentes rolam em turbilhão,
Meu coração, nos íntimos refolhos,
Padece a dor dessa separação!

Foste para longe, para além mar partiste,
De pranto encheste esse meu peito triste,
Sempre ferido pela infelicidade!

Já declina o sol em intensa agonia
Morria o dia quando partiste, na sombria
Hora que nos impele à saudade.

Post escriptum:

Neste soneto singelo, mano querido, o meu coração
pontilhado de estrelas pequeninas! J.A.

SONETO II

Quando me vejo a sós com essa tristeza,
Na alma enlutece e afeta o coração.
Eu sinto em mim a subida da aspereza,
De um estranho e autêntico clarão!

Sobraram lágrimas na correnteza
Do oceano...(Oh! Maldição!)
Também mortes. A gélida incerteza,
Que toma conta de nosso coração!

Que seria de mim, gentil criança,
Encarnação sublime da esperança,
Nesta profunda e fria soledade!

Como sorves da sorte a taça amarga!
Ouve: sem teu amor não suportava
O compungir terrível da saudade!

Oiteiro, 01/02/1901.

SONETO PARA ÁLBUM DE MADALENA ANTUNES

Dizes andar pedindo aos prosadores
E aos poetas lindas frases buriladas,
Para, como um jardim se enche de flores,
Encher de um livro as folhas delicadas.

Não te nego! Também vivi de amores,
Fui milionário de ilusões douradas
E como os amorosos trovadores,
Cismeï por suaves noites enluaradas.

Julgava a vida uma ideal comédia,
E, descuidoso, abandonava as rédeas
Nas crinas do corcel da Fantasia.

Agora, Madalena, estou mudado!
Se quer um soneto bem rimado,
Vai pregar logo noutra freguesia...

SOU TEU RÉU?

Laura, amada sempre!
As línguas viperinas já te atiçaram a ira?
Escreveram-te, daqui do Acre
Difamando este teu pobre amante?

Disseram-te que ando te traindo,
E que por outra, até me apaixonei
Decantando – a em versos
Zombando, assim, do teu amor?

Não creias nessas infâmias,
Se por essas bandas existe alguma Isa ou Ida,
Com certeza não vai ultrapassar-te em beleza
Ou à tua magia de amar!

Eis o teu fervoroso amante,
Que só de pensar-te aflita
Traz o coração dorido
E os olhos rasos d'água!
Creia, amada minha,
Quero queimar, no fogo do inferno,
Se alguma vez te iludi, traí ou menti...
Sou teu fiel e devotado companheiro!

Mas, se por acaso sou teu réu, Laura,
Então, julga-me e dá-me o veredito.
Podes até condenar-me a cem anos de prisão,
Se em reclusão tiver-te ao meu lado!

Hei de amar-te até a morte
E se um pecado tenho é esconder o teu.
Afinal, sois casada e isso...não será traição?
Mas, creia, por amor te inocentarei!

Ah! Laura, a revolta me corrói o peito!
Saber que mulheres desocupadas
Escreveram-te para difamar-me...
Logo eu, tão devotado amante!

Estou, aqui, Laurinha...
Pensando em tua doce companhia,
Ao mesmo tempo...cheio de nostalgia,
Saudades, dores e mágoas!

Mágoas por saber-te em outros braços.
Oh! Laura, como dar asas ao camelo no deserto?
Ou dar vida a um peixe fora d'água?
Como fazer andar um aleijado de nascença?

Suplico-te, não dês ouvidos aos invejosos
Que não alcançam as solas dos teus sapatos...
Aqueles tantos, que guardam os teu mimosos pés,
Os quais beijei, em momentos venturosos!

A tal Isa ou Ida (sem volta)...
Que nunca vi e nem quero,
Certamente me tem no pensamento,
Mal sabe que só a ti posso amar!

Eis-me, Lazarina,
No tribunal do teu coração
Aguardando a sentença
Que sei, não será atroz!

Vejo-te, como um Juiz,
Martelo cravejado de flores na mão
E os Oficiais de Justiça, com algemas de seda
Prendendo-me, perpetuamente, ao seu amor...

São algemas de rica paixão
Onde o perdão impera e salva
Superando o crime
E flamejando o meu desejo!

Levem-me, Oh! homens da Justiça,
Ao presídio do oceano de Laura.
Nele quero morrer,
Poder alto gritar: Laura! Laura! Laura!

Sou teu réu, Laura?
Pois salva-me no teu colo macio
E condena-me a viver eternamente
Prisioneiro do teu amor!

TEMPO PERDIDO

Entre tantas, que amei, nenhuma, ao menos,
Deixou-me n'alma o espinho da saudade;
Amores passageiros e pequenos...
Grandes amores só na quantidade!

Beijos, pactos, promessas, juramentos,
Ficou tudo na tinta e no papel...
Hoje, são todos teus meus pensamentos...
Serei, ainda uma vez, ingrato e infiel?

A de quem ama proverbial cegueira,
Fez-me cair no abismo, em que caímos,
Resvalamos pela íngreme ladeira...
O que os outros bem viam, nós não vimos.

Verdor dos anos, inconsciência ou crime?
O amor tudo redime.
Pois, se pecamos, minha ardente amiga,
O fato é que nos arrependemos...
Se alguma dor nos fere, e nos castiga,
É pensarmos no tempo, que perdemos!

TESTAMENTO DE PEDRO PARREIRA

*(Soneto incompleto, escrito por Juvenal
aos 18 anos e encontrado no bolso da
fantasia de Judas, da sexta – feira San-
ta, usada por Juvenal).*

Este que morto aqui jaz
Chamou – se Pedro Parreira.
Foi mui galante rapaz
Amigo de todos, na boa paz!

Não é, pois, para estranhar,
Desta passando à melhor,
Que em vida queira legar
A vós, tudo o que possui de maior!

Deixa ao chefe da irmandade,
Ao coronel reformado,
O cobre que traz no bolso guardado,
Para fazer caridade.

Ao poeta d'água doce,
Por ser “bacharel” formado
Deixa uma terra em litígio,
Do vale lá do outro lado!

À Maria Madalena,
Por gostar de homeopatia
Deixa o Pedro por herança,
Este frasco de água fria!

Deixa ao Olympio Pereira,
O emprego federal –
O seu relógio de prata,
Que sempre foi sem igual!

À sua amiga Guidinha,
Para que fique mais bela,
Deixa precioso legado:
A sua forte espinhela!

À Belarmina Curicaça,
Por ser tão gentil crioula..

.....
(Poema Incompleto...)

TRÊS SONHOS

Oscar, Paulo e Abelardo, ouvindo à sorte
A tentadora voz, que a todos chama,
Escravos do desejo, que os inflama,
Partem, tomando cada qual seu norte.

Procura Oscar riquezas; glória ou fama
Busca Paulo; e Abelardo quer a morte
Se, em troca da paixão, que tem tão forte,
Não alcançar o amor de sua dama.

Partem... Já longos anos são passados...
Um dia volta Oscar com os cobiçados
Tesouros, com a riqueza que sonhou,

Volta Paulo com os loiros da Vitória,
Traz o diadema da sonhada glória,
Mas, Abelardo... nunca mais voltou!

TUA IMAGEM

Senhora, antes que o sol de minha fantasia,
Nas brumas da descrença envolva se abatido
E deste coração ascético, traído,
Force a pomba ideal, florida alegria.

Quando não mais luzir o astro que luzia,
Nesse oceano de luz, para sempre escondido
Ouve a triste canção de um viajante perdido,
As notas celestiais de morta melodia.

Por mais que ingratamente, os lírios da ventura
Sigam todos, cruéis, a luz que além fulgura,
Qual novo Redentor do mundo, a imagem tua!

Além, no azul céu, entre nuvens e flores,
Divinas surgirão repletas de esplendores,
Nas ternas laticências pálidas da lua!

Oiteiro, 23/02/1901.

TUA PALMA

Amo-te ainda e sempre! A tua luz do dia
Surja após esta noite e seus lamentos...
E voem para ti meus pensamentos,
Saiba-te falsa embora, falsa e fria!

Terei até nos lábios a alegria,
A alegria fictícia dos tormentos
Que, abafando os mais rudes sofrimentos,
Num sorriso tristíssimo irradia...

Distribuirei olhares e canções...
Farei versos a outras... e irei, terno,
Murmurando fingidas confissões...

Tu, no entanto, terás mais bela palma:
A glória deste amor, único, eterno,
E a adoração constante de minh'alma!

TURRIS EBURNEA

Quem estes versos faz sentindo o pranto,
Já tanto amou, já sofreu tanto!
Beijou, ajoelhou, idolatrou,
Mas foi tudo em vão!
Conheço quanto fui louco:
Vale bem pouco um coração...

Mais vale perjurar, trair, mentir,
Cerrar as portas d'alma, a boca abrir,
Fugazes afetos comparando,
Vendendo o amor, ser vencedor,
Mas o amor do poeta é bem nobre e constante,
Ama a saudade, adora o sofrimento,
Une o ser amado ao ser amante.

Vem, ó Turrus Ebúrnea, ó meu sonho alvo e lindo,
Sorrindo erguer do chão
A minha lira e o meu coração!

ÚLTIMO SONHO

À minha mãe!

Foi – se do peito em ilusão tão grata,
De meus amores, dulcida chinesa,
Somente a dor, a dar cruel limpeza,
Essa terrível dor que oprime e mata!

No doloroso coração a leva
Dessa fatal descrença, tão ingrata,
Floresce luar claríssimo de prata,
De minha vida o sol da primavera!

Mas, no meio de todas essas dores,
De tanto fel, de tantos dissabores,
Existe um sol em que o olhar deponho!

Posso bater – me contra a sorte escura:
É esse teu olhar, oh! Mater pura!
Oh! Minha fé, meu derradeiro sonho!

VENTURA

Nas madrugadas de verão, costume
Me levantar com o claro sol radioso,
E encontro um novo e delicado gozo
No meu viver. Tomo café, e fumo.

Seguindo, então, meu pensamento o rumo
De idéias gratas e felizes ousou
Pensar que o mundo é plácido e formoso
E é ditosa a existência, que eu consumo.

Ditosa, sim, porque é ventura plena
Encher a noite de ósculos de amor
E, após, gozar esta manhã tão linda...

Enquanto tu, ó Laura, assim serena,
No nosso leito, sob cobertor,
Fatigada de amar, dormes ainda!

VERÁS

Verás, respondeu Laura, se orgulhosa
Pode ser a mulher que me ama e me receia!
Parecendo-te altiva e desdenhosa,
Desta paixão por ti trago a alma cheia!

Feliz é quem odeia
E extravasa o seu ódio em voz fogosa...
E em seus próprios rancores se incendeia
E calunia a amante mais virtuosa?

Mas, eu sei que em tu'alma já resido
Há muitos anos! E o que tenho sido
Na tua vida, serei sempre contra as injúrias,
Mesmo atacado de ciúmes e fúrias!

Cobrisses-me de insultos e ainda
O meu amor por ti,
Poeta, não finda,
Embora ciente que teu coração parti.

Acre, 04/05/1940

VERITAS

Entre amantes não há maior loucura
Do que, à menor suspeita,
Ou mesmo havendo a mais robusta prova,
O homem, armando horrível catadura,
E a fraca dama, em lágrimas desfeita,
A uma velha afeição abrindo a cova
Brigarem, num momento,
Duas almas unidas...
Porque a verdade é esta,
Que ninguém me contesta:
A gente sofre mais com o rompimento
Do que com mil ofensas recebidas.

VERSO SOLTO I

Ontem te vi, meu anjo...
Descendo tão faceira os degraus
Da Matriz – Senhora da Conceição –
Que viu o nosso amor florescer!

VERSO SOLTO II

Ah! Laura! Amada amante!
Eu já não como, nem durmo...
Só pensando em ti e remoendo
Esse voraz desejo a me consumir!

VERSO SOLTO III

A noite insidiosa vai-me atormentando
Com mil pesadelos, saudades...
Penso em ti, ardorosa mulher,
Legítima proprietária dos meus domínios
Onde a tua coroa de ouro é o meu amor,
E o cedro é este meu constante desejo.
Oh! Laura, quanto te amo...
Abdico do meu castelo e de todas as honrarias.
Apenas para amar-te...amar-te...amar-te”!

VERSO SOLTO

Teus olhos, criança,
São lumes, são brasas
Acende-os as asas,
Da verde esperança...

Oiteiro, 23/02/1901

VERSO SOLTO

Pela amplidão infinda dos espaços
Rutilam raios ríspidos, raivosos,
Uns tons de luar alvinitente, escassos,
Rostos gentis dos astros luminosos!

Oiteiro, 29/04/1901

VERSO SOLTO

...mais de trinta anos nosso amor viveu!
Agora, Laura, como ele cresceu!
És mais, mais amor...és minha glória!

Acre, 20/11/1938

VITALÍCIA

Laura, achava que o Poeta que cantava,
Que fumando, se ria, que, se rindo,
Mais ria, mais bebia, mais fumava,
Nada sofrendo estava, nem sentindo?

E, Laura, louca Laura, enfim pensava
Que meu amor estava dormindo...
Eu amava, eu amava, eu muito amava,
Laura, não me ouviste? Estás dormindo?

Vem, meu sol, minha lua, meu paraíso,
Rincão do meu amor, preciosa vida,
Minha Poesia, meu sorriso...

Tu pensaste ficar no esquecimento?
Julgaste ser por mim, Laura, esquecida?
És tu a dona do meu pensamento...

VULCÃO

Quem te conhece assim, simples, modesta,
De olhos baixos, discreta e recolhida,
Com esse Cándido porte, que te empresta
Um ar de melancolia compungida,

E ouve-te a voz tão sussurrante e mesta,
Como uma doce nota sustentada,
Fica a pensar que alguma dor te infesta,
Que alguma mágoa te consome a vida.

Toda a gente, entretanto, anda enganada;
És, entre as mil mulheres que eu conheço,
A mais ardente, a mais apaixonada...

Semelhas o vulcão, perfeitamente:
Por fora – pedra, argila, areia, gesso;
Por dentro – fogo, lava incandescente!

SOBRE A AUTORA



Rauana Batalha Albuquerque Mendes, rio-branquense, nascida em 1º de outubro de 1985, graduada em Letras Vernáculas pela Universidade Federal do Acre (Ufac) no ano de 2006 e mestra em Letras: Linguagem e Identidade pela mesma instituição, em 2011. Atuou como professora e, depois, como formadora na Educação Infantil do município de Rio Branco, de 2006 a 2014. Atualmente, é servidora efetiva da Ufac, atuando na área de inclusão, no cargo de Técnica em Assuntos Educacionais. Esposa de Macelo, mãe da Amora e serva do Deus Eterno.

Estudos sobre a obra poética de Juvenal Antunes deram origem a este livro. Os poemas desse escritor foram coletados nos jornais do Acre. Como fruto da pesquisa em outros estudos críticos da literatura brasileira, especialmente do Nordeste, terra de nascimento do poeta, foi possível situar melhor os poemas no espaço e no tempo, no sentido de revelar suas opções formais, de conteúdo e imagéticas. Logo, em vez de encontrar uma obra de temática regional, somos surpreendidos por um conjunto de poemas que cantam o amor, a saudade, o bem querer, as coisas miúdas do dia-a-dia e os prazeres contagiantes da terra natal, enquanto nos seus versos sobre o Acre, sua terra natal por opção, o autor demonstra certa preocupação com a exploração do homem nos seringais, na época da crise da borracha. Outra faceta da obra do poeta evidencia a sua face irreverente por meio de poemas humorísticos e satíricos, mais consoante o seu modo de ser, de pensar e de agir.

